

I Congresso Lusófono de Ciência das Religiões Religiões e Espiritualidades, Culturas e Identidades

Anais

Coordenação de:

Paulo Mendes Pinto

Carlos Calvacanti

Sérgio Junqueira

Eulálio Figueira

Volume XVI

Formas Religiosas do Movimento Espiritual na
Nova Era

Coordenação

João Antero (ECATI-ULHT)

Salomé Marivoet (CPES/FCSEA-ULHT)

**I Congresso
Lusófono**
de Ciência das
religiões


UNIVERSIDADE
LUSÓFONA

**DEPARTAMENTO
DE CIÊNCIA
DAS RELIGIÕES**

RELIGIÕES E ESPIRITUALIDADES
CULTURA E IDENTIDADES

Outubro de 2015

Edições Universitárias Lusófonas

Data: Outubro de 2015.
I Congresso Lusófono de Ciência das Religiões
Religiões e Espiritualidades – Culturas e Identidades
LISBOA | 9 a 13 de maio de 2015

Organização:
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Em parceria com:
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Universidade do Estado do Pará
Universidade Federal de Juiz de Fora
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Grupo Coordenador da Comissão Organizadora:
Paulo Mendes Pinto (ULHT), Carlos André Cavalcanti (Un. Fed. Paraíba), Emerson Silveira (Un. Fed. de Juiz de Fora), Eulálio Figueira (PUC-SP), Flávio Senra Ribeiro (PUC Minas), Manuel Ribeiro de Moraes Júnior (Un. do Est. do Pará) e Sérgio Rogério Azevedo Junqueira (PUC-PR)

Restante Comissão Organizadora:
Alfredo Teixeira (Un. Católica Portuguesa), Celeste Quintino – (ISCSP – U. de Lisboa), Deyve Redyson (Un. Fed. Paraíba), Douglas Rodrigues da Conceição (Un. do Est. do Pará), Edin Sued Abumanssur (PUC-SP), Edite Maria Fracaro Rodrigues (PUC-PR), Henrique Pinto (ULHT), Lidice Meyer Pinto Ribeiro (UP Mackenzie), Marina Pignatelli – (ISCSP – U. de Lisboa), Nuno Simões Rodrigues (FL-UL), Roberlei Panasiewicz (PUC Minas) e Sylvana Brandão (Un. Fed. de Pernambuco/ Un. Cat. Pernambuco)

Índice

- 4 *Salomé Marivoet e João Antero*, Formas Religiosas do Movimento Espiritual na Nova Era
- 6 *Salomé Marivoet*, A Espiritualidade da Nova Era como Fenómeno Religioso Emergente das Sociedades Contemporâneas Reflexivas e Pós-Tradicionais.
- 25 *Silas Guerriero*, A Nova Era em São Paulo: Questionamentos sobre o conceito de Religião.
- 39 *Eugenia Roussou*, Religiosidade Portuguesa em Transformação: uma Discussão Antropológica da “Nova Espiritualidade” Contemporânea em Lisboa da Crise
- 51 *Thiago de Menezes Machado*, Rituais Evangélicos alternativos: empréstimos *New Age* em Cultos Evangélicos.
- 67 *Luís Resina*, Religião e Espiritualidade na Nova Era, Diferenças e Similitudes. O Fenómeno Aquariano na Década de Sessenta.
- 72 *Kimón*, A Abrangência Humana e Estabilidade Histórica da Estrutura Simbólica do Baralho de Tarot como Elemento Fundamental para a Construção de Modelos Transcendentes e Religiosos
- 86 *Paulo Maia*, Da Mediunidade e da Mística. O Experienciar a Ligação ao Divino ou a outros Planos/Dimensões como meio de Auto-Conhecimento e Desenvolvimento Espiritual
- 105 *João Antero*, As Ferramenta da Evolução Espiritual na Nova Era
- 116 *Giordano Cimadon e Marco Antonio Marcon*, Resposta ao “Problema do Mal” no Gnosticismo Contemporâneo e o Diálogo com o Catolicismo em Contraponto à Condenação do Catarismo
- 128 *Fábio L. Stern*, Erínome: a Recriação de um Personagem Mitológico pelo Neopaganismo e pelo Movimento da Deusa
- 142 *Zina Abreu*, Em Busca da Felicidade: a Astrologia como Forma Religiosa do Movimento Espiritual da Nova Era
- 160 *Olga Sotto*, A Terapia através da Cor do Desenho e da Pintura. Viver a Nova Realidade e Intuir outras Dimensões

Formas Religiosas do Movimento Espiritual na Nova Era

Coordenadores:

Salomé Marivoet (CPES - ULHT)

João Antero (ECATI - ULHT)

A Nova Era, associada à passagem da regência astrológica do signo de Peixes ao de Aquário, deu o nome a um movimento espiritual, amplamente difundido desde o aparecimento da internet nos anos noventa. Os princípios religiosos em que se funda a espiritualidade na Nova Era, não são criações totalmente novas, pois recebem a influência das tradições religiosas ocidentais, orientais, e até mesmo das culturas indígenas. Acrescem, no entanto, novos saberes, novos conhecimentos, produzindo fortes rupturas na concepção religiosa tradicional do Ocidente, espaço em que predominantemente emergiu o movimento.

A espiritualidade na Nova Era funda-se numa nova consciência humana, num caminho inscrito na evolução da humanidade à escala planetária. O ser humano, na sua dupla natureza masculina e feminina, é entendido como partícula do todo, do universo, de Deus, i.e., todos somos UM. A natureza do *religare* que lhe está subjacente, de unir e de fundir, exerce-se pela via energética ou vibracional do coração, numa concepção ontológica que une o *sentire* ao *cogito ergo sum* cartesiano, e deste modo introduzem-se novos dilemas na tradição ocidental da consciência moral do bem e da culpa do mal. O caminho, o objectivo principal, é o da evolução do ser como requisito da evolução do todo mais imediato, entendido como mundo físico: Gaia, o planeta Terra de que nos tornámos habitantes em coabitação com muitos outros seres de vários reinos, como o vegetal, mineral, animal e etéreo.

Os princípios religiosos da espiritualidade na Nova Era impõem assim aos seus seguidores, aos crentes, a assunção de uma responsabilidade pessoal, de uma ética pessoal de compromisso no seu auto-aperfeiçoamento manifestado na praxis quotidiana. O processo de aprendizagem aqui implícito, ultrapassa o nível de compreensão de um modo de ser e de agir, pois exerce-se no âmago do ser, é antes de mais uma procura pessoal, um caminho iniciático que cada um precisa de percorrer sozinho, ainda que com a possibilidade de recorrer a ajudas de seres dos reinos físicos e não físicos. Transpõe-se, assim, a tradição religiosa da centralidade da palavra profética compilada em livros sagrados que apontam o caminho, proclamado pelos sacerdotes das respectivas Igrejas de fiéis.

Apesar dos seguidores da espiritualidade na Nova Era reconhecerem a passagem pelo planeta Terra dos profetas das religiões tradicionais, ou mesmo os grandes mestres orientais, reconhecem muitos outros seres angélicos, ou mestres ascensos, dotados de um poder comunicacional com os humanos evoluídos do tempo presente, ou seja, os portadores de um nível vibracional subtil, por demarcação do denso ligado à materialidade e ao ego. Os crentes são assim estimulados a olharem para dentro de si próprios, onde encontram o conhecimento pela ligação directa aos reinos angélicos, e deste modo, assiste-se à democratização do acesso ao divino, amplamente veiculado no espaço aberto da internet pelos dianteiros ou precursores do movimento, nomeadamente através de canalizações. Deste modo, ultrapassada a necessidade de intermediários eclesiásticos de uma estrutura organizacional característica das Igrejas tradicionais, cada crente torna-se mestre de si próprio, onde a oração, o culto, pode assumir diferentes práticas e terapias, recentradas num corpo holístico, onde o físico se interliga ao etéreo.

Constitui objectivo deste simpósio o aprofundamento do conhecimento e da reflexão em torno das manifestações ou formas religiosas do Movimento Espiritual na Nova Era nos países lusófonos, através da participação de estudiosos ou interessados sobre o tema, não necessariamente académicos ou investigadores.

A ESPIRITUALIDADE DA NOVA ERA COMO FENÓMENO RELIGIOSO EMERGENTE DAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS REFLEXIVAS E PÓS-TRADICIONAIS

Salomé Marivoet¹ (CPES-FCSH-ULHT)

Resumo

As profundas e aceleradas mudanças nas sociedades marcadas pela modernidade ocidental, em parte decorrentes do processo de globalização em curso, provocaram alterações nos modos de pensar, sentir e agir, colocando os tempos presentes numa tardomodernidade reflexiva e pós-tradicional. Neste contexto, interrogamo-nos, em que medida a espiritualidade do movimento Nova Era introduz um paradigma religioso pós-tradicional, emergente da realidade social contemporânea. Neste trabalho são apresentados os resultados preliminares de um estudo exploratório orientado para a problematização teórica do objecto em análise, alavancada em testemunhos empíricos publicados ou publicitados em websites especializados de língua portuguesa. Tanto quanto nos é dado observar, o movimento espiritual Nova Era introduz um novo paradigma que rompe com as formas religiosas da tradição, em particular pela democraticidade do acesso à verdade formular em que se alicerçam as suas crenças, remetendo-o para a consciência interior dos indivíduo e em observância com o livre arbítrio de cada um, e desse modo suprimindo o papel mediador das tradicionais hierarquias eclesiásticas ou "guardiães" das estruturas religiosas institucionalizadas.

Palavras chave: Sociedade, Religião, Pós-tradição, Nova Era

Abstract

The profound and rapid changes in societies marked by western modernity, partly stemming from the ongoing globalization process, caused changes in ways of thinking, feeling and acting, putting in the present days a reflexive and post-traditional late modernity. In this context, we question to what extent the spirituality of the New Age movement introduces a post-traditional religious paradigm, emerging of the contemporary social reality. This paper presents the preliminary results of an exploratory study toward the theoretical approach the object in analyse, leveraged on empirical evidence published or advertised in Portuguese specialized websites. As far as we have observed, the spiritual New Age movement introduces a new paradigm that breaks with the tradition of religious forms, in particular the democratic access to formulaic truth in that underpin their beliefs, sending it into the higher inner consciousness the individuals and in compliance with the free will of each, and thereby

¹ Doutorada em sociologia, professora associada da ULHT e investigadora associada do CPES - Centro de Pesquisa e Estudos Sociais, smarivoet@ulusofona.pt

suppressing the mediating role of traditional ecclesiastical hierarchies or "guardians" of institutionalized religious structures.

Keywords: Society, Religion, Post-tradition, New Age

Introdução

O fenómeno religioso encontra-se em todas as culturas e épocas históricas, ainda que as ideias e as formas com que se manifestam as crenças, se encontrem sujeitas à mudança no espaço e no tempo. Neste contexto, interrogámo-nos, em que medida o movimento espiritual Nova Era introduz um paradigma religioso pós-tradicional emergente da realidade social contemporânea.

Como Durkheim (2000 [1912]) e Weber (1990 [1905]) evidenciaram, as religiões são um produto das sociedades em que emergem, que inspiram e animam os seus crentes a agirem na construção de uma nova realidade. Deste modo, as crenças religiosas não são abstracções puras, pois não só advêm de contextos culturais concretos, como constituem a força mobilizadora dos povos na construção do seu futuro.

Somos então levados a concordar com Durkheim, quando afirma na sua obra "As Formas Elementares da Vida Religiosa", que não existem religiões falsas, por considerar que "todas são verdadeiras a seu modo: todas correspondem, ainda que de maneiras diferentes, a condições dadas da existência humana" (2000 [1912], p. VII). Partindo deste pressuposto no estudo dos fenómenos religiosos totémicos, tal como se propôs Durkheim (2000 [1912], p. 487), o autor aconselha o investigador a descobrir a verdade, por "mais estranhas" que sejam "as aparências". Também Weber (1990 [1905]) demonstrou na sua obra "A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo", como a influência religiosa foi determinante nas mudanças sociais que contribuíram para o estabelecimento da nova ordem Moderna na civilização ocidental. Como concluiu, ainda que se tenha tratado de efeitos não esperados, assistiu-se à alteração da estrutura social e produtiva, o estabelecimento do trabalho como vocação, e a acumulação do lucro, ou seja, o espírito do capitalismo. Na realidade, o sistema de crenças religiosas constitui uma alavanca poderosíssima na organização social.

Grosso modo, como desenvolveremos neste trabalho, a emergência de uma Nova Era alicerça-se em axiomas evolucionistas da humanidade num contexto de mudança planetária, que capacitará os humanos a acederem a níveis vibracionais mais elevados ou subtis, daí falar-se em processo de ascensão como o caminho. Como veremos, estas mudanças cósmicas relatadas por entidades extrafísicas canalizadas por seres humanos, terão começado a ser percebidas desde a década de noventa do séc. XX, justamente num tempo em que as telecomunicações por satélite se generalizaram com o uso recorrente dos telemóveis, e se assistiu ao surgimento da internet com a criação de um

espaço virtual que veio revolucionar, em grande parte, os modos de circulação de informação, de produção e de estabelecimento de relações pessoais e comerciais.

Sem se pretender estabelecer qualquer tipo de relação entre a expressão de uma nova espiritualidade e estes eventos científicos ou tecnológicos, será, no entanto importante realçar, que neste tempo histórico se terão encontrado as condições cognitivas de projectar, operar e vivenciar realidades não físicas, virtuais ou metafísicas. Também, não deixa de ser verdade, que o maior conhecimento da física da Terra permitiu conceber uma noção quântica da realidade energética da matéria, naturalmente, só possível devido ao desenvolvimento de instrumentos de observação telescópicos e do manuseamento de partículas em circuitos laboratoriais, mas principalmente, porque surgiram inquietações que levaram à procura de novo conhecimento sobre a realidade não visível. Falar então nos tempos presentes em energias, ou perceber a realidade como energia em potência (para o bem ou para o mal), não chocará um número alargado de pessoas, em particular as mais informadas e/ou as sensitivas. Neste último caso, estamos a referir-nos às que dizem senti-las ou manuseá-las, muitas das quais, seguidoras ou próximas do movimento espiritual Nova Era.

Também será plausível considerar, que sem as recentes inovações tecnológicas introduzidas recorrentemente nos quotidianos, teria sido difícil a um alargado número de pessoas à escala global, acreditar, que entidades não físicas (por isso não visíveis aos olhos dos humanos), se comunicariam com seres terrenos para lhes fornecerem informações sobre mudanças planetárias, isto é, mudanças energéticas na rede magnética do planeta, que capacitariam o acesso dos humanos a estados de vibração mais subtis, potenciados por portais identificados por séries numéricas do tempo que rege o plano físico. De facto, a percepção do universo e da vida na Terra foi largamente ampliada nas últimas décadas. Somos então levados a constatar, que a verdade que fundamenta as crenças da Nova Era, a linguagem e as narrativas que as expressam, não seriam facilmente compreendidas num outro tempo histórico, tal como continuarão muito provavelmente a não ser, em determinados espaços culturais pouco familiarizados com os desenvolvimentos científicos ou tecnológicos.

Por sua vez, as narrativas religiosas tradicionais do Ocidente, tendem a tornar-se de algum modo obsoletas ou demasiado simplistas aos olhos de muitos, no actual estágio cognitivo de abstracção e apreensão da realidade. Por um lado, como sinalizaram alguns estudiosos do fenómeno, reconstruir um conjunto de factos localizados num contexto cultural de um tempo histórico longínquo, num ritual ou culto renovador do caminho da

verdade nos tempos presentes, deixou de fazer sentido para muitos que procuram formas religiosas alternativas (Sutcliffe & Bowman, 2000; Hunt, 2004; Sutcliffe & Gilhus, 2014). Por outro, pode também ser apreendido pelas confissões ou Igrejas dominantes no campo religioso, na acepção de Bourdieu (1994), como uma ameaça ao poder e legitimidade instituído, e desse modo justificarem acções de descredibilização das novas crenças, numa tentativa de as manter afastadas justamente do campo religioso.

Esta demarcação do fenómeno religioso, que como veremos é igualmente veiculada por alguns dos mais comprometidos com o movimento espiritual Nova Era, é também corroborada por Paul Heelas (1996), um dos primeiros académicos a escrever sobre o tema. Este autor do Reino Unido (Lancaster University), associa a Nova Era à designação da Era do Aquário evocada pelos movimentos da contra-cultura no final dos anos sessenta e setenta, com práticas da tradição esotérica, espiritualista ou mística, como manifestações de afirmação da sacralidade do self por oposição a uma sociedade colectivista e coerciva da liberdade individual. Já do outro lado do oceano, o norte americano Woulter J. Hanegraaff (State University of New York), apresenta uma interpretação diferente do fenómeno, designando-o de New Age Religion. Tendo por base uma alargada base de análise empírica, Hanegraaff (1998) contextualiza o fenómeno na cultura ocidental, e em particular na crescente secularização das tradições esotéricas durante o séc. XIX,

Para os sociólogos Ulrich Beck, Anthony Giddens e Scott Lach (2000), as fortes e aceleradas mudanças nas sociedades ocidentais, provocadas em grande medida pelo processo de globalização, colocam-nos num estádio avançado da modernidade, que adjectivam de reflexiva ou pós-tradicional. Giddens (1994, 1995, 2000a: 54, 60), adjectiva-a também de tardia ou radicalizada, marcada pelos "processos de esvaziamento, exumação e problematização da tradição"; tradição entendida por este autor enquanto memória colectiva, "que envolve ritual e está conectada com a noção formular de verdade, tem 'guardiães', e ao contrário do costume, tem carácter de obrigatoriedade que combina um conteúdo moral e emocional".

Por um lado, como esclarece a sociologia, vivemos num tempo em que a agência (os indivíduos) adquiriu uma maior capacidade de pensar as estruturas sociais (a consciência ou herança colectiva), sendo que estas tanto constroem como capacitam os indivíduos à reflexão ou ao questionamento sobre a credibilidade ou pertinência das mesmas na orientação das suas escolhas ou acções (Giddens, 2000b). Deste modo,

encontram-se abertas novas e alargadas possibilidades de mudança nas maneiras de pensar, de sentir e de agir dos indivíduos. Por outro, esta reflexividade associada ao processo de globalização, tem levado como defende Giddens (2000a, p. 92-3), à "escavação da maior parte dos contextos de acção", alterando o equilíbrio entre tradição e modernidade"²; nas suas palavras: "Ao passo que a tradição controla o espaço por meio do seu controlo sobre o tempo, com a globalização dá-se o contrário", acrescentando, "a globalização é essencialmente 'acção à distância'; a ausência predomina sobre a presença, não na sedimentação do tempo, mas devido à reestruturação do espaço".

Como começamos por referir, a nossa interrogação inicial pretendia saber, em que medida o movimento espiritual Nova Era introduz um paradigma religioso pós-tradicional, emergente da realidade social contemporânea. Tendo então por base os contributos teóricos dos autores mobilizados para a análise do problema em discussão, elegemos como objecto de estudo da nossa linha de investigação, conhecer a verdade que sustenta a crença da Nova Era, para a partir daí podermos compreender as práticas religiosas que encerra este novo movimento espiritual, os contextos sociais que permitiram a sua emergência, e os impactos que porventura produzirá nas vidas dos seus seguidores ou crentes e tendência que daí poderão resultar para uma eventual nova ordem social.

Por agora, propomo-nos apresentar os resultados preliminares de um estudo exploratório orientado para a problematização teórica do objecto em análise, alavancada em testemunhos empíricos publicados em obras ou publicitados em websites dedicados ao tema e em língua portuguesa. Assim, e ainda que de forma concisa, propomo-nos neste ensaio, descortinar a linguagem e identificar os principais factos e narrativas que dão corpo à verdade formular das crenças do movimento espiritual Nova Era, e fundamentam as novas formas ou práticas religiosas que lhe estão associados.

O Espaço-tempo da Nova Era

As crenças do movimento espiritual Nova Era fundamentam-se no axioma, de que o universo físico e supra-físico se encontra em constante evolução, sendo regido por leis básicas e fundamentais que assim o determinam, como justamente, a da Evolução, do

² Apesar da modernidade estar associada ao corte com a tradição religiosa dominante nas sociedades ocidentais pré-modernas, Giddens (2000b, p. 53) defende, que a "modernidade reconstruiu a tradição à medida que a dissolveu", i.e., foi alterando as narrativas. Na mesma linha de pensamento, Jean-Claude Eslin vai mais longe ao afirmar, que "O modelo liberal anglo-americano, que domina hoje em dia, não está isento de referências para com a religião, pressupõe-na" (Eslin, 2000, p. 251).

Karma, e da Reencarnação. Crenças que não são novidade, pois encontram-se igualmente presentes nas tradições oriental e esotérica ocidental, assim como em movimentos espiritualistas, incluindo o cristianismo místico (como a Fraternidade Rosacruz surgida no séc. XVI na Alemanha), e a teosofia criada nos Estados Unidos no final do séc. XIX (Sutcliffe & Bowman, 2000; Sutcliffe & Gilhus, 2014).

José Caldas (2011b, p. 123), na sua obra "Roteiro para uma Nova Era. Síntese actualizada dos ensinamentos Teosóficos e Espiritualistas" (Tomo II)³, assinala que a partir de 8.8.88 (8 de Agosto de 1988), se deu início a um novo estágio de desenvolvimento da humanidade, que, nas suas palavras, "exigiu a entrada e o contacto com energias imateriais (referidas em muitas canalizações recentes) cuja função é de contribuir para o ajustamento da rede magnética da Terra e a criação de condições para o processo de subtilização da vida planetária". Segundo esta fonte, a Nova Era é entendida como uma nova etapa da evolução da humanidade e do Planeta, decorrente da Lei da Evolução do Universo⁴, por isso um facto ímpar situado no tempo histórico da Terra, advindo de mudanças nas condições existenciais metafísicas, i.e., a expansão da consciência não apenas a um nível planetário ou solar, mas sistémico ou cósmico⁵.

Na identificação dos factos que dão corpo a esta mudança evolucionista no planeta Terra, torna-se incontornável a análise das narrativas ou revelações publicadas a partir de 1993 pelo norte-americano Lee Carroll, que reúne actualmente em 12 livros

³ A Sociedade Teosófica, fundada em 1875 pela escritora russa (ucraniana) Helena Petrovna Blavatsky e o norte americano Henry Olcott, teve como principais divulgadores Annie Besant e Charles Leadbeater, cujas obras foram traduzidas para português por Fernando Pessoa. Em 1878, Blavatsky e Olcott partiram para a Índia, daí a forte influência da tradição oriental nos ensinamentos teosóficos.

⁴ Nos ensinamentos teosóficos, a Lei da Evolução caracteriza-se por três etapas: infrahumana, humana e superhumana. A passagem por estas etapas interliga-se com a activação de cada um dos chakras (do sânscrito, que significa roda). Na tradição oriental, os sete chakras são: 1. raiz/base (vermelho); 2. sacro (laranja); 3. plexo solar (amarelo); 4. cardíaco (verde ou rosa); 5. laríngeo (azul claro); 6. frontal ou 3.º olho (azul índigo/branco); 7.º coroa (violeta/branco). Os chakras são considerados "vórtices energéticos presentes à superfície dos corpos imateriais, cuja função é receber, especializar e distribuir a energia prânica" (Caldas, 2011b, p. 55). Cada um destes chakras está directamente ligada a um dos sete corpos humanos, concepção igualmente presente na tradição oriental (1. Físico; 2. Etérico (energia vital/prána); 3. Astral (emocional); 4. Mental (personalidade), 5. Causal (consciência); 6. Búdico (Alma divina); 7.º Atmico (Espírito), sendo que a sua activação progressiva através de exercícios e práticas espirituais particulares, facilita o desenvolvimento das capacidades e potencialidades que cada corpo pode proporcionar.

⁵ Para os teosóficos, a consciência a nível planetário ou solar significa a ligação entre o Eu inferior e Eu Superior, correspondendo o primeiro aos corpos mental, astral e físico-etérico, e o segundo aos corpos Átmico, Búdico e Mental superior/causal (Caldas, 2011b, p. 140).

traduzidos em vários idiomas as suas canalizações da entidade extrafísica Kryon do "serviço magnético" da Terra (como se intitula)⁶.

No Livro I, intitulado "Os tempos finais - nova informação para a paz pessoal", onde se encontram reunidas as canalizações entre Dezembro de 1991 e o início de 1992, Kryon (pela mão de Lee Carroll) terá dito, que a sua chegada ao planeta Terra se deu em 1989, nas suas palavras: "(...) estou cá desde 1989. Tenho o meu próprio grupo de apoio, que está neste momento na órbita do vosso planeta Júpiter. O apoio maioritário que me prestam está ao nível da energia e recursos necessários ao meu trabalho" (2011 [1991], p. 53).

É também referido, que existem oito entidades no mundo a realizar idênticas canalizações, para além de muitos outros a transmitirem a mesma mensagem, o que retira a exclusividade deste canalizador (ou um outro qualquer) no acesso à informação do além, contrariando assim a tradição profética das religiões ocidentais, em endeusarem figuras lendárias que se demarcaram pelo seu testemunho na comunicação com o divino. Segundo esta fonte, terá então existido um trabalho energético de alinhamento magnético do Planeta Terra, realizado por uma entidade coadjuvada por um grupo de apoio, que teve o seu início em 1989 e terminou em 2002:

Foram necessários três anos de trabalho para a abertura do vosso ano de 1992. O dia 1 de Janeiro de 1992 marcou o ano de mudança, continuando através de um progresso de onze anos até à sua potencial conclusão a 31 de Dezembro de 2002. Não estarei cá após essa data (...) A minha tarefa não se alargará para além de catorze anos, três dos quais já passaram, trazendo-vos um período muito importante e significativo para a Terra (Kryon, 2001 [1991-2], p. 54).

Segundo esta revelação, este alinhamento terá tido por objectivo permitir aos humanos iluminados e equilibrados existirem e viverem no planeta, com a advertência, de que "aqueles que não estiverem ainda preparados, não conseguirão lidar com esta mudança. Alguns permanecerão na Terra, e aqueles que não o conseguirem, reencarnarão e renascerão com o alinhamento correcto", acrescentando que, "as repercussões na vossa sociedade constituem a parte negativa da minha passagem" (2001 [1991], p. 37).

⁶ Actualmente existem transcrições ou vídeos das canalizações publicitados em vários sites da internet (cf. Fontes Documentais on-line).

Prefigura-se então, que as mudanças que permitiram a entrada numa Nova Era, têm uma origem energética na metafísica do planeta, que por sua vez criou a possibilidade dos seres humanos ascenderem energeticamente a vibrações existenciais mais subtis do cosmos. No fundamento destas crenças, encontra-se como já referimos, um princípio evolucionista sem retrocesso, uma vez que se considera que aqueles que não se mobilizarem para esta mudança, terão sérias dificuldades em manter a sua existência física no planeta, apresentando-se por isso o caminho da ascensão como uma inevitabilidade da humanidade, ainda que em respeito com o livre-arbítrio de cada um. Segundo os ensinamento teosóficos, este acesso é facilitado pelo 7.º Raio⁷, mecanismo sobejamente abordado nos textos publicitados na internet, que permitiria a divulgação dos conhecimentos espirituais necessários para a humanidade conseguir a libertação do actual karma, nas palavras de José Caldas: "A força e os efeitos de influência do 7.º Raio, nos próximos 2 mil e quinhentos anos, produzirão grandes mudanças que modificarão profundamente o aspecto externo do mundo" (2011b, p. 131). No entanto, segundo este autor, o alargamento da consciência requereu a "activação de cinco raios suplementares que facilitarão esse processo de conexão do planeta com domínios de âmbito cósmico, que se encontravam, até aqui, totalmente fora do seu alcance"⁸ (Caldas (2011b, p. 124).

Cenários de mudança similares são apresentadas em vários escritos na internet como sendo graduais, e embora hajam referências temporais como marcos de mudança (etapas, patamares ou portais⁹), é deixada em aberto alguma imprevisibilidade no

⁷ Os raios ou estádios de vibração são patamares de crescimento. O 7.º Raio, de cor violeta e regido pelo *mestre ascenso* St. Germain (cf. nota 13), está associado à "Magia Branca" como forma de depuração interior e crescimento espiritual, e encontra-se em actividade crescente desde finais do século XVII (Caldas, 2011b, p. 133). As crenças das hierarquias angélicas fazem parte dos ensinamento da "Grande Fraternidade Branca" da tradição rosacruciana do cristianismo místico, surgida no séc. XVI na Alemanha como já mencionamos.

⁸ Segundo Caldas (2011b, p. 132), os novos cinco raios são, respectivamente: 8.º (Cura e transmutação dos corpos materiais); 9.º (Activação dos chakras superiores); 10.º (Dinamização dos corpos atmico e búdivo); 11.º (Sintonia com a mónada); 12.º (Unidade divina).

⁹ Um portal é considerados pelos crentes da Nova Era como um facto metafísico que ocorre no planeta Terra, caracterizado por entradas energéticas potenciadoras de mudança, e que são assinalados pela simbologia ou numerologia das datas em que ocorrem, recebendo destaque o portal 11:11 e o portal 12:12, este último marcando a conclusão de um período de transição e o início da Nova Era. Nas canalizações de Kryon em 1991 (2001, p. 111), a entidade explica que o portal 11:11 "é o grande portal e representa o próximo período de onze anos", acrescentando que representa justamente a sua própria energia, sendo que o seu nome representa a energia da vibração "onze". Em numerologia a soma das letras correspondentes ao nome Kryon é de 11, assim como a data em que afirma ter chegado e partido (em MM-DD-ANO - 1-1-1-9-8-9 e da partida 1-2-3-1-2-0-0-2), (Kryon 2001 [1991], p. 112).

percurso. Segundo Kryon, primeiramente, as mudanças seriam graduais desde a sua primeira canalização em 1991 até 2002, sendo que em 1999 já se tornariam explícitas ao entendimento ("vocês já poderão saber exactamente do que falo"). Kryon estava-se a referir ao possível caos percebido na sociedade e nos governos pelo desequilíbrio causado pela incapacidade de lidar com as alterações de consciência, daí a necessidade dos humanos procurarem mais iluminação (que de resto lhe estaria acessível dadas as mudanças energéticas entretanto operadas), de modo a desenvolverem o poder da nova consciência¹⁰, e assim assumirem o controlo do que fazem nas suas vidas, incluindo enquanto trabalhadores da luz na cura planetária, nas suas palavras pela mão de Lee Carroll:

Pela primeira vez, poderão agarrar por completo o poder disponível da energia do amor e usá-lo para cura planetária. Também conseguirão focalizar esta energia de forma a transmutá-la de negativa para positiva. Isto permitirá o equilíbrio de muitas individualidades, que anteriormente não tinham tido a oportunidade de manter-se na transição (Kryon 2001 [1991-2], p. 38).

A consciência na Nova Era, advinda da facilitada acessibilidade directa à Fonte, a Deus, iria então permitir um desenvolvimento espiritual ímpar na história do planeta, segundo Kryon, nas palavras de Lee Carroll:

Com o meu realinhamento, o vosso lado espiritual pode ganhar asas! Receberão uma sensação de perfeito alinhamento, uma sensação de estarem finalmente a regressar a casa. Pela primeira vez, a vossa entidade está, na verdade, a reconhecer-se tal como é: uma parte de Deus. Uma parte com nome conhecido por todos, que nunca poderá ser destruído, somado ou subtraído. Conseguem imaginar o que podem fazer agora? (Kryon 2001 [1991-2], p. 44).

Narrativas e Práticas Religiosas

Como vimos, a espiritualidade da Nova Era funda-se na crença de uma nova consciência humana, num caminho inscrito na evolução da humanidade à escala planetária. O ser humano, na sua dupla natureza masculina e feminina, é entendido como partícula do todo, do universo, de Deus, i.e., todos somos Um. A natureza do religare que lhe está subjacente, de unir e de fundir com o divino, com Deus, exerce-se

¹⁰ Segundo Kryon, os novos alinhamentos do sistema de rede magnética do planeta vão alterar os implantes restritivos dos humanos.

pela via energética ou vibracional do coração (chakra cardíaco/corpo astral), numa concepção ontológica que une o sentire ao congito ergo sum cartesiano.

O caminho, o objectivo principal, é o da evolução do ser como requisito da evolução do todo mais imediato, entendido como mundo físico: o planeta Terra de que nos tornámos habitantes em coabitação com muitos outros seres de vários reinos, como o vegetal, mineral, animal e etéreo. Esta mesma orientação da acção encontra-se também em vários estilos literários de autores que não apresentam qualquer vínculo com o movimento espiritual Nova Era. Por exemplo, centrando-nos na literatura publicada na língua portuguesa, numa abordagem mais figurada merece especial destaque James Redfield, autor da célebre Profecia Celestina (10 revelações) e O Segredo de Shambhala (11.º revelação), na mais terapêutica Eckhart Tolle (O Poder do Agora) e Brian L. Weiss (Só o Amor é Real), na de aconselhamento Augusto Cury. Merece ainda destaque a obra de Osho, que cria um interface entre a tradição mística-religiosa do Oriente e do Ocidente, e na ficção, o brasileiro Paulo Coelho, autor do famosa romance O Alquimista, entre muitas outras.

Grosso modo, tendo por base a literatura ou os escritos analisados, a Nova Era emerge do sentimento de amor percebido como forma de poder, enquanto energia, de resto considera-se que tudo é energia, concepção de algum modo corroborada pelas descobertas científicas no âmbito da física quântica como já referimos. Neste contexto, o amor é uma energia emanada num determinado estado de vibração do ser, expressa através do sentimento, da afeição para com o que está para além de si mesmo, por isso de comunhão com o todo. A fonte da energia do amor é Deus, logo o ser que expressa amor encontra-se em estado de comunhão com Deus, na mensagem de Kryon (2001 [1991], p. 43), este pressuposto é referido do seguinte modo:

O amor fonte-de-Deus é o poder que recebem quando invocam Deus por qualquer razão. Qualquer entidade que invoque directamente o poder de Deus, quer verbalmente quer de outra forma, recebe este amor fonte-de-Deus. Isto é literal, e responderá apropriadamente. Apropriadamente significa que responderá no âmbito da adequação universal do chamamento. Indivíduos iluminados e equilibrados são especialmente bons, no chamamento e focalização do amor fonte-de-Deus.

Considera-se então, que as alterações energéticas no Planeta Terra, permitiram o acesso facilitado a Deus a um número alargado de seres (os iluminados) encarnados actualmente na Terra, sendo a sua missão (trabalhadores da Luz), ajudar na transição da Terra para uma Nova Era marcada por uma nova consciência, alicerçada no sentimento

do amor, no desejo da tolerância e da paz, e da eliminação dos obstáculos a este caminho.

Os obstáculos ao caminho do amor, da tolerância e da paz, são também considerados energias, neste caso negativas ou das trevas, em oposição às positivas, as da Luz, de Deus. Aos seres de Luz é-lhes concedido o poder de dirimir estes obstáculos, ou expulsar estas energias negativas do planeta Terra através da transmutação (cf. notas 7 & 13). Estas energias tanto se podem encontrar no interior de cada ser como fora, donde o trabalho começa pelo interior de cada um, designado recorrentemente como processo de limpeza (pessoal, do outro, do espaço envolvente, da Terra).

O caminho preconizado, vai então no sentido de se alcançar o estado de equilíbrio e alinhamento com a Fonte, a Luz, Deus, sendo que o conhecimento para se entrar neste processo designado de ascensão, está ao alcance de todos, i.e., encontra-se democratizado, pois cada ser humano da Terra tem acesso directo ao divino através do seu Eu-Superior, que habita num outro plano ou dimensão vibratória (cf. nota 5). Os designados precursores da Nova Era, os trabalhadores da Luz ou 'mestres', são então entendidos como seres que iniciaram mais cedo o processo de ascensão, devido ao desenvolvimento que atingiram em vidas passadas, e que terão reencarnado nesta com essa missão.

A Espiritualidade na Nova Era como um novo paradigma religioso

Os requisitos dos verdadeiros iluminados ou precursores do movimento espiritual Nova Era, encontram-se na ruptura que estabelecem nas suas práticas com as formas religiosas tradicionais, ou tal como as conhecíamos até aqui, daí muitos não considerarem que as suas práticas espiritualizadas são uma forma religiosa. Como começamos por referir, Paul Heelas (1996) parte igualmente desta pressuposição no estudo do fenómeno, contrariamente a outros académicos que consideram o movimento espiritual Nova Era como uma forma religiosa (Hanegraaff, 1998; Sutcliffe & Bowman, 2000; Hunt 2004; Sutcliffe & Gilhus, 2014).

Numa publicação mais recente, Paul Heelas e Linda Woldhead (2005, p. 5) estabelecem uma comparação entre as manifestações do fenómeno no Reino Unido de EUA, partindo do pressuposto que a diferença entre o que designam de 'formas religiosas' e 'espiritualidade', reside em categorias analíticas da acção, em que as primeira são do tipo "life as religion" (subordinação a altas autoridades do transcendente, do bem e da

verdade), e as segundas de "subjective life spirituality" (sacralização da vida subjectiva no sentido da experimentação).

Ora, observando a realidade do fenómeno em análise, somos levados a concluir, que as duas categorias contemplam as práticas dos crentes ou seguidores do movimento espiritual Nova Era, sendo que na primeira, a subordinação objectivada é pessoal e do livre arbítrio de cada um, i.e., sem necessidade de legitimação por alguém (sacerdote) imbuído por uma organização temporal (hierarquia da Igreja) de poder atemporal emanado de Deus, para sacramentar devoções. Como afirmava Mircea Eliade (1956, p, 176), na sua obra "O Sagrado e o Profano", a vida do Homem religioso é vivida num duplo plano, "existência humana e transumana", isto é, aberto ao mundo cósmico, justamente a expressão pura, no sentido de ideal-tipo na acepção de Weber (1990 [1905])¹¹, preconizada pela espiritualidade da Nova Era.

Deste modo, cristalizar determinadas formas como atributos exclusivos do que se entende por religioso poderá induzir em erro, pois as sociedades humanas são justamente caracterizadas pela mudança, incluindo necessariamente as formas ou práticas religiosas. É pois nossa convicção, que o comprometimento da vida com o sagrado é que delimita o fenómeno religioso e não as formas que as práticas adquirem, tal como um ovo não deixa de o ser por estar cru, cozido ou frito.

No caso dos precursores do movimento espiritual Nova Era, tal como afirmam ou preconizam nos seus escritos, não se espera a criação de organizações, igrejas, ou mesmo de sociedades metafísicas secretas, como se encontra nas formas religiosas da tradição. Pelo contrário, aconselham recorrentemente, a focar-se no trabalho de limpeza (a começar por si próprios) e de divulgação da verdade sem forçar a nada, i.e., no respeito pelo livre arbítrio de cada um.

A democraticidade da verdade formular na acepção de Giddens (2000)¹², e a liberdade que daí resulta nas práticas, tal como temos estado a assinalar, constituem em nosso entender as características distintivas das formas religiosas introduzidas pelo movimento Espiritual Nova Era, justamente pela ruptura que estabelecem com a tradição religiosa até então conhecida na história das religiões. Este elemento distintivo

¹¹ Padrão imaginário de conduta ou modelo que serve se referência às condutas ou práticas sociais observáveis.

¹² Segundo Giddens (2000a, p. 62), a tradição implica uma "verdade formular" reservada a certas pessoas, sendo que a sua compreensão está para além da linguagem, pois ela assume a natureza de idioma de ritual, i.e., de representação sagrada, assim, "o discurso do ritual, é um discurso de que não faz sentido discordar ou contradizer e, por isso, é um poderoso meio de diminuir as possibilidades de dissidência. Isto é, seguramente, central para o seu carácter coercivo".

é também válido para a identificação dos próprios precursores deste movimento espiritual. Como é repetidamente reafirmado por autores da Nova Era, a distinção entre aqueles que se encontram verdadeiramente comprometidos com o movimento espiritual, exerce-se pela sua acção descomprometida com o poder que possam exercer sobre o outro, incluindo o recurso a entidades como forma de auto-legitimação ou de adquirir qualquer tipo de vantagem ou benefício.

Tanto quanto nos foi dado observar, as formas religiosas do movimento espiritual Nova Era, sugerem a ruptura com a tradição religiosa alicerçada numa estrutura fundacional, que controla e protege uma hierarquia eclesiástica legitimada pela organização que a institui, e se auto-encarrega de administrar e catequizar a sua verdade formulada junto dos seus crentes ou fiéis seguidores. Somos então levados a considerar, que o movimento espiritual Nova Era introduz um novo paradigma religioso que rompe com as tradicionais formas religiosas, provocando, conseqüentemente, reacções de disputa no campo, na acepção de Bourdieu (1994). Este novo paradigma, caracteriza-se pela democratização da verdade em que se alicerçam as suas crenças, remetendo-a para o interior da consciência dos indivíduos, e desse modo suprimindo o papel mediador das hierarquias eclesiásticas ou "guardiães" das estruturas religiosas institucionalizadas.

Os princípios religiosos da espiritualidade da Nova Era impõem assim aos seus seguidores, aos crentes, a assunção de uma responsabilidade, de uma ética de compromisso no seu auto-aperfeiçoamento manifestado na praxis quotidiana, daí a forte associação com as terapias holísticas e de auto-conhecimento. O processo de aprendizagem aqui implícito, ultrapassa o nível de compreensão racional de um modo de ser e de agir, pois exerce-se no âmago do ser, é antes de mais uma procura pessoal na esfera do livre arbítrio de cada um como ser responsável por si próprio, um caminho iniciático que cada um é chamado (no sentido de chamamento) a percorrer sozinho, ainda que com a possibilidade de recorrer a ajudas de seres dos reinos físicos e não físicos. Deste modo, transpõe-se a tradição religiosa da centralidade da palavra profética compilada em livros sagrados que apontam o caminho, proclamada pelos sacerdotes imbuídos de legitimidade (no sentido de poder temporal e atemporal) pelas hierarquias eclesiásticas das respectivas Igrejas de fiéis.

Apesar dos seguidores da espiritualidade da Nova Era reconhecerem a passagem pelo planeta Terra dos profetas das religiões institucionalizadas no Ocidente, ou mesmo os grandes mestres fundadores ou inspiradores das grandes tradições religiosas do Oriente,

reconhecem muitos outros seres angélicos, ou mestres ascensos¹³, dotados de um poder comunicacional com os humanos evoluídos do tempo presente, ou seja, os portadores de um nível vibracional subtil, por demarcação do denso ligado à materialidade e ao ego. Contudo, como referimos anteriormente, podem distinguir-se os precursores do movimento espiritual Nova Era, como aqueles que invocando (embora sem índole profética) ou não uma entidade angélica, tendem a estimular os leitores ou os que os procuram, a olhar para dentro de si próprios, onde encontrarão a verdade vinda directamente dos reinos angélicos através da ligação ao seu Eu Superior.

Deste modo, como temos vindo a argumentar, assiste-se à democratização do acesso à verdade formular da crença, ao divino ou sagrado, a Deus, amplamente difundido no espaço aberto da internet pelos dianteiros do movimento, nomeadamente através de canalizações. Ultrapassada a necessidade de intermediários eclesiásticos de uma estrutura organizacional tal como nas Igrejas tradicionais, cada crente ou seguidor torna-se mestre de si próprio, onde a oração, o culto, pode assumir diferentes práticas e terapias, recentradas num corpo holístico, onde o físico se interliga ao metafísico. Assim, apesar da tendência de egorização em torno de "gurus" canalizadores de seres angélicos ou entidades cósmicas, os crentes tendem a ser estimulados à auto-reflexividade na busca do ser divino que em si habita (presença Eu Sou), sem que com isso se despreste o livre-arbítrio de cada um.

É por isso cósmica a relação espaço-temporal em que o self se projecta, numa concepção de unicidade divina atemporal e absoluta de todos em Um, em Deus, não havendo por conseguinte lugar à criação de símbolos, imagens, representações ou invocação de histórias ou de tradições reificadas em cultos ou rituais místicos. Deste modo, a natureza do culto estrutura-se em torno de novas linguagens, narrativas e práticas participativas e experimentalistas, por isso através do corpo, em novos palcos

¹³ Segundo a Lei da Evolução do Universo, tal como é apresentada nos ensinamentos teosóficos, quando um ser atinge a etapa superhumana, i.e., "assumir consciente e permanentemente, a sua natureza espiritual e de ter atingido o estatuto cósmico de 'Mestre' ou 'Arhat' ", o ser pode transformar-se num agente do *Logos Planetário*, auxiliando na evolução de outros seres (Caldas, 2011b, p. 56). A acção destas entidades encontra-se então associada aos *raios* (emanados do 'governo da Terra', centrado no Logos da Ursa Maior, das Plêiades, de Sirius e do nosso Logos Solar), e.g. Mestre Jesus (6.º Raio) e Mestre St. Germain (7.º Raio). Muitos dos autores de textos publicitados na internet, apresentam-se como canalizadores de entidades angélicas, em alguns casos, com discursos fortemente doutrinadores e apocalípticos, denotando que sob a roupagem da Nova Era se encontram curiosos ou mesmo oportunistas, que usam entidades angélicas como meios de legitimação das suas mensagens. Deste modo, acabam por reproduzir as características das formas religiosas tradicionais, pelas quais o movimento espiritual Nova Era se distingue. Como referimos na nota 13, as hierarquias angélicas são crenças do cristianismo místico rosacruciano.

ou espacialidades emergentes das actuais sociedades pós-tradicionais, reflexivas e globalizadas, onde se destacam as estruturas periciais¹⁴ e a internet.

Grosso modo, tanto quanto nos foi dado observar¹⁵, as mensagens veiculadas nos sites especializados da internet, permitem aos crentes ou seguidores ou interessados no movimento espiritual Nova Era, se sintonizarem com as mudanças em curso, sentindo que não estão sozinhos no caminho, apresentando-se como um espaço de partilha virtual e global. A par deste espaço, encontram-se os espaços periciais terapêuticos (meditação, reiki, acupunctura, shiatsu, massagem, bionergias, som, cor, aromaterapia, yoga, dança, astrologia, práticas divinatórias, aconselhamento, etc.), as palestras, os workshops e os cursos breves, que em conjunto se apresentam como espaços de limpeza, de purificação e energização, de troca de saberes, de partilha, de comunhão e celebração.

Apontamento final

O fenómeno religioso encontra-se em todas as culturas e épocas históricas, ainda que as ideias e as formas com que se manifestam as crenças, se encontrem sujeitas à mudança no espaço e no tempo. Como Durkheim (2000 [1912]) e Weber (1990 [1905]) bem evidenciaram, as religiões são um produto das sociedades em que emergem, que inspiram e animam os seus crentes a agirem na construção de uma nova realidade. Deste modo, as crenças religiosas não são abstracções puras, pois não só advêm de contextos culturais concretos, como constituem a força mobilizadora dos povos na construção do seu futuro.

Os tempos presentes, marcados por fortes e aceleradas mudanças determinadas pelo processo de globalização em curso, colocam-nos numa modernidade reflexiva ou numa sociedade reflexiva pós-tradicional como propõe Giddens (2000a). Neste contexto, interrogamo-nos, em que medida o movimento espiritual Nova Era introduz um novo paradigma religioso pós-tradicional, emergente da realidade social contemporânea.

De tradição ocidental, o movimento espiritual Nova Era, cujo advento se encontra associado a uma espiritualidade latente nos movimentos da designada contracultura surgidos na segunda metade do séc. XX, transporta ensinamentos místicos, esotéricos e

¹⁴ Os sistemas periciais são grupos de peritos, conselheiros, terapeutas, que segundo Giddens (1994), nas sociedades tardomodernas contribuem para o estabelecimento do equilíbrio e a segurança ontológica dos indivíduos.

¹⁵ Da análise exploratória em vários sites especializados na internet criámos cinco categorias de análise de conteúdo: i) crenças (verdade formular, missão); ii) caminho (alertas energéticos, possibilidades, obstáculos); iii) Testemunhos (factos, narrativas e argumentos); iv) Aconselhamento (ajuda, consolo, estímulo, etc.); v) celebração (partilha, comunhão, oração/prece, louvor).

espiritualistas, que foram ganhando visibilidade no advento da Modernidade, alguns fortemente influenciados pela tradição religiosa oriental (Heelas, 1996; Hanegraaff, 1998; Sutcliffe & Bowman, 2000; Hunt, 2004; Heelas & Woodhead, 2005; Sutcliffe & Gilhus, 2014). Apesar do carácter iniciático predominante destas organizações ou sociedades tenha imposto níveis de secretismo no seio dos seus membros, alguns deles tornaram-se impulsionadores ou precursores do movimento espiritual Nova Era.

Com o surgimento da internet em meados dos anos noventa, podemos seguramente afirmar que o movimento espiritual Nova Era ganhou expressão no mundo ocidental, tendo-se globalizado. No início do séc. XXI, o espaço virtual da internet passou então a ser o meio de excelência de divulgação da promissora Nova Era. Tanto quanto nos foi dado observar, o movimento espiritual Nova Era introduz um novo paradigma que rompe com a tradição religiosa tal como a conhecíamos, provocando, conseqüentemente, reacções de disputa no campo, na acepção de Bourdieu (1994). Este novo paradigma caracteriza-se pela democraticidade do acesso à verdade formular em que se alicerçam as suas crenças, remetendo-o para o interior dos indivíduos e em observância com o seu livre-arbítrio, e desse modo suprimindo o papel mediador das tradicionais hierarquias eclesiásticas ou "guardiães" das estruturas religiosas institucionalizadas.

Deste modo, apesar da tendência de egregorização em torno de "gurus" canalizadores de seres angélicos ou entidades cósmicas, os crentes, seguidores ou interessados tendem a ser estimulados à auto-reflexividade, na busca do ser divino que em si habita (presença Eu Sou ou Eu Superior). É por isso cósmica a relação espaço-temporal em que o self se projecta, numa concepção de unicidade divina atemporal e absoluta de todos em Um, em Deus, não havendo por conseguinte lugar à criação de qualquer tipo de imagens (ilustrativas ou retóricas), ou invocação de histórias ou de tradições reificadas em cultos ou rituais místicos. Deste modo, a natureza do culto estrutura-se em torno de novas práticas participativas (através dos sentidos, do corpo), linguagens e espacialidades emergentes das actuais sociedades pós-tradicionais, reflexivas e globalizadas, onde se destacam as estruturas periciais e a internet.

REFERÊNCIAS

- Beck, U., Giddens, A. & Lash, S. (2000). *Modernização Reflexiva. Política, Tradição e Estética no Mundo Moderno*. Oeiras: Celta.
- Bourdieu, P. (1994a). *O Poder Simbólico* (3 ed.). Lisboa: Difel.
- Durkheim, É. (1975). *Textes. 2. Religion, Morale, Anomie*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- Durkheim, É. (2000 [1912]). *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo: Martins Fontes.
- Caldas, J. (2011a). *Roteiro para uma Nova Era. Síntese actualizada dos ensinamentos Teosóficos e Espiritualistas. O Universo e o Homem. Tomo I*. Porto: Publicações Maitreya.
- Caldas, J. (2011b). *Roteiro para uma Nova Era. Síntese actualizada dos ensinamentos Teosóficos e Espiritualistas. Leis, Centros e Hierarquias do Universo. Tomo II*. Porto: Publicações Maitreya.
- Eliade, M. (s.d. [1956]). *O Sagrado e O Profano. A Essência das Religiões*. Lisboa: Edições Livros do Brasil.
- Eslin, J-C. (2000). *Deus e o Poder. O Estado e a Religião na História do Ocidente*. Lisboa: Âncora Editora.
- Giddens, A. (2000a), *Viver numa Sociedade Pós-Tradiconal*. In U. Beck, A. Giddens e S. Lash, *Modernização Reflexiva. Política, Tradição e Estética no Mundo Moderno* (pp. 53-104). Oeiras: Celta.
- Giddens, A. (2000b). *Dualidade da Estrutura. Agência e Estrutura*. Oeiras: Celta Editora.
- Giddens, A. (1994). *Modernidade e Identidade Pessoal*. Oeiras: Celta Editora.
- Giddens, A. (1995). *As Consequências da Modernidade*. Oeiras: Celta Editora.
- Hanegraaff, W. J. (1998). *New Age religion and western culture. Esoterism in the mirror of secular thought*. New York: State University of New York Press.
- Heelas, P. (1996). *The New Age Movement: The Celebration of the Self and the Sacralization of Modernity*. Oxford: Blackwell Publishing.
- Heelas, P. & Woodhead, L. (2005). *The spiritual revolution. Why religion is giving way to spirituality*. London: Blackwell Publishing.
- Hunt, S. J. (2004). *Alternative Religions: A Sociological Introduction* (2ed.). Guilford: Ashgate Publishing.

Kryon (2011 [1991/1993]). Os tempos finais - nova informação para a paz pessoal. Livro I (4. ed.). Alfragide: Estrelapolar.

Kryon (2006 [1995]). A Alquimia do Espírito Humano - Um guia para a transição humana para a Nova Era. Livro III. Alfragide: Estrelapolar.

Kryon (2009 [1997]). Em Sociedade com Deus - Informação prática para o novo milénio. Livro VI. Alfragide: Estrelapolar.

Sutcliffe, S. & Bowman, M. (eds.) (2000). Beyond New Age: Exploring Alternative Spirituality. Edinburgh: Edinburgh University Press.

Sutcliffe, S. & Gilhus, I. S. (2014). New Age Spirituality: Rethinking Religion. London: Routledge.

Weber, M. (1990 [1905]). A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo (3 ed.). Lisboa: Editorial Presença.

Fontes Documentais on-line:

[1] Website Kryon. Acedido Janeiro 30, 2015, em

<http://www.kryon.com/menuKryon/menuKryon.html>

[2] Website Original Kryon Europa. Lee Carroll canalizações originais. Acedido Janeiro 30, 2015, em

<http://originalkryoneuropa.com/pt/publicaciones/livros-em-portugues/>

[3] Website Kryon Portugal. Acedido Janeiro 30, 2015, em

<http://www.kryon.com.pt/>

[4] Website Kryon Português Oficial. Acedido Janeiro 30, 2015, em

<http://www.kryonportugues.com.br/>

[5] Website Luz de Gaia. Ajudando você a encontrar a sua verdade. Acedido Janeiro 30, 2015, em

<http://www.luzdegaia.org/>

[6] Website Cura e Ascensão. Acedido Janeiro 30, 2015, em

<http://www.curaeascensao.com.br/>

[7] Website Caminhos de Luz. Acedido Janeiro 30, 2015, em

<http://www.caminhosdeluz.org/>

A NOVA ERA EM SÃO PAULO: QUESTIONAMENTOS SOBRE O CONCEITO DE RELIGIÃO

Silas Guerriero¹⁶ (PUC – SP)

Resumo

Os estudos sobre os Novos Movimentos Religiosos geram questionamentos acerca da própria natureza da religião. Muitos desses movimentos podem ser vistos como distantes do que é comumente aceito como uma religião. Este artigo procurou compreender o elemento religioso presente nas práticas da Nova Era, também chamadas de novas espiritualidades. Foram levantados quatro exemplos de grupos e práticas individuais com o objetivo de perceber o que as tornam religiosas. A utilização de determinados conceitos de religião é o que faz dessas práticas exemplos de religião na sociedade atual, demonstrando que o religioso vai muito além daquilo que é usualmente reconhecido como tal.

Palavras-Chave: Nova Era, Conceito de Religião, Novas Espiritualidades, Novos Movimentos Religiosos

Abstract

Studies of the New Religious Movements generate questions about the nature of religion. Many of these movements can be seen far from what is usually accepted as a religion. This paper aimed to understand the religious element present in the practices of the New Age, also called new spiritualities. Four examples of groups and individual practices were raised in order to understand what make them religious. The use of certain concepts of religion allowed perceive those practices as examples of religion in modern society, demonstrating that religion goes beyond what is usually recognized as such.

Keywords: New Age, Concept of Religion, New Spiritualities, New Religious Movements

¹⁶ Doutor em Antropologia, Professor Associado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da PUC-SP. silasg@pucsp.br

Introdução

Estudos sobre os Novos Movimentos Religiosos e sobre a Nova Era, mais especificamente, geram algumas inquietações para aqueles que se preocupam com a religião em seu sentido mais amplo. Quando estamos diante de manifestações religiosas tradicionais, como as grandes religiões históricas e socialmente numerosas, não nos damos conta da dificuldade de compreensão do fato religioso que se manifesta incessantemente como novas formas e conteúdos. As grandes religiões são inquestionavelmente religiões. Mas e os pequenos grupos, que muitas vezes nem se reconhecem como religiosos, podem ser incluídos no rol das religiões? O que faz das idéias e das práticas de um grupo de pessoas que meditam regularmente uma religião? Essas práticas poderiam ser objeto de estudo da Ciência da Religião, embora seus praticantes não se reconheçam como pessoas religiosas? Como pode ser classificada a prática da ioga realizada em academias de ginástica, tão distante de qualquer elemento notoriamente classificado como religioso? Onde termina a característica de ser religioso e começa a de ser um grupo com idéias apenas filosóficas (ou vice-versa)? Aos olhos dos fiéis essa questão pode parecer menor, embora seja muitas vezes atravessada por posturas ideológicas e discriminatórias. Ao estudioso de religião trata-se de algo profundamente instigante, pois põe em xeque os limites da própria Ciência da Religião. Afinal, o que pode ser considerado religioso e, portanto, passível de ser objeto dessa ciência e o que não cabe como tal?

Este artigo procura refletir sobre a própria conceituação de religião no interior das Ciências da Religião, a partir de alguns exemplos retirados da infinidade de agrupamentos sociais e de instituições das mais diversas, que poderiam ser enquadradas no que a literatura define como Novos Movimentos Religiosos (Barker, 1989; Guerriero, 2006). Dados os limites desse estudo, selecionamos apenas quatro casos, entre alguns mais antigos e outros recentes, entre estrangeiros e brasileiros, entre alguns fortemente institucionalizados e outros bastante flexíveis e individualizados, e entre aqueles mais visíveis e conhecidos no espaço público daqueles pouco conhecidos, independentemente de serem reconhecidos ou não como manifestações da Nova Era. Não foi nossa preocupação traçar mais detalhadamente as características sociológicas e históricas desses grupos, o que requereria estudos de caso mais aprofundados. Detivemo-nos nos discursos e elementos simbólicos que pudessem indicar certo grau de religiosidade presente, e que permitissem perceber um padrão comum a todos eles, e que indicassem, ao nosso recorte, o elemento religioso comum. Assim, foram

selecionados o Espaço Arthurianno, a Escola de Iluminação de Ramtha, o Movimento Pró-Vida e a prática da ioga e meditação. Nossas fontes de informações foram os sites institucionais de tais movimentos encontrados na Internet, panfletos de divulgação e programas de rádio também utilizados como mecanismos de divulgação.

Após uma breve apresentação desses movimentos, faremos algumas ponderações acerca da polêmica do conceito religião, e por fim, buscaremos analisar o fundamento religioso ali contido em busca da ampliação da nossa compreensão sobre a religião em geral.

Diferentes maneiras de vivenciar a religião

A dimensão histórica da Ciência da Religião, também conhecida como vertente empírica, tem registrado inúmeras maneiras diferentes de se vivenciar aquilo que podemos entender por religião. Sem querer entrar, agora, na própria conceituação do que seja religião (o que levaria a muitas dessas práticas serem eliminadas de imediato), vamos procurar levantar elementos dos discursos de alguns movimentos mais distanciados das religiões tradicionais para poder, posteriormente, compreender se podem ou não ser chamados de religiosos. Começamos com um típico representante de movimento da Nova Era.

Espaço Arthurianno

O Espaço Arthurianno é um local que oferece diferentes serviços em prol de uma “transformação individual”. Tipicamente um empreendimento da Nova Era, o Espaço Arthurianno pode ser classificado como um “Centro Especializado”, segundo as definições de Magnani (1999, p. 27). Localiza-se na zona norte de São Paulo, num bairro típico de classe média, com forte presença de serviços relacionados a curas alternativas. O grande slogan do Espaço Arthurianno é “a cura através do amor”. A especialidade do local é o desenvolvimento de atitudes de seus clientes que levem à transformação do indivíduo como um todo (Espaço Arthurianno, 2014a).

O nome do local faz uma alusão direta ao mito arthuriano. No entanto, o grande mito de fundo desse grupo é o do povo arcturiano. O rei Arthur teria sido uma encarnação de um mestre arcturiano. A crença nos arcturianos é compartilhada com vários grupos, como a Fraternidade Branca Universal, a Fraternidade Saint Germain, o grupo Anjos de Luz entre outros. Dizem que da estrela Arcturus, ou Arturo, uma das mais brilhantes estrelas do firmamento, teriam vindo os arcturianos. Esses seres extraterrestres estariam aqui para proteger a nossa civilização, e para nos auxiliar no processo de evolução a que

estaríamos destinados. O conhecimento científico e espiritual dos arcturianos é, para esses grupos, um dos mais avançados do universo.

Escola de Iluminação de Ramtha

O segundo grupo escolhido como exemplo foi a Escola de Iluminação de Ramtha. Trata-se de um movimento criado pela norte-americana JZ Knight na década de 1970. Ramtha teria sido um guerreiro no lendário continente de Lemúria há 35 mil anos. Para seus seguidores, Ramtha usou a observação, a reflexão e a contemplação de si mesmo para aprender os segredos da imortalidade, e se tornar iluminado e um grande mestre espiritual. Dizem que há vestígios de seu ensinamento nos achados arqueológicos da Índia e do Egito antigos. Ramtha teria voltado, neste momento, para intervir nos acontecimentos da humanidade, utilizando JZ Knight como canal de manifestação, porque a humanidade estaria apta, agora, a “descobrir nossa verdadeira identidade como observadores, responsáveis por colapsar o campo quântico e moldar o tempo e o espaço” (Escola de Iluminação de Ramtha, 2014a).

Movimento Pró-Vida

O terceiro exemplo selecionado foi o do Movimento Pró-Vida. É muito comum vermos no vidro traseiro de muitos veículos um triângulo com a seguinte expressão: “Se você já estiver preparado, uma Força Maior o levará à Pró-Vida”. Interessante é notar que a expressão “Força Maior” aparece em letras maiúsculas, conotando uma idéia de que existe algo maior, superior, e que o sujeito que lê a mensagem poderia alcançá-lo. É importante também ressaltar a referência de que há um momento certo, quando “você já estiver preparado”, indicando que não é para qualquer pessoa, mas para as escolhidas. Essa é uma característica muito comum dos Novos Movimentos Religiosos (Wilson, 1970). Podemos supor que alguém que esteja inclinado e disposto a encontrar esse algo superior poderá se sentir tocado pela mensagem e procurará a instituição.

Prática da Ioga

Chegamos, agora, ao nosso último caso selecionado como exemplo, e talvez aquele que traz mais desafios ao propósito deste artigo. Trata-se da prática da ioga¹⁷. Convém

¹⁷ Optamos por utilizar o termo *ioga* no gênero feminino, forma habitual de incorporação dessa palavra em nossa língua desde o final do século XIX. Há correntes dentre os praticantes que defendem o uso de *yôga*. Trata-se, muito mais, de divergências dentro do próprio campo.

observar que a ioga, atualmente, auferiu um perfil bastante secularizado, sendo empregada em academias de ginástica ou até mesmo como objeto de estudos clínicos que buscam comprovações materiais para sua eficácia. Esse campo é extremamente amplo e seria impossível abarcar toda a imensa diversidade existente. Nossa preocupação é a de, a partir de alguns exemplos, perceber elementos de cunho religioso na prática da ioga realizada por pessoas que não se reconhecem necessariamente como religiosas. Ou, melhor dizendo, não praticam a ioga como vivência religiosa.

Feitos esses breves levantamentos dos discursos desses quatro movimentos, podemos passar a analisá-los sob a ótica da Ciência da Religião no sentido de poder considerá-los ou não como movimentos religiosos (no sentido de Novos Movimentos Religiosos) e, conseqüentemente, questionar nossa própria compreensão sobre o que é ou não religião. Antes, porém, faremos algumas breves ponderações sobre o conceito de religião.

Dificuldades na definição de religião

A compreensão do que é religião pode variar enormemente dependendo da perspectiva em que nos encontramos. Para um crente e fiel praticante essa discussão parece não fazer sentido. Afinal, para ele a religião é algo tão absoluto quanto óbvio. É muito comum ouvirmos dos fiéis explicações como: “religião é o contato com Deus”, ou “relação com as coisas do Alto”, ou ainda “é o contato com o Sagrado”. Esse “Deus” ou esse “Sagrado” são entidades absolutas, totalmente diferentes. A experiência religiosa pode ser tão intensa que se torna evidência inequívoca dessa força maior. De maneira geral, tais definições caberiam à maioria das religiões. Acrescenta-se a isso o fato de que é bastante comum, entre nós brasileiros, a concepção de que as diferentes religiões seriam diferentes caminhos para se atingir esse mesmo sagrado. Esses caminhos seriam, portanto, relativos, enquanto que o sagrado estaria sempre numa concepção de absoluto. Alguns estudos apontam para um substrato religioso comum na sociedade brasileira, o que poderia, em certo sentido, atestar essa visão generalizada (Negrão, 2009; Bittencourt, 2003; Drogers, 1987). Esse substrato é a crença num absoluto comum a todos, independente dos diferentes caminhos que levariam até ele.

Se quisermos explicar a religião a partir das vivências dos fiéis, podemos permanecer em explicações êmicas¹⁸ e definir o que é religião a partir da perspectiva da fé. Essa posição não interessaria ao cientista da religião e nem resolveria a nossa indagação

¹⁸ Estamos utilizando a distinção êmico/ético no sentido de uma visão “de dentro” e outra “de fora”, respectivamente.

sobre o que torna uma prática ou uma idéia algo religioso. Além do mais, as posições internas às religiões costumam discriminar todas as demais que não cabem nas suas próprias concepções. A velha expressão “magia é a religião do outro!” faria sentido aqui. Outra consequência dessa posição é a assumida pelos próprios praticantes. Percebemos que praticamente em todos os nossos exemplos há ênfase em não serem reconhecidos como religião. A questão do reconhecimento identitário é importante e deve ser considerada ao se estudar qualquer um desses casos. No entanto, se ficarmos presos a ela, não avançaremos na nossa preocupação de compreender o que leva esses movimentos e outros similares a serem religiosos.

Essas novas formas de espiritualidade nos colocam diante desse desafio. Será que podemos considerar todas elas numa mesma categoria de religião, juntando realidades tão distintas? Até mesmo na conceituação de Novos Movimentos Religiosos alguns casos poderiam ser questionados, como é o da prática da ioga.

Antes de passarmos à análise dos nossos exemplos, convém discutir um pouco mais acerca da distinção entre religião e espiritualidade, tão cara nesse meio e bastante útil no nosso caso. Paul Heelas e Linda Hoodhead realizaram uma ampla pesquisa sobre as mudanças da religião na sociedade inglesa (Heelas & Hoodhead, 2005) e perceberam que é possível distinguir três diferentes tipos de religião dentro de um amplo espectro de relacionamentos que o ser humano estabelece entre si mesmo, a ordem natural e aquilo que compreende como divino ou sagrado. Num primeiro tipo, localizado em um dos extremos do espectro, identificaram as denominadas religiões de diferença. Nas quais há uma clara distinção entre Deus, o ser humano e a natureza. A salvação está nas mãos de Deus. A visão dualista tradicional das religiões judaica e cristã caberia perfeitamente aqui (Heelas & Hoodhead, 2005, pp. 15-18). Num segundo modelo estariam as religiões de humanidade. Nelas, os três elementos, divino, humano e natureza, estariam em certo equilíbrio. São congregações com posturas mais abertas e liberais que oferecem certo grau de liberdade e tolerância. A ênfase moral recai sobre o cuidado com os outros e a caridade. A salvação ainda está nas mãos divinas, mas a ação humana pode alterar o nosso destino. Segundo os autores, muitas vivências do próprio cristianismo caberiam nesta definição (Heelas & Hoodhead, 2005, p. 18). No outro pólo do espectro temos as espiritualidades de vida. Para eles, as três modalidades coexistem, mas essas últimas, as espiritualidades, estão ganhando cada vez mais espaço na sociedade inglesa. De certa maneira podemos perceber um paralelo desse caso concreto com as demais sociedades modernas ocidentais, entre elas a brasileira, como apontam os casos

levantados para esse estudo. Nas espiritualidades de vida encontramos uma relação intrínseca entre a espiritualidade da pessoa e uma espiritualidade integral da natureza e da ordem da realidade última.

Na mesma linha, o sociólogo Colin Campbell encontrou as raízes do que chamou de cultic milieu no próprio romantismo oitocentista (Campbell, 2001), que indicava a existência da criatividade humana como uma expressão de uma força sobrenatural presente em todo mundo natural e dentro de cada indivíduo. A arte romântica continha, portanto, um aspecto divino. Havia ainda o drama da salvação e redenção representado nos limites do próprio ego. Isso tudo levou a uma tendência ao misticismo introvertido (Campbell, 2001, p. 257). Esse cultic milieu se estenderia até os dias atuais, permitindo a manifestação das mais variadas formas de espiritualidade que focam a experiência e a evolução individuais. Heelas e Hoodhead denominaram por milieu holístico algo semelhante ao cultic milieu de Campbell. É nesse caldo cultural de meio holístico que surgem as mais diferentes formas de espiritualidades de vida.

Ainda na distinção entre religião e espiritualidade entendemos, que a definição dada pelo cientista da religião e historiador holandês Wouter Hanegraaff (1999) avança de maneira significativa a nossa compreensão sobre esse universo das novas religiões ou espiritualidades.

O grande avanço que podemos tirar daqui é o fato de que, há uma ampliação do conceito de religião sem, no entanto, desembocar numa generalização infecunda. O autor trabalha com uma definição de religião como um sistema de símbolos, portanto uma construção social, e remete esse sistema a um quadro metaempírico da realidade. Estaria aí o substrato do religioso. Portanto, teríamos sempre uma religião ou espiritualidade quando esse sistema simbólico influencia as ações cotidianas, remetendo-as a um quadro metaempírico de significados. Vamos utilizar esse conceito para analisar os casos selecionados neste trabalho.

Onde começa ou termina a religião

Como visto anteriormente, para muitos, principalmente para seus praticantes, as novas espiritualidades estão muito longe de ser religião. A depender da perspectiva adotada, a noção de espiritualidade torna-se um problema a ser equacionado. Para muitas das conceituações de religião e de espiritualidade há uma resistência em se perceber as práticas da Nova Era, aqui apontadas, como expressões religiosas. Muitas perguntas permaneceriam. Os oráculos, como tarô e astrologia poderiam ser considerados no rol

de espiritualidades? Por quê? E o pensamento positivo? Num primeiro momento tudo isso parece muito fugaz e distante de religião. Mas, seguindo a pista proposta por Hanegraaff, essas vivências podem auxiliar na compreensão do substrato religioso contido nos mais variados casos, sem cair numa visão substantivista ou essencialista.

Primeiramente, é preciso reconhecer que não estamos mais lidando com exemplos de religiões tradicionais, bem estruturadas, solidamente institucionalizadas e com uma carga de tradição evidente. Na sociedade atual (e a sociedade moderna brasileira não se diferencia em grandes moldes de outras sociedades ocidentais modernas e secularizadas) vivenciamos novas formas de religião. A secularização não significou uma evasão do fato religioso, mas modificou de maneira significativa as vivências religiosas. Uma explicação substantivista poderia justificar essa permanência do “sagrado”. No entanto, optamos por procurar outras vias de análise. As explicações mais funcionalistas poderiam cair na tese do desaparecimento da religião, visto que a função poderia ser substituída por outras instâncias sociais, como a sociedade civil, os grandes eventos esportivos, o mercado ou as ideologias políticas. A nosso ver, essa postura também não ajudaria a compreender a persistência e a transformação da religião. É necessário enfatizar novamente que a tese que estamos desenvolvendo aqui aponta para a permanência da religião, nas mais diferentes formas, sem necessariamente cair numa visão ontológica.

Um possível mito central desse meio, traz a concepção de que a realidade é criada por cada um de nós. Esse indivíduo participa de um processo de evolução através de incontáveis existências, nesta ou em outras dimensões. É por meio do esforço interior que o self se livra das amarras que o prendem a uma existência limitada e abre os caminhos para a plenitude. Essa evolução não é apenas espiritual, mas integra o corpo, a mente e o espírito. Essas espiritualidades não querem ser reconhecidas como religião justamente pelo fato de que não querem se identificar como instituições regradas e centralizadas. Além do mais, as religiões são identificadas como estruturas que impedem o próprio crescimento do self. É interessante notar que muitos evitam falar da presença de lideranças, pois isso poderia ser identificado com algum tipo de estrutura hierarquizada. Preferem utilizar o termo “facilitador”, que são aquelas pessoas que já atravessaram alguns “portais”, termo corriqueiro no meio, e que podem dar algum tipo de conselho ou indicação. Mas é, fundamentalmente, o indivíduo que terá de traçar, por seus próprios meios, o seu caminho interior. Na Pró-Vida é propagada a idéia de que

pessoas interessadas em despertar o potencial de suas capacidades mentais, psíquicas e espirituais encontrarão os meios para alcançar os fins desejados.

Em vários dos casos levantados, aparece a ênfase na transformação do indivíduo como um todo. Vimos que em alguns discursos a idéia da centelha divina no interior de cada um é enfatizada. “Você é Deus e o divino habita seu interior” parece ser um discurso recorrente e coerente com aquele mito fundador. A Escola de Iluminação Ramtha fala explicitamente que “cada um é responsável pela conquista de si mesmo” e o divino se encontra dentro de cada um de nós. Cada indivíduo é o seu próprio mestre, mas pode se espelhar nos exemplos das pessoas que já atingiram os graus mais elevados. O espírito de Ramtha, manifestado através da canalização de JZ Knight, é um bom exemplo.

Outros mitos também estão presentes no meio. De certa maneira estão em consonância ao mito da evolução do self, mas ajudam a compor o imaginário das pessoas que dele participam. O mito da lei da atração é bastante forte e combina com a concepção de pensamento positivo. Os acontecimentos, os infortúnios, assim como as doenças e as curas, podem ser compreendidos no interior de uma lógica mais ampla em que o indivíduo é responsável, pois está de acordo com mito fundante, e principalmente conecta esse sujeito ao cosmos, ao sentido maior. Essa lei da atração é maior do que ele, é cósmica e, dessa força ou energia (como costumam chamar), todos podem participar holisticamente.

A idéia de energia e força cósmica remete a outro mito central no universo nova era. Trata-se da mitologia da ciência. Não se fala de uma ciência comprovada e compartilhada academicamente, mas de uma nova ciência, ou Nova Aliança, como chamou o químico, e premio Nobel, Ilya Prigogine (1997). É uma ciência que irá, ainda, promover a evolução humana, trazendo conhecimentos ainda não alcançados pela ciência atual, vista como limitada. De certa maneira, esse apelo à autoridade da ciência satisfaz o imaginário das pessoas da nossa sociedade, que foram ensinadas a pensar na ciência como detentora da verdade.

Conclusões

Feitas essas explicações do conteúdo simbólico do meio nova era e indicadas as transformações históricas que possibilitaram o surgimento da subjetivação e o conseqüente mito de que o indivíduo é o seu próprio criador e seu próprio Deus, é preciso compreender melhor onde está o religioso nessas novas espiritualidades. Se a

Nova Era articula elementos seculares, onde estaria aquilo que garantiria uma aura de religiosidade? O que a torna religião?

De acordo com Hanegraaff, mesmo articulando elementos retirados do meio secular, essas novas espiritualidades seriam religião na medida em que estabelecem relação entre o mundo cotidiano e o quadro metaempírico de significados. Longe de quaisquer comprovações científicas, os elementos seculares usados estão longe de seus ambientes originais. Ganham uma aura metaempírica, remetem a universos não presentes e realidades para além de qualquer uma que possa ser comprovada empiricamente. A crença em um processo de elevação espiritual ilimitado por meio do qual o indivíduo aprende com suas experiências não está ao alcance de nenhum teste científico. O mito de que cada um de nós traz dentro de si a potência cósmica maior, e que a divindade se encontra em todas as coisas e no interior dos indivíduos, não deixa de ser propriamente um mito, uma narrativa sagrada que remete o indivíduo a outras dimensões da existência. A presença de seres iluminados, ou de outras civilizações, representa a figura do herói mítico, aquela figura exemplar que participa de uma grande aventura, com iniciação, desafios e conquistas. No fundo uma metáfora com simbologias atuais do que ocorre com os indivíduos da sociedade contemporânea.

O que talvez ainda falte na explicação de religião de Hanegraaff é justamente aquilo que permitiria a compreensão do porquê da persistência da religião. A religião se transformou, encontrou adaptações e realizou reconfigurações para permanecer na sociedade atual. Não como uma instituição secular que substitui as funções ora exercidas pela religião, mas como novas formas religiosas, como as espiritualidades da Nova Era. Falamos anteriormente que a definição de Hanegraaff, assim como a de Geertz, permitiria a compreensão de uma singularidade da religião sem necessariamente cair em visões substantivistas ou ontológicas. Nas definições desses dois autores há uma recorrência à idéia, de que os símbolos possuem um poder em si, que promove a ligação entre um mundo cotidiano e um mundo imaginado ou metaempírico. Esse sistema simbólico se modifica a cada contexto social, e as espiritualidades atuais, como as demonstradas aqui, são coerentes a uma boa parcela da vida social contemporânea. Essas espiritualidades são, portanto, religião. Mas permanece a pergunta, de onde vem esse poder dos símbolos e por que a religião é persistente?

Podemos compreender que todas essas concepções guardam um viés idealista. Os sistemas simbólicos, conjuntos de crenças e idéias, teriam a força de estabelecer a

ligação que garantiria o elemento religioso. Esses sistemas podem até ser constituídos por elementos seculares, mas, sendo coletivos, garantiriam o elemento religioso.

Fica, então, uma questão ainda a ser respondida. Sem lançar mão de explicações de ordem metafísica ou idealista, como compreender a presença do religioso nas diferentes manifestações religiosas e nas espiritualidades? É possível que a natureza da religião possa ser compreendida a partir da própria natureza humana. Uma natureza que insiste em criar seres com capacidades que vão além daquelas que os simples mortais são capazes, e em acreditar que todos nós podemos, de alguma maneira, participar de uma vida mais ampla, que não se esgota na finitude da morte. Por ora, podemos dizer que a religião vai muito além.

REFERÊNCIAS

- Amaral, Leila (2000). *Carnaval da alma. Comunidade, essência e sincretismo na Nova Era*. Petrópolis: Vozes.
- Barker, Eileen (1989). *New religious movements: a practical introduction*. London: MSO.
- Beyer, Peter (2003). Conceptions of religion: on distinguishing scientific, theological, and “official” meanings. *Social Compass*, 50 (2), 141-160.
- Bittencourt Filho, José (2003). *Matriz religiosa brasileira. Religiosidade e mudança social*. Petrópolis: Vozes/Koinonia.
- Borg, Meerten B. What is religion? In: Platvoet, J. and Molendijk, A. *The pragmatics of defining religion. Contexts, concepts and contests*. Leiden; Boston, Köln: Brill, 1999. pp. 397- 408.
- Boyer, Pascal (2001). *Religion explained. The evolutionary origins of religious thought*. New York: Basic Books.
- Campbell, Colin (2001). *A ética romântica e o espírito do consumismo moderado*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Drogers, André (1987). A religiosidade mínima brasileira. *Religião e Sociedade*, vol. 14, nº 2, 62-86.
- Geertz, Clifford (1978). A religião como sistema cultural. In *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Guerriero, Silas (2006). *Os Novos Movimentos Religiosos. O quadro brasileiro*. São Paulo: Paulinas.
- Hanegraaff, Wouter (1999a). Defining religion in spite of history. In A, Molendijk & Jan Platvoet. *The pragmatics of defining religion. Contexts, concepts & Contests*. Leiden; Boston; Köln: Brill.
- Hanegraaff, Wouter (1999b). New Age spiritualities as secular religion: a historian’s perspective. *Social Compass*, v. 2, n. 46, 145-160.
- Hanegraaff, Wouter (1996). *New Age religion and western culture. Esoterism in the mirror of secular thought*. New York. Brill.
- Heelas, Paul (1997). *The New Age Movement*. Oxford: Blackwell Publ.
- Heelas, Paul & Woodhead, Linda (2005). *The spiritual revolution. Why religion is giving way to spirituality*. London: Blackwell Publishing.
- Hock, Klaus (2010). *Introdução à ciência da religião*. São Paulo: Loyola.

Kozasa, Elisa Harumi (2006). A prática de meditação aplicada ao contexto da saúde. In Saúde Coletiva, vol. 10, núm. 3, (pp. 63-66). São Paulo: Editorial Bolina.

Magnani, José Guilherme (1999). A mystica urbe. Um estudo antropológico sobre o circuito neoesotérico na metrópole. São Paulo: Studio Nobel.

Menezes, Carolina B. & Dell'aglio, Débora D. (2014). Os efeitos da meditação à luz da investigação científica em Psicologia: revisão de literatura. Psicologia: ciência e profissão, Brasília, v. 29, n. 2, jun. 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932009000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 11/06/2014.

Negrão, Lísias Nogueira (org.), (2009). Novas tramas do sagrado. Trajetórias e multiplicidades. São Paulo: Edusp, Fapesp.

Paden, Willian (2001). Interpretando o sagrado. Modos de conceber a religião. São Paulo: Paulinas.

Passos, João D. & Usarski, Frank (Orgs.), (2013). Compêndio de Ciência da Religião. São Paulo: Ed. Paulinas; Paulus.

Prigogine, Ilya & Stengers, Isabelle (1997). A nova aliança. Brasília: UnB.

Schilbrack, Kevin (2010). Religions: are there any? Journal of the American Academy of Religion, 78 (4), 112-138.

Siegel, Pamela (2010). Yoga e saúde: o desafio da introdução de uma prática não-convencional no SUS. Tese (Doutorado) - Unicamp, Faculdade de Ciências Médicas, Campinas.

Terrin, Aldo Natale (1998). O sagrado off limits. A experiência religiosa e suas expressões. São Paulo: Loyola.

Wilson, Bryan & Cresswell, Jamie (ed.), (1999). New religious movements. Challenge and response. London: Routledge.

Wilson, Bryan (1970). Sociologia de las sectas religiosas. Madrid: Guadarrama.

Fontes Documentais On-line

Charuri, Celso. Como vai a sua mente? Disponível em: <http://pt.wikiquote.org/wiki/Celso_Charuri>. Acesso em junho 11, 2014.

Cruz, Eduardo. Irreligião? Ou mutações religiosas conduzidas pela ciência? I SIMPÓSIO REGIONAL DA ABHR-NE, Campina Grande, 2013. (anais <https://docs.google.com/file/d/0B324umQ0-vnyOXdwVG0wVmFKWUU/edit?pli=1>)

ESCOLA DE ILUMINAÇÃO DE RAMTHA. Disponível em:
<http://www.vivermais.net/lb_intro.html>. Acesso em maio 22, 2014b.

PRÓ-VIDA. A Pró-Vida. Integração cósmica. Disponível em:
<http://www1.provida.org.br/pt_BR/page/provida>. Acesso em 02 jun 2014a.

RÁDIO MUNDIAL. Programação. Disponível em:
<<http://radiomundial.com.br/programacao>>. Acesso em maio 30, 2014c.

RELIGIOSIDADE PORTUGUESA EM TRANSFORMAÇÃO: UMA DISCUSSÃO ANTROPOLÓGICA DA “NOVA ESPIRITUALIDADE” CONTEMPORÂNEA EM LISBOA DA CRISE

Eugenia Roussou¹⁹ (CRIA/FCSH – UNL)

Resumo

Baseado em trabalho de terreno antropológico em Lisboa e na sua periferia, o meu artigo apresentará uma imagem sociocultural da variedade da “nova espiritualidade”, que vai desde as terapias alternativas, comunicação com os anjos e tarot, ao yoga, retiros de meditação e xamanismo. O meu objectivo é demonstrar como a religiosidade portuguesa contemporânea, afectada pelo multiculturalismo, globalização e crise socioeconómica, está a passar por um processo de transformação. Pretendo focar em como essas práticas da espiritualidade da Nova Era fazem o seu caminho para a vida quotidiana das pessoas, afectam as suas crenças e aspirações religiosas, desafiam a predominância do Cristianismo e reivindicam uma posição significativa na religiosidade portuguesa mais persistentemente.

Palavras Chave: Nova Espiritualidade, Religiosidade Portuguesa, Crise, Antropologia

Abstract:

Based on anthropological fieldwork in Lisbon and its periphery, my work will present a socio-cultural image of the variety of "new spirituality", which ranges from alternative therapies, communication with angels and tarot, to yoga, meditation retreats and shamanism. My goal is to demonstrate how contemporary Portuguese religiosity, affected by multiculturalism, globalization and the socio-economic crisis, is undergoing a process of transformation. I want to focus on how these practices of New Age spirituality make their way into the everyday lives of people, affecting their religious beliefs and aspirations, challenging the dominance of Christianity and claiming a significant position within the Portuguese religiosity more persistently.

Keywords: New Spirituality, Portuguese Religiosity, Crisis, Anthropology

¹⁹Bolseira de pós-doutoramento, Investigadora Integrada no Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA), Universidade Nova de Lisboa, eroussou@fcs.unl.pt

Introdução

De acordo com uma das afirmações científicas sociais mais influentes das últimas décadas, a religião no mundo moderno está em declínio, e as pessoas gradualmente deixam as igrejas, e “crêem sem pertencer” (Davie, 1994). Muitos estudos já mostraram que na maioria dos países europeus, o Cristianismo parece que enfrenta uma “erosão” (Knoblauch, 2008), a sua autoridade e impacto está a diminuir, enquanto os novos caminhos espirituais reclamam um lugar central no cenário religioso europeu. Consequentemente, a abordagem de “single-fé”, ou seja, a equação estereotipada que une tradicionalmente o Cristianismo com a Europa, parece ser contestado, e “as pessoas já começaram a buscar novas formas de espiritualidade ou novos itinerários para o sagrado” (Margry, 2008, p. 34).

Resulta daqui, que as sociedades europeias contemporâneas, em particular, sob a influência do multiculturalismo e da globalização, experimentam um pluralismo religioso na prática quotidiana, onde novas formas de espiritualidade que pertencem ao fenómeno denominado “Nova Era” se tornam cada vez mais populares ao nível da prática religiosa. No entanto, “apesar do reconhecimento dum novo, plural e revivido Cristianismo no cenário europeu, as iniciativas etnográficas estão só agora a começara cobrir essas novas realidades” (Blanes & Sarró, 2008, p. 373). No caso do Sul da Europa e de Portugal, mais especificamente, e com referência especial para o estudo de novas formas de espiritualidade, essas iniciativas parecem quase inexistentes.

Este trabalho tem como objectivo contribuir para colmatar o acima mencionado fosso de investigação, centrando-se no papel que a espiritualidade da “Nova Era” desempenha dentro da religião portuguesa, especialmente nestes últimos anos de crise socioeconómica. Os dados que serão apresentados nas seções a seguir são baseados em períodos de trabalho de campo etnográfico, que foram realizadas entre Dezembro de 2011 e Junho 2014 em Lisboa e na sua periferia. De acordo com Peter Berger (2007), que argumenta que a globalização resultou na pluralização das práticas religiosas no mundo moderno, quero investigar o aumento contínuo da “nova espiritualidade” em Portugal, e examinar como as pessoas em Lisboa e sua periferia, através das suas práticas quotidianas de religiosidade de cada dia, em última análise, contribuem para a transformação da religiosidade portuguesa contemporânea.

Antes de continuar, é preciso esclarecer neste ponto, que ao longo do artigo usarei os termos “nova espiritualidade”, “novas formas de espiritualidade” e espiritualidade da

“Nova Era” como sinónimos²⁰. Estou consciente do carácter complicado dos termos, especialmente o da Nova Era e as críticas que o provoca (cf. Wood, 2007; Fedele & Knibbe, 2013). Concordando com Brown (1997, p. vii) que a Nova Era é “um movimento social difuso de pessoas comprometidas em ultrapassar os seus próprios limites e trazendo espiritualidade para vida quotidiana”, a razão pela qual os uso em alternância, é que todos esses termos descrevem o carácter de caminhos espirituais mais individualizados que as pessoas em Lisboa seguem no curso das suas vidas diárias. Além disso, são termos usados pelos meus informantes em alternância, a fim de descreverem as práticas espirituais que se seguem. Além disso, influenciada pelo trabalho de Shimazono (1999), utilizo “espiritualidade” como um termo que “em sentido lato implica religiosidade mas não significa uma religião organizada ou doutrina. Pelo contrário, esse termo é usado para significar a natureza religiosa expressa por pensamentos e acções dum indivíduo” (Shimazono, 1999, p. 125). E, seguindo Bender, considero espiritualidade como “enredada na vida social, na história e na nossa imaginação académica e não académica”, e concordando com ela, que “é necessário envolver espiritualidade, historicamente, institucionalmente, e imaginativamente sem a puxar completamente numa única coisa” (Bender, 2010, p. 5-6).

No restante artigo tentarei lançar alguma luz analítica sobre como a religiosidade contemporânea portuguesa está transformada através da prática das novas formas de espiritualidade em Lisboa actualmente. Usando exemplos etnográficos da minha pesquisa antropológica e focando, mais especificamente, sobre os dois principais aspectos da espiritualidade da Nova Era que encontrei durante a minha investigação empírica, que é a cura da Nova Era e a presença da espiritualidade da Nova Era no mercado, tentarei pintar uma imagem da presença e posição da nova espiritualidade em Portugal. Na secção final deste artigo abordarei a questão da relação entre a crise socioeconómica e a religiosidade portuguesa, num esforço para responder à questão, se a crise actual ajuda o aumento da prática e popularidade da nova espiritualidade no país.

Nova Espiritualidade em Portugal

Em tempos atuais, o Cristianismo Católico, a religião oficial de Portugal, enfrenta um desafio. Novas formas de espiritualidade têm uma presença forte em Lisboa, e a sua popularidade crescente conduz a um desafio da autoridade religiosa; ou seja, a religião

²⁰ A partir deste ponto usarei os termos sem aspas no texto.

confessional não constitui a única forma de religiosidade em Lisboa de hoje, mas, em vez disso, há um grande número de pessoas que acreditam e seguem novos caminhos espirituais no curso das suas vidas quotidianas. Consequentemente, verifica-se que a religiosidade portuguesa está a ser transformada e dirigida para um novo caminho espiritual, onde a fé cristã não é necessariamente abandonada, mas um potencial de “proximidade ritual” (Klassen, 2005) entre o Cristianismo e outras formas de espiritualidade é criada. Além disso, o “novo” na espiritualidade que tenho estudado em Portugal não significa que as crenças e práticas da nova espiritualidade são novas formas religiosas que nunca apareceram antes.

A espiritualidade da Nova Era envolve muitas crenças e práticas bem conhecidas que já existem há séculos, uma vez que é uma “ideologia cultural ampla, que privilegia a medicina holística, as ciências intuitivas como a astrologia e tarot ... e terapias alternativas, medicamentos e filósofos” (Luhrmann, 1989, p. 30). O novo no que, e que eu caracterizo como uma nova espiritualidade, deriva da criatividade com que as pessoas em Lisboa praticam a sua espiritualidade. Como Liep (2001, p. 2) argumenta, a criatividade “produz algo novo através da recombinação e transformação das práticas ou formas culturais já existentes”. Assim, as formas criativas com as quais os Portugueses praticam e combinam diversos caminhos espirituais, produzem uma nova espiritualidade: um campo onde as pessoas recombinações tradições espirituais já existentes, utilizando-as de novas maneiras, e, concludentemente, contribuem para a transformação da religiosidade portuguesa contemporânea.

A popularidade da nova espiritualidade está a aumentar rapidamente em Portugal. Centros de tarot, astrologia e médiuns, centros de yoga, retiros de meditação, especialistas de terapias alternativas, lojas esotéricas, reiki, estabelecimentos de fengshui e casas de cultos afro-brasileiros reclamam vividamente o seu próprio espaço em Lisboa. Como trabalhos recentes indicam (e.g. Bastos, 2001; Saraiva, 2008; Dix, 2009, 2010), Portugal tornou-se muito afectado pelo multiculturalismo e globalização, e o pluralismo religioso constitui uma parte activa da vida quotidiana portuguesa. No contexto deste pluralismo religioso, novas práticas espirituais também reivindicam uma posição central dentro a religiosidade portuguesa. Estas práticas vão de yoga, fengshui, reiki para a cura alternativa, e de terapias de cristal, terapias energéticas, e retiros, para a medicina holística, ciências intuitivas, especialmente tarot, material esotérico e espiritualidade da casa, como a queima de incenso, meditação transcendental, e da leitura de livros de mente-corpo-espírito

Aparentemente, as pessoas em Lisboa reconhecem “a importância de temas religiosos orientais e a sua disseminação geral na cultura mais larga” (Bruce, 2002, p. 118), adotando-os nas suas rotinas diárias. Ao mesmo tempo, embora muitas pessoas não concordam com a Igreja Católica, e caracterizem as suas próprias como espirituais e não religiosas, na verdade reinterpretem o Cristianismo e readaptam-no numa maneira que se encaixa nas suas crenças e práticas espirituais. E como Knoblauch (2008, p. 146) afirma, “a espiritualidade estende-se acima da área marcada que é culturalmente identificável como religiosa e, portanto, obscurece a fronteira entre o religioso e o não-religioso”.

Há trinta anos não havia nada aqui em Portugal. Não havia nenhum movimento ou qualquer coisa. E foi quando todas essas outras igrejas começaram a se espalhar...começou com os spiritistas, e o reino de deus, e a igreja universal...e, na verdade, todos esses eram muito positivos, e o que dizem faz muito mais sentido porque é muito mais parecido com uma coisa nova e não apenas uma coisa velha.

As palavras acima pertencem a uma informante portuguesa, que tem sessenta anos. Fernanda²¹ cresceu num ambiente católico. Embora a sua mãe fosse espiritualmente liberal, Fernanda acreditava na existência de espíritos e tinha um professor indígena como um guru espiritual. Fernanda é uma terapeuta, pratica reiki e outros tipos de cura espiritual para a sua família e amigos, e tem um dom mediúnico de perceber espíritos, bem como de sentir os campos energéticos das pessoas. Ela foi iniciada à nova espiritualidade há cerca de trinta anos, através do seu namorado, que era um médico de medicina chinesa, e com quem participou em várias actividades espirituais de diferentes grupos. Esse período, como a Fernanda esclarece, foi o início duma nova espiritualidade em Portugal, e ela sente que teve a sorte porque testemunhou realmente o início da mudança na religiosidade portuguesa, e também a partida gradual dos portugueses da Igreja Católica e o seu movimento para novas trajetórias espirituais.

De acordo com o ponto de vista da Fernanda, a maioria das pessoas com quem falei em Lisboa acreditam que a popularidade da nova espiritualidade em Portugal começou há três décadas. Porém, demorou muito tempo para a sociedade portuguesa se ajustar a uma realidade espiritual que não seja quase exclusivamente católica. Indicativa dessa situação é a discussão que tive com Ana, uma terapeuta complementar, que viveu no estrangeiro por muitos anos e voltou a viver permanentemente em Lisboa há dez anos.

²¹Todos os nomes dos meus informantes utilizados neste trabalho são pseudónimos.

A Ana teve dificuldades para se readaptar à cultura portuguesa, principalmente por causa dos limites estritamente definidos da religiosidade portuguesa. No entanto, como ela explicou, aqueles dias difíceis estão agora acabados, e ela ainda tem muitos pacientes que se definem como católicos, mas que ao mesmo tempo confiam em sua capacidade de os curar através dum caminho espiritual que não é cristão.

A Ana pratica uma forma de cura muito interessante, que é constituída por uma combinação de cor e de som que ela aprendeu através das suas viagens espirituais pela Índia, e dos seus encontros com professores espirituais e o seu próprio mestre. Antes de iniciar o processo da terapia, a Ana invoca o espírito do seu professor e pede-lhe para estar presente. Durante a terapia, a Ana examina os seus pacientes com um diapásão. Dessa forma, ela pode descobrir onde há bloqueios de energia no corpo das pessoas, e também qual a chakra que sofre destes bloqueios exactamente. Depois de descobrir as partes problemáticas, a Ana aplica uma combinação de som e da cor da pessoa, enquanto o paciente está deitado numa cama de massagem.

Ao mesmo tempo, ela queima óleos aromáticos terapêuticos, que escolhe dependendo das necessidades de cada pessoa. Muitas vezes, a Ana dá ao paciente para segurar pedras energéticas, ou as coloca na cama para ajudar o fluxo de energia. Durante a terapia da cor, ela usa uma tocha especial com lentes coloridas que são intercambiáveis, e direcciona a luz de cores diferentes para as partes do corpo onde já identificou os bloqueios de energia. Em seguida, passa para a terapia do som. Nas paredes da sala onde a cura acontece, há tubos metálicos especiais, cada um dos quais representa um chakra diferente e diferentes partes do corpo. Dependendo dos problemas que tinham sido encontrados durante a examinação com o diapásão, selecciona o tubo apropriado, e cria uma vibração melódica, de acordo com as necessidades espirituais e energéticas do paciente.

Uma outra pessoa espiritual que conheci durante a minha pesquisa de campo em Lisboa, foi a Maria, uma terapeuta xamânica, e uma das pessoas que ocupa um papel central na cena espiritual de Lisboa. Como a Maria me contou, faz meditação todos os dias e, a partir do momento em que ela acorda conecta-se com os seus guias espirituais, os seus mestres, com anjos e, especialmente, com os Arcanjos. Ela invoca os anjos durante as sessões de terapia, porque a sua presença durante a cura xamânica é crucial tanto para ela como para a pessoa que pediu a sua ajuda espiritual. Embora ela se perceba a si própria como uma pessoa espiritual, a Maria também inventa maneiras de

criar um campo religioso-espiritual, através da incorporação de figuras, orações e itens cristãos em sua preformação xamânica.

O nosso último encontro com a Maria foi realizado no último verão, após o seu convite para me mostrar o Convento dos Capuchos, o que para ela é um lugar muito espiritual. Ela tem um lugar especial no ex-convento que considera o seu espaço de trabalho, onde realiza sessões de terapia com a ajuda da Virgem Maria, que é representada num mosaico nas proximidades, bem como a dos “seres de luz”, como ela chama os anjos e as outras entidades espirituais que a cercam e vêm ajudá-la durante uma sessão xamânica. Para a Maria, o Convento dos Capuchos é um lugar onde os sentidos podem ficar abertos, e uma pessoa pode entrar em contacto com o espiritual e a energia de cura de religiosidade que acerca o antigo mosteiro.

Os casos acima mencionados são apenas alguns exemplares dum grande número de pessoas em Lisboa que incorporaram a espiritualidade da Nova Era activamente no curso da sua vida quotidiana. Como tentei mostrar, mais especificamente, com os exemplos das duas terapeutas espirituais, as várias formas da cura alternativa fazem uma parte crucial do movimento da Nova Era em Portugal, sendo directamente ligadas com a nova espiritualidade e a sua prática. As terapias da Nova Era podem ser consideradas como uma parte do “movimento de saúde holística”, que surgiu nos EUA na década de 1970, depois de ter crescido de várias influências socioculturais, da necessidade de voltar à natureza, duma volta à espiritualidade oriental e misticismo, do movimento feminista etc. (Baer, 2003, p. 234-5). Como Poulin e West (2005, p. 257) apontam: “O movimento da Nova Era (...) criou um espaço para a cura holística se tornar mais aceite e procurada”. A cura holística dá prioridade ao equilíbrio entre a mente, o corpo e o espírito (Baer, 2003, p. 235) e, sendo parte da Nova Era, busca romper com estabelecimentos oficiais e legitimados, ou seja, com a biomedicina e as religiões oficiais (McGuire 1993, p. 149).

Além das experiências individuais ao nível da religiosidade, outra peça importante das novas formas de espiritualidade é a presença extensa de centros espirituais, que oferecem uma grande variedade de práticas, da meditação do Osho e comunicação com os anjos ao yoga, reiki e retiros espirituais. Estes centros têm contribuído em grande medida para a popularização da espiritualidade da Nova Era, auxiliando a última a chegar a um público mais amplo, e fazem um grande esforço para mostrar como a nova espiritualidade é um assunto público; em última análise, os centros criam uma cultura da Nova Era dinâmica, capaz de competir com a autoridade religiosa formal.

Mas a mais popular ou maior celebração pública da cultura da Nova Era ocorre durante um evento que se chama “feira alternativa de Lisboa”. Este festival de espiritualidade da Nova Era acontece cada ano num grande espaço verde, dura três dias, e oferece um sabor duma grande variedade de práticas da Nova Era quer para os novatos quer para os experientes no campo da espiritualidade contemporânea. Há uma variedade de quiosques que oferecem serviços de cura alternativa e outros que vendem itens da Nova Era, várias palestras temáticas, concertos e workshops práticos onde todos podem ter uma experiência individual duma gama alargada de práticas e temas espirituais, e ser iniciados num pluralismo religioso tão diversificado que pode ir da meditação indiana à dança xamânica mexicana.

Por consequência, em Lisboa são apresentadas às pessoas oportunidades eclécticas de estar e fazer compras no mercado espiritual (Sharma, 1993, p. 17). Inevitavelmente, a questão é levantada em relação até que ponto a popularidade da nova espiritualidade em Lisboa é, na verdade, “genuína”, ou se a espiritualidade está a ser apropriada para fins comerciais, mesmo por aqueles que são participantes activos na espiritualidade da Nova Era. Concordo com a observação de Carrette e King (2005, p. 1) que “de fengshui para a medicina holística, de velas de aromaterapia para yoga, de místicos cristãos para gurus da Nova Era, a espiritualidade é um grande negócio”.

Ainda assim, os moradores de Lisboa têm uma escolha maior para fazer compras de diferentes materialidades e práticas espirituais. Através desta perspectiva espiritual múltipla, eles agora podem mais facilmente “optar por se tornar de-condicionados da aculturação predominante da [sua] sociedade e re-condicionados para uma nova prática espiritual da [sua] escolha própria” (York, 2001, p. 361). A maioria deles estão conscientes das regras sociais estabelecidas nestes tipos de interacções no mercado espiritual, e existe uma escolha individual para as aceitarem ou rejeitarem. Consequentemente, quanto mais pluralizado se torna o mercado espiritual, mais poder as pessoas em Lisboa ganham a escolher as práticas, os objectos materiais e os discursos que as ajudam mais a lidarem com os sentimentos individuais e sociais negativos, que a sua situação económica difícil tem trazido.

Epílogo: Religião, Nova Espiritualidade e Crise

A maioria dos meus informantes ligou a ascensão da nova espiritualidade com a situação socioeconómica difícil que Portugal enfrenta nos últimos anos. Até mesmo a geração mais velha dos portugueses, que continua a frequentar missas da igreja aos

domingos, e a identificar-se como católica, parece - até certo ponto, pelo menos - que se desiludiram com o Catolicismo. Especialmente no contexto da actual crise socioeconómica, as pessoas em Portugal sentem que a Igreja Católica não tem apoiado os seus devotos como deveria, fazendo com que se sintam impotentes neste momento da crise. Em vez disso, eles acreditam que a Igreja manteve-se estática e inalterada, e não afectada pelas mudanças atuais.

Ao virarem-se para novas formas de espiritualidade, os portugueses pensam fortemente que encontraram uma maneira de lidar com a inquietação, uma vez que os ajuda a sentirem-se competentes e no controle do seu caminho espiritual. Aparenta que a religiosidade portuguesa contemporânea está a passar por um processo de individualização (Pollack, 2008. p. 182, 184). As escolhas espirituais mais individuais que as pessoas fazem em Lisboa, no que diz respeito à sua espiritualidade pessoal, parece conduzir a um pluralismo quotidiano, ou a um “novo pluralismo religioso”, para usar o conceito analítico de Berger (2007, p. 19)²².

Como um dos meus informantes observou, as pessoas em Portugal nos dias de hoje “estão entre a espada e a parede (...) por causa de todas essas coisas económicas (...) mas as pessoas estão a começar a ser mais conscientes [espiritualmente], voltando-se para coisas mais verdadeiras e humanas”. A julgar pelos testemunhos desses meus informantes que experimentaram o aumento da espiritualidade no país desde o seu início, a espiritualidade em Portugal hoje é diferente da maneira como as pessoas costumavam praticá-la há algumas décadas. Todas as pessoas com quem eu conversei colocaram ênfase no facto de que a espiritualidade da Nova Era desempenha um novo papel na sociedade portuguesa. Os portugueses parecem ter encontrado um novo sentido para a prática da espiritualidade, e uma nova maneira de lidar com a sua crise pessoal e social, forçando-os a confrontar e transformar a sua religiosidade numa forma criativa.

Neste artigo tentei mostrar como a imagem da religiosidade portuguesa contemporânea tem sido transformada. O contexto religioso do Portugal de hoje, especialmente em Lisboa, deixou de ser claramente e quase exclusivamente Católico, mas, em vez disso tornou-se pluralista e capaz de acomodar e desenvolver uma maior proximidade com as novas formas de espiritualidade. É claro que o pluralismo religioso não é um fenómeno

²²De acordo com Berger (2007), o pluralismo religioso tem implicações em dois níveis. O primeiro nível é institucional: o clero perde a sua autoridade socialmente determinada, e os leigos tornam-se sujeitos sociais activos num mercado religioso que está constantemente em busca da nova clientela religiosa (ibid., p. 21). O segundo nível é cognitivo: os indivíduos podem escolher a sua religião, que não é feita por certo da sua consciência, mas é uma escolha livre e subjectivada (ibid., p. 23).

novo no contexto Europeu. Para os portugueses, no entanto, essas transformações no campo da religiosidade podem ser consideradas como um desafio. Ao negar que o Catolicismo, uma característica inerente da identidade portuguesa, detém um papel central nas suas vidas, e adoptando uma identidade espiritual em vez disso, as pessoas em Lisboa mostram vontade de transformar a sua identidade pessoal e social e, portanto, tornam-se indivíduos activos que demonstram uma subjectiva, bem como criativa acção social. Em última análise, a crise socioeconómica, que deixou os portugueses desiludidos com a religião, não os empurrou para uma secularidade. Também não os levou para o Cristianismo. A crise tornou a nova espiritualidade mais popular, limitando o domínio Católico, e levando a uma transformação do panorama religioso português e ao início duma nova era de religiosidade portuguesa contemporânea.

REFERÊNCIAS

- Baer, A. Hans (2003). The Work of Andrew Weil and Deepak Chopra: Two Holistic Health/New Age Gurus: A Critique of the Holistic Health/New Age Movements. *Medical Anthropology Quarterly* 17 (2), 233-250.
- Bastos, Cristiana(2001). Omulu em Lisboa: Ethnografias para uma TeoriadaGlobalização. *Etnográfica* 5 (2), 303-324.
- Bender, Courtney(2010). The New Metaphysicals: Spirituality and the American Religious Imagination. Chicago: University of Chicago Press.
- Berger, Peter (2007). Pluralism, Protestantization, and the Voluntary Principle. In T. Banchoff (ed.), *Democracy and the New Religious Pluralism*(pp. 19-29). Oxford: Oxford University Press..
- Blanes, RuyLlera& Ramon Sarró(2008).European Christianities at the turn of the millennium: an introduction. *Etnográfica* 12 (2), 371-376.
- Brown, F. Michael(1997). The Channeling Zone: American Spirituality in an Anxious Age. Cambridge, Massachusetts and London: Harvard University Press.
- Bruce, Steve(2002). God is Dead: secularization in the West. Oxford and Malden, MA: Blackwell Publishers.
- Carrette, Jeremy & King, Richard (2005).Selling Spirituality: The silent takeover of religion. London and New York: Routledge.
- Davie, Grace (1994). Religion in Britain since 1945: Believing Without Belonging. Oxford: Blackwell.
- Dix, Steffen (2009). Religious Plurality within a catholic tradition: A study of the Portuguese capital. Lisbon, and a brief comparison with Mainland Portugal. *Religion* 39, 182-193
- Fedele, Anna & Kim Knibbe (eds.),(2013).Gender and Power in Contemporary Spirituality: Ethnographic Approaches. London: Routledge.
- Klassen, Pamela (2005). Ritual Appropriation and Appropriate Ritual: Christian Healing and Adaptations of Asian Religions. *History and Anthropology* 16(3), 377-391.
- Knoblauch, Hubert (2008). Spirituality and Popular Religion in Europe.*Social Compass* 55(2), 140-153.
- Liep, John (2001). Introduction. In John Liep(ed.), *Locating Cultural Creativity*(pp. 1-13). London and Sterling, Virginia: Pluto Press.
- Luhrmann, T.M. (1989). Persuasions of the Witch's Craft: Ritual Magic in Contemporary England. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.

Margry, Peter (2008). Secular Pilgrimage: A Contradiction in Terms?. In P. J. Margry (ed.), *Shrines and Pilgrimage in the Modern World: New Itineraries Into the Sacred* (pp. 13-46). Amsterdam: Amsterdam University Press.

McGuire, Meredith (1993). Health and Spirituality as Contemporary Concerns. *ANNALS, AAPSS* 527, 144-154.

Pollack, Detlef (2008). Religious Change in Europe: Theoretical Considerations and Empirical Findings. *Social Compass* 55(2), 168-186.

Poulin, A. Patricia & William West (2005). Holistic Healing, Paradigm Shift, and the New Age. In Roy Moodley and William West (eds.), *Integrating Traditional Healing Practices Into Counseling and Psychotherapy* (pp. 257-268). California, London and New Delhi: Sage Publications.

Saraiva, Clara (2008). Transnational Migrants and Transnational Spirits: An African Religion in Lisbon. *Journal of Ethnic and Migration Studies* 34(2), 253-269.

Sharma, Ursula (1993). Contextualizing alternative medicine: the exotic, the marginal and the perfectly mundane. *Anthropology Today* 9 (4), 15-18.

Shimazono, Susumu (1999). 'New Age Movement' or 'New Spirituality Movements and Culture'? *Social Compass* 46 (2), 121-134.

Wood, Matthew (2007). *Possession, Power and the New Age: Ambiguities of Authority in Neoliberal Societies*. Aldershot: Ashgate.

York, Michael (2001). New Age Commoditisation and Appropriation of Spirituality. *Journal of Contemporary Religion* 16(3), 361-372.

RITUAIS EVANGÉLICOS ALTERNATIVOS: EMPRÉSTIMOS *NEW AGE* EM CULTOS EVANGÉLICOS

Thiago de Menezes Machado²³ (UFJF)

Resumo

A forma *new age* de lidar com a espiritualidade é construída a partir de improvisos e experimentações. Elementos da cultura alternativa e da espiritualidade *new age* – incenso, cristais, uso de noções como “*karma*” e “*energia*” para explicar a doutrina cristã – são aplicados à liturgia evangélica. Contudo, essa *bricolage* não acontece sem uma negociação entre o cristianismo e as tradições às quais recorre na construção de uma espiritualidade alternativa. Quais os critérios que permitem as experimentações religiosas? Há uma racionalidade que orienta esses processos? A pesquisa etnográfica que fundamenta este trabalho foi feita por meio de observações participantes e entrevistas semiestruturadas. Através da etnografia foi possível perceber as afinidades eletivas que se forjam entre os evangélicos e a contracultura alternativa e como estas afinidades tornam possíveis os empréstimos mútuos entre os grupos.

Palavras Chave: Nova Era, Alternativo, Espiritualidade, Cristianismo

Abstract

The new age way of dealing with spirituality is built through improvises and experimentations. Elements from the alternative culture and new age spirituality – incenses, crystals, the use of notions such as “*karma*” and “*energy*” to explain the Christian doctrine – are applied to the evangelical liturgy. However, this *bricolage* doesn't happen without a negotiation between Christianity and the traditions to which it resorts in the building of an alternative spirituality. What are the criteria that allow the religious experimentations? Is there a rationality that guides these processes? The ethnographical research in which this paper is based was conducted through participant observations and semi structured interviews. Through ethnography it was possible to perceive the elective affinities that are forged between the evangelicals and the alternative counter culture and how these affinities made possible the mutual exchanges between the groups.

Keywords: New Age, Alternative, Spirituality, Christianity

²³ Doutorando em Ciência da Religião no Departamento de Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora. Bolsista FAPEMIG. thiago.machado16@hotmail.com

Introdução

A cidade de Alto Paraíso de Goiás, localizada na região da Chapada dos Veadeiros, abriga grande variedade de movimentos religiosos e espirituais que fazem parte do que convencionou-se chamar “a nebulosa místico-esotérica” (Champion, 1990). Desde a década de 1980, Alto Paraíso tornou-se centro de atração do movimento alternativo e contracultural brasileiro.

Comunidades alternativas estabeleceram-se na região durante os anos 80 e 90, atraindo muitos alternativos ligados aos movimentos de espiritualidade que iam surgindo e se fortalecendo desde os anos de 1960. Por conta disso, Alto Paraíso passou a abrigar grupos esotéricos, místicos, filosóficos e religiosos. As práticas associadas ao universo *new age* – massagens, terapias, consultas divinatórias, meditações, práticas xamânicas, exercícios físicos e espirituais, por exemplo – são facilmente acessíveis.

Ao lado dos participantes desses movimentos neoesotéricos, a característica contracultural de Alto Paraíso também atrai jovens evangélicos que encontram no estilo *hippie* uma forma de identificação cultural e de expressão estética e religiosa. Esses evangélicos alternativos diferenciam-se dos demais pelas complexas negociações que fazem com os valores da contracultura e com as expressões religiosas que se desenvolvem no meio alternativo.

Os evangélicos alternativos de Alto Paraíso dividem-se em dois grupos: a Comunidade Seiva e a Comunidade *Sar Shalom*. A primeira delas, a Comunidade Seiva, é uma comunidade referenciada pelo protestantismo reformado conservador, tendo no neocalvinismo holandês²⁴ e na Teologia da Missão Integral²⁵ seus principais referenciais. A Comunidade *Sar Shalom* é uma comunidade orientada por um pentecostalismo que adota elementos judaicos e da Teologia da Batalha Espiritual.

A tendência ao experimentalismo, herdada da contracultura alternativa pelos jovens evangélicos de Alto Paraíso, se expressa em seus momentos de culto e em suas celebrações religiosas. Em consequência, as formas comunitárias de vivenciar a fé

²⁴ A teologia neocalvinista é uma corrente teológica nascida na Holanda, no século XIX. Entre seus principais representantes contam-se Abraham Kuyper e Herman Dooyeweerd. O neocalvinismo pretende relacionar a fé cristã com as demais áreas da vida, mobilizando o conceito de “cosmovisão cristã” em oposição a uma vivência religiosa privada. Para o neocalvinismo, o cristianismo deve exercer papel ativo na construção cultural e social, desenvolvendo as potencialidades latentes na criação divina. A respeito do neocalvinismo, conferir (Ramlow, 2012).

²⁵ A teologia da missão integral é uma teologia contextual latino-americana. Esta corrente teológica chama a atenção para a responsabilidade da igreja cristã perante os contextos nos quais ela se insere, exigindo um engajamento tanto religioso quanto social, político e econômico. Sidney de Moraes Sanches apresenta a relação desta corrente teológica com outras correntes de teologia contextual, bem como suas principais características (Sanches, 2010).

evangélica são repensadas e moldadas pela constante exploração de expressões estéticas e litúrgicas novas.

A vivência litúrgica desses grupos é, portanto, muito dinâmica. Suas elaborações rituais são provisórias, flexíveis, sempre submissas ao “imperativo de mudança” (Hervieu-Léger, 2008, p. 39) e variação. Essas vivências são constantemente recriadas, reorganizadas sob novas formas. Assim como as vivências *new age*, esquivam-se às substancializações (Amaral, 2003, p. 33; Duarte, 2010, p. 31). Qualquer tentativa de descrição sistemática das formas litúrgicas e rituais que aí tomam lugar está, desde sua elaboração, desfasada, atrasada.

Devido a esse caráter altamente dinâmico e transitório, as descrições e tentativas de análise que se seguem não têm qualquer pretensão à exaustividade. Não se trata de uma sistematização dos rituais realizados pelas comunidades, uma vez que são constantemente reformulados. Antes de compor um mapeamento completo das celebrações que configuram a vivência ritual dos grupos em questão, a descrição limita-se à forma como foram desenvolvidos os rituais durante o tempo de pesquisa em campo. É valioso lembrar, portanto, a advertência feita pelo antropólogo Luiz Eduardo Soares a respeito da flexível e sempre mutável construção de sentidos que tem lugar dentro do universo alternativo, também válida para as experiências evangélicas feitas em seu interior:

Uma pesquisa sobre o ‘alternativo’ sofre, mais do que seria usual, de um problema tão conhecido quanto relevante: a realidade que pretende esclarecer não corresponde ao modelo formulado, apesar de sua adequação. (...) Quando o objeto do estudo é o tratamento real que determinados grupos sociais conferem a uma cosmologia essencialmente porosa, (...) a tendência é que o hiato regular entre modelo e experiência se aprofunde. (Soares, 1994, p. 207)

A pesquisa etnográfica que fundamenta este trabalho foi feita por meio de observações participantes e entrevistas semiestruturadas entre março e setembro de 2013. Seu objetivo será descrever e analisar as construções litúrgicas dos evangélicos dessas duas igrejas de Alto Paraíso de Goiás, buscando compreender as formas através das quais seus rituais dialogam com elementos das expressões religiosas *new age* e como ocorrem as negociações que tornam possível esse diálogo.

Características Gerais da Liturgia Evangélica Alternativa

Os evangélicos das igrejas alternativas de Alto Paraíso são pouco afeitos ao formato comum das liturgias das igrejas evangélicas brasileiras. De forma especial, criticam a distância simbólica e espacial que separa, de um lado, o sacerdote e os componentes das lideranças e ministérios e, do outro, frequentadores leigos que compõem a membresia dessas igrejas.

Essa membresia, segundo a percepção dos evangélicos alternativos, permanece enfileirada e despersonalizada perante o altar, como uma plateia que apenas assiste passivamente à realização de um espetáculo e que não participa ativamente de sua elaboração enquanto grupo formado por pessoas individuais dotadas de subjetividade.

Os evangélicos alternativos de Alto Paraíso buscam formas abertas, participativas e menos burocráticas de celebração de sua fé. Em consonância com as comunidades emocionais descritas por Hervieu-Léger, rejeitam o empobrecimento da experiência pessoal e coletiva resultante de enquadramentos institucionais e burocráticos (Hervieu-Léger, 1997, p. 42- 43).

A ideia é que todas as pessoas presentes aos cultos e celebrações dessas comunidades possam, de alguma forma, envolver-se com a condução do culto e desempenhar papel ativo na elaboração e no desenvolvimento prático dos momentos religiosos.

A participação coletiva, democrática e igualitária, que caracteriza a forma de administração da liturgia e do culto do grupo é facilitada pela rotatividade de seus frequentadores. Dificilmente todos os frequentadores regulares comparecem de uma vez só aos cultos, que, normalmente, reúnem não mais que dez ou quinze pessoas simultaneamente.

Os participantes aproximam-se e distanciam-se sem maiores constrangimentos (Hervieu-Léger, 1997, p. 34). Isso não significa que estes abandonem a convivência com as pessoas que continuam a participar das atividades que os grupos promovem ou que se afastem completamente destas atividades, tanto religiosas como não religiosas.

Quando há afastamento das atividades, ao invés de um abandono total de participação e convivência, o sujeito que se afasta passa a integrar a rede ampla e frouxa de participantes ocasionais (Hervieu-Léger, 1997, p. 34) que se sentem livres para tomar parte na vida do grupo sem aderir a compromissos estritos.

Somam-se a esses participantes ocasionais um grupo reduzido de participantes compromissados com as atividades do grupo, formando uma rede de suporte que garante a própria possibilidade do grupo continuar a existir. Esse núcleo

compromissado permite o estabelecimento de um nível mínimo de rotinização necessária à manutenção do grupo e ao desenvolvimento de suas atividades.

Cria-se uma situação ambígua: por um lado, há a facilidade de realização de vivências altamente participativas e experimentais, como a requer a sensibilidade alternativa; por outro, experiências que exigem maior grau de compromisso dos participantes são dificultadas pela incerteza quanto a quantas pessoas e quais delas estarão disponíveis a cada celebração.

O número reduzido de participantes dos grupos e a presença rotativa dos participantes ocasionais conferem aos grupos a possibilidade de construir seus rituais de forma improvisada²⁶. Como ocorre costumeiramente nas vivências *new age*, a condução dos rituais não é totalmente planejada de antemão, deixando muito espaço para a colaboração pontual dos participantes presentes (Amaral, 2003, p. 50). De fato, a disponibilidade de recursos que podem ser mobilizados a cada reunião depende das pessoas que estão presentes a cada reunião.

Os pastores dos grupos evangélicos alternativos em Alto Paraíso não se distinguem visualmente nos momentos de culto. Usam as mesmas roupas comuns aos alternativos e esotéricos que frequentam a cidade. Isso diminui a distância simbólica e facilita a identificação com os participantes deste universo cultural. Chinelo, bermudas ou calças utilizadas para o trabalho circense, camisetas em *tie-dye* ou com representação de um Jesus *rock and roll* estampada substituem a paramentação litúrgica tradicional protestante ou católica.

As celebrações dos cultos dominicais têm, de forma geral, uma estrutura bastante simples comum às duas igrejas frequentadas pelos evangélicos alternativos em Alto Paraíso. O culto se inicia com uma oração inaugural, seguida do momento de louvor. Muito participativo, o louvor mobiliza quase todos os presentes.

Além do violão, muitos bongôs e outros instrumentos de percussão garantem a possibilidade de envolvimento de todos. De fato, abre-se o espaço para que todos possam tocar músicas, até mesmo quem visita os grupos pela primeira vez. Não apenas violão e percussão, mas a presença de músicos que levem seus instrumentos abre a possibilidade de utilização também de outros instrumentos.

²⁶ Aqui utilizo a ideia de “improviso” conforme definida por Richard Schechner. Schechner argumenta que há uma diferença entre o ensaio e a preparação no contexto da improvisação musical. Enquanto o ensaio tem como objetivo a fixação de uma prática a ser reproduzida fielmente durante uma apresentação, a preparação visa garantir que o músico tenha um repertório técnico já assimilado e bem conhecido pronto para ser aplicado a qualquer momento em que se faça oportuno (Schechner, 1974, p. 477).

Embora em cada um dos grupos haja pessoas que assumem costumeiramente a condução da música, não há um corpo estabelecido de músicos formais – algo como um ministério de louvor. Isso favorece a abertura para a contribuição espontânea de músicos presentes às reuniões.

A transição entre o momento de louvor e a exposição do texto bíblico é marcada por uma oração. Após a leitura e explicação da Bíblia, o culto se encerra com orações espontâneas individuais, seguidas da recitação coletiva da oração do Pai Nosso. As orações finais e o Pai Nosso são feitas com todos os presentes reunidos e de mãos dadas.

A construção de uma vivência cristã estilizada à maneira alternativa é também uma forma de comunicação. Rodrigo Portella chama a atenção para o fato de que estética, roupas e vocabulário transmitem mensagens tanto para dentro do próprio grupo quanto para fora dele, influenciando nas relações sociais desenvolvidas interna e externamente (Portella, 2012, p. 16).

Segundo Portella, a estética enquanto forma de comunicação implica na “teatralização” comportamento. Por “teatralização” ele compreende uma identificação imagética, representando, através da aparência e do comportamento, valores e o modo de vida do grupo. Qualquer referência a uma ação mecânica ou falsa está ausente do sentido que é emprestado ao termo (Portella, 2012, p. 16).

O comportamento teatralizado, performatizado, reforça os vínculos internos do grupo, sobretudo através de seu emprego nos rituais (Portella, 2012, p. 16). Como componente das interações que se desenvolvem entre evangélicos e o mundo neoesotérico de Alto Paraíso, a comunicação estética reforça não apenas os laços dos evangélicos como uma comunidade de fé cristã, mas também reforça sua relação ambígua com o entorno *new age*.

A relação entre a teatralização e a ação social, tanto relativa aos próprios membros do grupo e sua adoção de uma religiosidade cristã quanto relativa a seus vínculos externos, com a comunidade alternativa mais ampla na qual se inserem esses membros, coloca em questão o aspecto eficaz, que acompanha a performance.

Na performance, entretenimento e eficácia formam as duas pontas de um *continuum*, no interior do qual há combinações desses dois pontos extremos (Schechner, 1974, p. 14-15). Entretenimento, bem estar e diversão dividem espaço com as redes de significados valorizadas pelos agentes que tomam parte nessa performance.

Não apenas o entretenimento divide espaço com os valores simbólicos do grupo, mas serve de veículo para a expressão de sua rede de significados em toda a sua seriedade, mesmo quando a diversão parece impor-se, apresentando-se em primeiro plano. É preciso ter em mente a afirmação de Richard Schechner que “em todo entretenimento há alguma eficácia e em todo ritual há algum teatro” (Schechner, 1974, p. 14-15).

O momento de culto divide-se, grosso modo, em duas partes principais: o momento de louvor e a leitura do texto bíblico, seguida por um sermão expositivo. Orações abrem e encerram o momento cultural, além de marcar a transição entre esses dois momentos.

A essa estrutura básica somam-se as experiências estéticas que emprestam ao culto seu colorido alternativo, produzindo uma estilização da tradição cristã. Essas experiências são construídas de maneiras peculiares pela Comunidade Seiva e pela Sar Shalom.

Cultos da Comunidade Seiva

Os cultos da Comunidade Seiva, em um primeiro momento, eram celebrados no prédio de uma cafeteria desativada na Avenida Kundalini²⁷. O espaço foi alugado pela comunidade junto ao Caminho da Graça, instituição cristã ligada ao Reverendo Caio Fábio²⁸, para a realização de suas celebrações dominicais.

O prédio no qual realizavam-se as reuniões era uma construção simples de madeira. À entrada do imóvel, havia um gramado com espaço preparado para fazer fogueira e um caminho de pedra que conduzia à porta. Não havia qualquer identificação visual que pudesse caracterizar o local como um espaço de celebração religiosa, nenhum aspecto de igreja.

Os cultos da Comunidade Seiva ocorriam aos domingos à noite. A primeira parte do culto era realizada sob luz de velas espalhadas por todo o local. As mesas e cadeiras da cafeteria eram colocadas no centro do espaço, formando uma grande mesa, ao redor da qual os participantes se sentavam, como nos cenáculos do cristianismo primitivo. Devido ao número reduzido de participantes, era possível reunir a todos na mesa.

²⁷As vias principais de Alto Paraíso foram rebatizadas com o objetivo de exploração do turismo místico. Dessa forma, a Avenida Ary Ribeiro Valadão Filho passou a ser chamada de Avenida Kundalini. Kundalini é a serpente que atravessa os sete *chakras*, liberando o fluir da energia vital no corpo sutil.

²⁸ Caio Fábio D'Araújo Filho foi pastor presbiteriano e fundador da VINDE – Visão Nacional de Evangelização. Teve atuação pioneira na mídia evangélica, atuando como pregador em programas de televisão desde 1974. Também foi conferencista em eventos religiosos no Brasil, Europa, América Latina e América do Norte. No fim da década de 1990, escândalos financeiros e sexuais resultaram em sua perda de prestígio no meio evangélico, o que culminou com seu pedido de exoneração como pastor presbiteriano em 2003. Em 2004, fundou o movimento “O Caminho da Graça”, sediado em Brasília.

Cristais, pedras e flores, elementos muito presentes no universo místico neoesotérico, eram dispostas sobre a mesa e sobre o balcão do café. Somados à penumbra gerada pela luz oscilante das velas, todos esses elementos contribuíam para dar ao ambiente seu ar de vivência mística.

Ocasionalmente, utilizava-se incenso, tomando o cuidado para retirar deles as embalagens, que fazem menção a suas propriedades místicas e mágicas, rejeitadas pelos evangélicos. O objetivo era criar um ambiente com o qual as pessoas pudessem se identificar e sentir-se bem, mas sem invocar as propriedades “mágicas” imputadas aos elementos que eram utilizados.

De acordo com a estrutura básica descrita para as celebrações dominicais, esse primeiro momento, sob luz de velas, era o momento do louvor. Músicas usualmente cantadas nas igrejas evangélicas eram alternadas com *reggaes* espirituais e com letras bíblicas. Além do pastor Bruno, quando havia visita de rastas ou do pastor Daniel, estes conduziam as músicas.

Após o louvor, as velas eram apagadas e as luzes acesas para a leitura bíblica e para o sermão. A linguagem usada nos sermões acompanha o tom leve, informal e afetivo, que é característico de toda a celebração. O afeto e a espontaneidade, característicos da sensibilidade religiosa moderna (Silveira, 2004, p. 168), apresentam-se no lugar da pompa e da solenidade costumeiras nos cultos das igrejas protestantes históricas.

Posteriormente, os cultos passaram a ser realizados nas casas dos próprios frequentadores, o que exigiu uma reorganização na forma em que eram conduzidos. Essa situação contribuiu para aumentar o clima de informalidade que marca a todas as reuniões, devido à ausência de um local fixo e já de antemão conhecido por todos como o local de realização das celebrações.

Os presentes acomodavam-se livremente, sentando-se em cadeiras, almofadas ou pelo chão. Devido às circunstâncias, abandonou-se a prática anterior de realizar parte do culto sob luz de velas, tornando a condução do culto mais simples e mais semelhante às dos outros grupos evangélicos alternativos de Alto Paraíso.

Todo esse cenário contribuía para criar, além de uma atmosfera mística, um tom muito afetivo para o ambiente. Conforme destaca Hervieu-Léger, o estilo afetivo de construção da espiritualidade tende a favorecer a busca estética, criando um ambiente que se mostre favorável à expressividade emocional (Hervieu-Léger, 1997, p. 33).

Embora esses cultos não gerassem explosões de emotividade – a religiosidade “quente”, mesmo nas comunidades com apelo afetivo, é rara e tende a não ser duradoura

(Hervieu-Léger, 1997, p. 33) –, seu ambiente era caracterizado por um tom de forte afetividade, especialmente durante a execução das músicas e durante as orações que têm lugar ao final do culto.

Cultos da Comunidade *Sar Shalom*

Os cultos da *Sar Shalom* acontecem aos domingos pela manhã, em um antigo templo batista que, por não estar sendo utilizado, foi cedido para o uso da comunidade. Apesar do prédio ter características de igreja, apenas uma singela placa de madeira com a palavra “templo” entalhada indica tratar-se de um prédio de uso religioso.

Assim como nos outros espaços religiosos ocupados pelos evangélicos alternativos de Alto Paraíso, o ambiente dentro do templo é marcado pela simplicidade. De fato, a simplicidade deriva da posição social dos sujeitos que frequentam esses lugares, em sua maioria artesãos, trabalhadores informais, donos de *campings* ou pequenos comerciantes.

As pessoas acomodam-se em sofás improvisados, adaptados a partir de camas e almofadas. Geralmente, todas as pessoas presentes às celebrações podem acomodar-se nos sofás. Contudo, em algumas ocasiões, quando há maior número de pessoas presentes, os frequentadores não se constroem ao sentar-se sobre almofadas no chão.

Do altar à frente, o pastor Daniel conduz o louvor e a pregação. Daniel é possuidor de uma sólida formação musical, que passa pelo rock, blues e reggae. Contudo, destaca-se sua experiência como intérprete de música flamenca. O flamenco combina um estilo vocal oriental, que ignora deliberadamente as divisões semitonais da música ocidental, com o violão europeu, produzindo uma combinação peculiar entre traços orientais e ocidentais na música (Leblon, 1994, p. 162). A estética flamenca é sempre imbuída de grande carga emotiva, de padecimento e de tragédia, sendo definida pelo etnomusicólogo Bernard Leblon como “uma estética do sofrimento e do paroxismo” (Leblon, 1994, p. 170-171).

O elemento flamenco empresta caráter performático bem acentuado ao louvor praticado na comunidade. Releituras de músicas tradicionais evangélicas, tocadas em uma interessante mistura de *rock*, *blues*, *reggae* e flamenco, constituem o louvor praticado nessa comunidade²⁹. O violão de Daniel é acompanhado pelos instrumentos de

²⁹ É preciso chamar a atenção para a observação de Leblon sobre o risco do flamenco, submetido à grande mídia e à mistura com elementos ocidentais padronizados, como o *rock* e a *world music*, perder sua “anti-estética” emocional (Leblon, 1994, p. 171). No caso em questão, tratando-se de performance em pequeno

percussão, em sua maioria de fabricação artesanal e caseira, que ficam à disposição de todos os participantes.

Os louvores e a pregação são proferidos por Daniel, que permanece sentado na beirada do altar, de frente para os presentes. Sua postura é marcada por informalidade, em conformidade com a tônica geral dos cultos realizados pelos evangélicos alternativos de Alto Paraíso.

Em suas pregações, geralmente cheias de explicações sobre costumes e festas do povo israelita, bem como no nome da comunidade (que, aliás, nunca é utilizado por ele nem pelos frequentadores, que se referem ao grupo apenas como “a igreja”), manifesta-se um direcionamento em direção a uma releitura das raízes judaicas do cristianismo. Essa releitura é feita através da observação do calendário religioso judaico, com suas festas e celebrações periódicas, além da incorporação de temáticas judaicas nas pregações. As festas que o cristianismo tem em comum com o judaísmo são celebradas, preferencialmente, buscando o estilo judaico de sua celebração.

Essa tendência é relacionada por Daniel³⁰ com sua passagem anterior pela cultura neoesotérica:

Nunca existiu uma ideologia que me levou a isso daí. Foi uma coisa natural que começou a me levar para isso. Isso é uma tendência que eu peguei mais da nova era. Geralmente a gente fazia mapa astral, fazia toda essa coisa que fala não somente da sua linhagem com os planetas, mas também da raiz da sua descendência. Eu já tinha esse costume, de ver qual era a minha descendência. De certa maneira, eu transportei esse pensamento um pouco para a parte bíblica. Comecei a fazer certas pesquisas e vi que em minha família existiram certas partes de descendentes de judeus.

Celebrações Eucarísticas

Além das reuniões semanais de culto, a agenda evangélica alternativa de Alto Paraíso conta com as celebrações mensais da Santa Ceia. As ceias são realizadas na forma de uma refeição comunitária após o culto dominical. O tamanho reduzido dos grupos facilita a realização de refeições comunitárias.

Sua regularidade é mensal, ao menos em tese. Devido à constante mutação pela qual passam as atividades religiosas desses grupos, a eucaristia não é celebrada com

grupo, sem interesses comerciais e midiáticos, a preocupação de Leblon parece não se verificar empiricamente.

³⁰Todas as entrevistas citadas neste texto foram realizadas durante o período de março a setembro de 2013 em Alto Paraíso de Goiás. Para preservar a privacidade e a qualidade das informações, são empregados nomes fictícios para os entrevistados.

frequência mensal rigorosa. Sua realização depende da disponibilidade de seus frequentadores.

As diferentes formas de celebração da Comunidade Seiva ilustram bem essa tendência aberta e mutável de construção litúrgica. Na Seiva, a princípio, durante todo o culto se realizava a santa ceia. Ao invés de se fazer um culto com liturgia regular, à qual se soma a celebração da ceia, conforme prática corrente no universo evangélico, a eucaristia acontecia durante todo o culto.

Os frequentadores eram divididos em três grupos: o primeiro grupo, composto pelos músicos presentes, revezava-se na condução do louvor, conforme o jeito participativo e aberto de lidar com a música, sempre mesclando *reggaes* com temática espiritual e músicas evangélicas; o segundo, composto basicamente pelas mulheres, fazia a preparação do ambiente, distribuindo velas e cristais, cobrindo as mesas com folhas de bananeira e flores do cerrado, acendendo incensos; o terceiro era responsável pelo preparo das comidas. Embora parte da comida fosse levada pronta pelos frequentadores, algumas coisas eram feitas na hora, como a tapioca e o chapati.

Este último, o chapati, por vezes, era servido no lugar do pão tradicional como elemento sacramental. O chapati consiste em uma variedade de pão indiano, típica, sobretudo, da região de Goa. É item comum na culinária alternativa. Por ser de fácil preparo e poder ser feito durante a realização do próprio culto, foi adotado pela Comunidade Seiva.

O objetivo da eucaristia realizada dessa forma, ao invés do modelo tradicional, era duplo. Em primeiro lugar, a divisão do grupo, delegando a cada pessoa uma tarefa a desempenhar para a preparação da ceia, tinha por fim a construção coletiva da comunhão eucarística, de modo a comunicar ritualmente a participação de todos na comunhão cristã. Enfatizava-se a importância de todos prepararem a ceia e cantarem juntos. Dessa forma, os elos comunitários eram visibilizados ritualmente através da preparação comum da celebração, sendo que a música deveria permear o ambiente, unindo as vozes e corações.

Em segundo lugar, a criação de uma forma particular ao grupo de celebrar a santa ceia permitia a exploração das afinidades eletivas entre o estilo alternativo e a mensagem cristã. Dessa forma, era possível criar um ritual eucarístico que se adequasse ao jeito de ser de seus celebrantes. Conforme expresso por Carlos, pastor da Seiva, essa seria uma celebração “mais à nossa cara”.

Essas afinidades eletivas também penetram no discurso e na linguagem através da qual se comunica verbalmente a comunhão cristã performatizado no ritual da santa ceia.

Nessa linguagem, elementos comuns ao vocabulário neoesotérico são utilizados em função da pregação cristã do perdão dos pecados em Cristo.

Depois de preparado o ambiente e servidas as comidas, um dos pastores fazia uma breve reflexão sobre o significado da eucaristia e da morte vicária de Cristo:

A ceia é tipo um portal e toda aquela energia de Jesus passa pra cá. Aquela *vibe* agora é nossa. Jesus vai nos dar uma vida muito mais massa. É como se passasse a vida toda na cachoeira.

A escolha de termos como “energia”, “portal”, e “*vibe*”, aos quais se pode adicionar também o termo “*karma*”, bem como as metáforas que aludem ao aspecto benéfico, harmônico e acolhedor da natureza, são de uso corrente na linguagem do grupo.

O termo energia, como observa Soares, configura-se como a:

Moeda cultural do mundo alternativo, que prepara o terreno simbólico para o desenvolvimento de uma linguagem comum, independente das diversidades. Sua centralidade contribui também para o estabelecimento de uma vasta rede de vasos comunicantes entre os diversos submundos alternativos e os espaços axiológicos e simbólicos mais convencionais. (Soares, 1994, p. 197)

Soares argumenta que, a partir da noção básica e comum de energia, estabelece-se uma unidade temporária entre os diversos nichos que compõem o mundo cultural alternativo, de modo que “cabe à ‘energia’ a função mediadora e articuladora” (Soares, 1994, p. 198) entre os diversos grupos.

Essa unificação é temporária. Coloca entre parênteses as tensões decorrentes das divergências entre os diversos grupos que se abrigam sob o guarda-chuva da cultura alternativa. Latentes, as diferenças são ignoradas em favor de um ecletismo, que Soares qualifica como “inclusivo e cumulativo” (Soares, 1994, p. 203). No entanto, Soares alerta para o fato de que “o problema dessa moeda é a inflação semântica desprovida de qualquer corretor capaz de sinalizar os índices de variação” (Soares, 1994, p. 201-202).

O conceito de energia, enquanto moeda cultural alternativa, está sujeito a uma sobrecarga semântica, através da qual muitos sentidos podem ser atribuídos ao conceito sem que entrem em choque. É em decorrência dessa sobrecarga que os limites e diferenças entre perspectivas diversas são temporariamente ignorados.

Essa supressão temporária dos limites conceituais permite que elementos que, em outras ocasiões seriam rejeitados como heterodoxos, coloquem-se em função da comunicação da mensagem cristã, diluindo possíveis desvios doutrinários no conceito eclético e na semântica nebulosa da “energia”.

Dessa forma, a ceia é descrita em termos neoesotéricos como um “portal”, pelo qual a “energia de Jesus” é canalizada em favor dos frequentadores que participam da ministração sacramental. A “energia de Jesus” faz com que a *vibe* negativa, carregada pela negatividade decorrente dos pecados, seja substituída pela *vibe* boa de Jesus.

A energia também age como o elemento de síntese entre os aspectos espirituais e físicos presentes no ser humano e na natureza. O dinamismo e a imprecisão da energia conferem a ela a possibilidade de atuar como elo entre os aspectos físico e espiritual do ser humano, bem como de permear a natureza, conferindo a ela um caráter espiritualizado.

Tendo essas observações de Soares em mente, é interessante atentar para o fato de que a comunhão com Cristo é expressa em termos naturais na reflexão do pastor por ocasião da santa ceia. A comunhão com Jesus Cristo, a “vida muito mais massa” – ou a “vida em abundância” da qual falam os Evangelhos –, é como uma vida “passada à beira da cachoeira”.

A tendência atual à presença imanente do sagrado, tanto na vida “mais massa” aqui e agora na Terra quanto na consideração de um aspecto sagrado que subjaz à natureza, encontra sua expressão através dos empréstimos feitos pelos cristãos alternativos à linguagem neoesotérica. Esses empréstimos são mediados pela noção de energia, conceito essencialmente poroso, e pelas afinidades eletivas fornecidas pela estética e linguagem contraculturais.

Conclusão

As experimentações estéticas que os evangélicos alternativos de Alto Paraíso realizam em suas construções rituais cristãs, compondo sua vivência religiosa protestante com o aprendizado adquirido pelo convívio com o ambiente esotérico da cultura alternativa, deixam transparecer uma lógica que coordena essa composição.

Os empréstimos realizados pelos evangélicos junto à espiritualidade fluida *new age* são negociados através das afinidades eletivas que esses evangélicos alternativos conseguem estabelecer entre suas próprias convicções cristãs e aqueles elementos que podem ser relacionados, de alguma forma, com essas convicções.

A exploração dessas afinidades eletivas figura-se como um processo de racionalização da própria postura religiosa frente à sua matriz cristã tradicional e ao mundo exterior a essa matriz – no caso, o universo alternativo e místico-esotérico. A busca que esses cristãos fazem por pontos de afinidade permite que haja uma aproximação regulada,

através da qual são selecionados os elementos que podem ou não podem ser harmonizados com a forma cristã de lidar com a espiritualidade.

Os cuidados que os evangélicos têm por dissociar o uso dos incensos da crença em suas propriedades mágicas e por utilizar o vocabulário *new age* em função da pregação cristã do perdão dos pecados realizado por Jesus Cristo ilustra essa aproximação regulada que os cristãos alternativos fazem com relação à espiritualidade neoesotérica. Sentem-se livres para usar um incenso desprovido de características mágicas e para falar de um *karma* que é cumprido por Cristo em favor do indivíduo pecador.

O emprego de afinidades eletivas no processo de ação social entre o cristianismo e a cultura alternativa, tanto em sua face secular quanto religiosa, indica a operação de uma sensibilidade seletiva. Essa sensibilidade filtra conteúdos, posturas e atitudes, de modo que os pontos de contato possam ser explorados, ao mesmo tempo em que se preserva a mensagem cristã. Resulta desse emprego da sensibilidade uma mensagem cristã em estilo *new age*.

Esse jogo de possibilidades e desafios que se abrem para o cristianismo alternativo em seu contato com a Nova Era, expresso pela abertura às contaminações que ocorrem à medida que afinidades eletivas são percebidas entre as tradições religiosas, revela os “paradoxos da convivência” (Camurça, 2009) que regem as situações de fronteira simbólica. Esses paradoxos resultam em uma dialética da identidade (Sanchis, 1997), através da qual negociações simbólicas complexas produzem misturas e distinções.

O protestantismo histórico, como indica Camurça (2009), parece constituir exceção ao estilo sincrético da espiritualidade brasileira. Embora a disposição, por parte do cristianismo alternativo, em compor com elementos recebidos do universo simbólico neoesotérico possa surpreender, o modo através do qual essa disposição transforma-se em atitudes na convivência dos grupos religiosos em Alto Paraíso confirma sua recusa ao sincretismo.

REFERÊNCIAS

- Amaral, Leila (2002). Um Espírito sem lar: sobre uma dimensão nova era da religiosidade contemporânea. In Otávio Guilherme Velho. (Org.), *Circuitos Infinitos: Comparações e religiões no Brasil, Argentina, Portugal, França e Grã-Bretanha*. São Paulo: Attar.
- Camurça, Marcelo Ayres (2009). Entre sincretismos e "guerras santas": dinâmicas e linhas de força do campo religioso brasileiro. *Revista USP*, São Paulo, n. 81, 173-185.
- Champion, Fraçoise (1990). La Nébuleuse Mystique-Ésotérique: Orientations psychoreligieuses des corants mystiques etésotériques contemporains. In Fraçoise Champion & Danièle Hervieu-Léger (Eds.). *De L'émotion en Religion: Renouveaux et traditions* (pp. 17-68). Paris: Centurion.
- Duarte, Joelma do Patrocínio (2010). *A Contracultura e Seus Desdobramentos: Novas Experimentações e Religiosidade New Age*. Tese. Universidade Federal de Juiz de Fora.
- Hervieu-Léger, Danièle (2008). *O Peregrino e o Convertido: a religião em movimento*. Petrópolis: Vozes.
- Hervieu-Léger, Danièle (1997). Representam os Surtos Emocionais Contemporâneos, o fim da secularização ou o fim da religião?. *Religião e Sociedade*, 18/1, 1997.
- Leblon, Bernard (1994). L'esthétique du Flamenco: Une contre-esthétique?. *Cahiers de Musiques Traditionnelles*, vol. 7, 157-173.
- Portella, Rodrigo (2008). A Religião na Sociedade Secularizada: Urdindo as tramas de um debate. *Numen*, Juiz de Fora, vol. 11, n. 1 e 2, 11-32.
- Ramlow, Rodomar Ricardo (2012). O Neocalvinismo Holandês: Autores e Temas. In Congresso Internacional da Faculdades EST, 1, 2012. São Leopoldo. *Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST* (pp. 1701-1716. São Leopoldo: EST.
- Sanches, Sidney de Moares (2010). A Teologia da Missão Integral como Teologia Evangélica Contextual Latino-Americana. *Caminhando*, São Bernardo do Campo, vol. 15, n. 1, 65-85.

Sanchis, Pierre (1997). As Religiões dos Brasileiros. *Horizonte*, Belo Horizonte, vol. 1, n. 2, 28-43.

Schechner, Richard (1974). From Ritual to Theatre and Back: The Structure/Process of the Efficacy-Entertainment Dyad. *Education Theatre Journal*, vol. 26, n. 4, 455-481.

Silveira, Émerson Sena (2004). Pluralidade Católica: Um esboço de novos e antigos estilos de crença e pertencimento. *Sacrilegens*, Juiz de Fora, v. 1, n. 1, 153-174.

Soares, Luiz Eduardo (1994). *O Rigor da Indisciplina*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

RELIGIÃO E ESPIRITUALIDADE NA NOVA ERA, DIFERENÇAS E SIMILITUDES. O FENÓMENO AQUARIANO NA DÉCADA DE SESSENTA

Luís Resina ³¹

Resumo

A visão tradicional das eras astrológicas à luz da Astroarqueologia, da Hermenêutica Simbólica e das Tradições Herméticas.

Profecias, eras e milenarismos, a função do inconsciente colectivo.

A Geografia Sideral e o modo como o tempo e o espaço se constelam no horizonte do pensamento humano em formas de crenças, ritos e experiências individuais e socioculturais.

Especificidades das mudanças nas Eras do Leão, Carneiro, Peixes e Aquário.

O ser holístico na Era de Aquário ou Nova Era.

Palavras-chave: Espiritualidade, Religião, Astrologia, Profecias, Nova Era

Abstract

The traditional view of astrological ages in the light of Heavenly-Archaeology, Symbolic Hermeneutics and Traditions of Hermeticism.

Prophecies, ages and millenarism, the function of the collective unconscious.

The Sidereal Geography and how the time and space is constellation on the horizon of human thought in forms of beliefs, rituals and individual and socio-cultural experiences.

Specifics of the changes in the Ages of the Leo, Aries, Pisces and Aquarius.

The holistic being in the Age of Aquarius or New Age.

Keywords: Spirituality, Religion, Astrology, Prophecies, New Age

³¹ Astrólogo, frequência da Licenciatura de Filosofia da Faculdade de Letras de Lisboa, tem-se dedicado desde 1975, altura em que realizou um breve curso no Centro Rosacruziano de Lisboa, ao estudo da Astrologia, do Simbolismo, História das Religiões e Ciências Herméticas, coordenador do Espaço Salitre-Cristal, lresina@sapo.pt

Símbolos, mitos e arquétipos

A linguagem simbólica é intermediária entre o mundo mítico e o mundo concreto, transposta numa geografia sagrada com os seus ritos. O símbolo é pluridimensional. Por sua vez, a repetição dos ritos e a ideia de ciclo assegura ao mundo manifestado o seu vínculo com o arquétipo.

É através do mito que o arquétipo se revela, o mito surge como o primeiro mediador do sagrado. Ao compreender o símbolo, o homem consegue viver o universal, transfigurando a sua experiência particular.

A linguagem astrológica expressa-se num conjunto de arquétipos em movimento com múltiplos significados.

A Forma de expressão encontra-se na relação entre o indivíduo e o seu mapa astral. Cada indivíduo conecta-se com vários arquétipos, trazendo esses padrões energéticos para o presente sob a forma de vivências. Já a Geografia Sideral esclarece o modo como o tempo e o espaço se constelam no horizonte do pensamento humano em formas de crenças, ritos e experiências individuais e socioculturais.

O estado celeste revela essências e potencialidades, e o estado existencial revela-se em atos e vivências.

Tempos e eras astrológicas

Tempo circular, tempo linear e tempo em espiral. A visão tradicional das Eras Astrológicas à luz da Astroarqueologia, da Hermenêutica Simbólica e das Tradições Herméticas. Profecias, eras, milenarismos e a função do inconsciente colectivo.

As Quatro Grandes Idades (Yugas) Tradicionais.

A filosofia Budista, Taoísmo, Mazdeísmo e os Filósofos Pré-Socrático nos séculos VI e V a.C.

O Século XVI e as Profecias do Fim do Mundo. Milenarismos – O início do Século XXI e as profecias de Nostradamus.

Aspectos marcantes das mudanças nas Eras do Leão, Carneiro e Peixes:

– O Egipto Antigo da Era de Leão à Era de Carneiro: do mistério da Esfinge até à época de Akhenaton.

– Transição da Era de Carneiro para a Era de Peixes: O Deus Uno – o Judaísmo, o Islamismo e o Cristianismo.

– A Descoberta de Úrano, a Independência dos Estados Unidos da América e a Revolução Francesa como os primeiros sinais da Era de Aquário.

Tradição e insights da Nova Era

Religiões e mitos, conhecimento hermético e gnóstico: do mito à crença, da razão ao transpessoal.

Linguagens tradicionais que assentam na analogia: Astrologia, Alquimia, Numerologia, Geometria Sagrada, Gnose, Kabala.

As disciplinas que convergem na atualidade: Psicologia Junguiana, Física Quântica, correntes Neo-Humanistas, Antropologia e Ciência das Religiões, Astrologia e Ecologia do Ser.

Sincretismos, unificação através de experiências vivenciais, intuição, canalizações, percepções extrassensoriais e experiências com alucinogénios.

Especificidades nos acontecimentos das décadas de 1960 e 1970, tais como a corrida espacial, os hippies, a revolução musical, a importância do trabalho de Carl Jung no caminho da individuação.

Os insights da Nova Era vão no sentido da criação de novos paradigmas civilizacionais, em contraste com a visão do velho mundo assente em filosofias e economias, com base nos diversos 'ismos' construídos ao longo da história. Os apelos à implementação de uma nova consciência, e à necessidade dos indivíduos se tornarem mais conscientes na construção do Novo Mundo.

A Construção do Ser Holístico na Era de Aquário e a integração dos dois hemisférios do cérebro: i) hemisfério esquerdo – o lógico, o racional, a quantidade, a estatística; ii) hemisfério direito – a analogia, o símbolo, as imagens, as metáforas.

Para finalizar, trechos célebres que ilustram o trabalho a ser realizado com os dois hemisférios do cérebro ao longo da Era de Aquário ou Nova Era:

Edgar Morin – A especificidade do Homo Sapiens é esse processo complexo de intercomunicação entre imaginário e real, lógico e afectivo, especulativo e existencial, inconsciente e consciente, sujeito e objecto.

Mircea Eliade – O sagrado é consubstancial ao ser. O Sagrado pré-existe ao ser; a criação implica a encarnação de um princípio sagrado. O pensamento simbólico é consubstancial ao homem.

Robert Happé – O passado, o nosso propósito e as nossas possibilidades. A consciência das polaridades da experiência, a mente, a consciência e a alma. Desenvolvimento espiritual e meditação, dimensões e níveis de consciência.

REFERÊNCIAS

- Bauval, R. (2008). *Le Code Mystérieux des Pyramides*. Paris: Flammarion, Pygmalion
- Braden, G. (2007). *A Matriz Divina*. Lisboa: Sinais de Fogo
- Duran, G. (1989). *As estruturas antropológicas do imaginário*. Lisboa: Presença.
- Eliade, M. (1956). *O Sagrado e O Profano. A Essência das Religiões*. Lisboa: Edições Livros do Brasil.
- Happé, R. (2004). *Consciência é a Resposta*. São Paulo: Editora Talento.
- Morin, E. & Prigogine, I. (1998). *A Sociedade em Busca de Valores. Para Fugir à Alternativa entre o Cepticismo e o Dogmatismo*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Morin, E. (1984). *Pour sortir du XXe siècle (2)*. Paris: Coll. Points.
- Morin, E. (1991 [1973]). *O Paradigma Perdido. A natureza humana*. Lisboa: Publicações Europa América.
- Rudhyar, D. (1983). *L'Histoire au Rythme du Cosmos*. Paris: Éditions Universitaires.

A ABRANGÊNCIA HUMANA E ESTABILIDADE HISTÓRICA DA ESTRUTURA SIMBÓLICA DO BARALHO DE TAROT COMO ELEMENTO FUNDAMENTAL PARA A CONSTRUÇÃO DE MODELOS TRANSCENDENTES E RELIGIOSOS

Kimon³²

Resumo

O facto do baralho de cartas chamado tarot manter a sua estrutura desde o século XV, não somente sobrevivendo mas alimentando novas espiritualidades ao longo do seu caminho, sugere que existe nele um elemento "extemporal" que pode ser definido como uma realidade paralela de imagens, subjacente à clássica historiografia da civilização humana.

A fé no tarot está intimamente ligada à fé nas imagens, e o intérprete das cartas atua como um mero elemento adicional, necessário, mas não decisivo no que diz respeito às afirmações nas cartas em relação a perguntas feitas em qualquer época, possibilitando assim a continuidade de existência do tarot, quase imutável, através dos séculos. Neste sentido, é o tarot que usa o tarólogo, não o contrário.

Palavras-chave: Tarot, Simbolismo, Oráculo, Aconselhamento

Abstract

The fact that the deck of cards called Tarot maintains its structure since the 15th century, not only surviving but feeding new spiritualities along its path, suggests that there is a timeless element that can be defined as a parallel reality of images, underlying the classical historiography of human civilization.

Faith in the tarot is closely linked to faith in the images, and the reading of the cards acts as a mere additional element necessary, but not decisive with regard to the statements in the cards, answering questions at any historical time, thus enabling a continuity of existence of the tarot, almost unchanged through the centuries. In this sense, the tarot is using the tarot reader, not the opposite.

Keywords: Tarot, Symbolism, Oracle, Advising

³² Tarot Master pela International Tarot Guild, certificado pelo Tarot Certification Board e pela American Tarot Association, membro honorário da Casa de Tarot Lisboa, www.tarotline.com, kimon@tarotline.com

Uma constância invulgar

Os primeiros jogos de tarot, criados no século XV na Itália, já mostram uma estrutura formal definitiva que se manteve, sem modificações, durante quase seiscentos anos até aos dias de hoje. Existem poucos instrumentos iniciáticos ou espirituais que possuam tal persistência e realidade definitiva. Sobretudo nos tempos modernos, da Renascença até ao século XXI, a dissolução, adaptação e reorganização de estruturas sociais e psicológicas, e portanto também espirituais, foi acelerando o seu passo, não só em termos formais mas também de conteúdos. Esta posição e tendência, que poderemos chamar de racionalização ou de profanação, por alguma razão não se aplicou ao baralho de tarot, que foi mantido estruturalmente intacto durante todas essas épocas.

Podem existir duas explicações para este facto. Uma, que encontra a resposta exterior naqueles que rodeiam e utilizam o tarot; a outra, que encontra a resposta interior na identidade do próprio tarot. A primeira seria, que o tarot manteve a sua posição intocável e sagrada, de maneira que a sua constância ao longo dos séculos dever-se-á a um respeito provindo duma fé, que não permitiu profaná-lo e adaptá-lo aos tempos atuais. A segunda, seria que o baralho de tarot possui uma estrutura simbólica tão completa e consistente, e com isso abrangente e adaptável, que nunca foi necessário intervir, corrigindo a disposição, organização e nomeação das cartas para atualizá-lo às respectivas épocas. Neste caso, o tarot teria de desenvolver a sua força a partir dum campo energético para além das realidades sociais, filosóficas e religiosas, substituindo-as por um mundo individual, psicológico e espiritual.

A história dum percurso

Devido à suposta ausência de factos verídicos historicamente comprováveis, e à subjetividade do assunto, no que diz respeito ao tarot, como a qualquer outra ferramenta no mundo espiritual, existem muitas teorias acerca da sua proveniência. Poder-se-á, com toda a certeza, afirmar que o baralho de tarot não foi trazido nem por extraterrestres, nem por anjos, nem pelos sobreviventes de Atlântida, e nem pelos antigos egípcios e tampouco pelos ciganos.

As cartas de jogar foram muito provavelmente inventadas na China, e através dos contactos comerciais entre a Ásia e o Médio Oriente acabaram por tornar-se populares entre os povos daquela zona. Entraram na Europa Central com as conquistas otomanas, e também através dos cosmopolitas centros de comércio da Itália. Em meados do século XV surgem os primeiros baralhos de tarot com uma estrutura idêntica aos baralhos de

hoje, e desde então até ao tempo presente esta estrutura manteve-se inalterada. A partir daí, o tarot evoluiu muito, tendo sido consideravelmente preenchido e reinterpretado ao longo dos séculos, mas a sua forma estrutural continuou intocada, i.e., permaneceu igual.

Um baralho de tarot, desde esta época, é composto por 22 cartas de trunfo, também chamadas de arcanos maiores, 40 cartas numéricas do Ás ao 10 de cada um dos quatro naipes, e 16 cartas da corte, havendo 4 cartas para cada um dos naipes. Existem, portanto, dentro de um baralho completo de 78 cartas de tarot, dois baralhos diferentes, organizados segundo dois sistemas diferentes: Os 22 arcanos maiores e os 56 arcanos menores. As cartas dos arcanos maiores, nessa altura chamadas de trunfos, eram essencialmente cartas de ilustração, de ensino e instrução cultural, e mostravam as clássicas alegorias renascentistas. As restantes 56 cartas fizeram o seu caminho, igualmente sem maiores modificações, até aos nossos dias, e usamo-las para qualquer jogo de cartas. No entanto existe neste conjunto de cartas algo de intelectual e filosoficamente fascinante, pois já no século XVI havia textos interpretativos das cartas do tarot baseados num misticismo esotérico. Os baixos custos de produção e aquisição do até hoje popular Baralho de Marselha, que na verdade não é um único, mas dúzias de diferentes baralhos todos fabricados em manufacturas no sul da França, difundiram o tarot por toda a Europa. Se os baralhos italianos, duzentos anos antes, ainda tinham custado quantias realmente astronómicas, no início do século XVII, conseguia-se já produzir um tarot acessível a um público muito mais vasto. Obviamente a qualidade artística dos dois tipos de baralhos é incomparável.

Durante o século XVIII o tarot foi objeto de estudo por muitos grandes nomes nos campos da filosofia e da arte, que lhe foram arrancando os primeiros segredos até então mantidos em sigilo. Foi nesse tempo que as cartas foram descobertas como instrumento iniciático, e muitas vezes inserido no corpo de ensinamentos de diferentes lojas místicas ou mágicas, sendo as mais famosas os rosa-cruz e os maçons. Ao mesmo tempo, paralelamente ao estudo do conteúdo das cartas, foi neste tempo que a previsão do futuro ou a explicação de situações ou eventos com a ajuda das cartas de tarot começou a ter o seu lugar numa sociedade iluminista, e nos estratos sociais mais elevados da burguesia e da nobreza. Nesse século, o tarólogo-filósofo-estudioso e o cartomante-psicólogo-consultor fundiram-se e entrelaçaram-se, criando uma figura que então, renascerá das cinzas da Idade Média: o Mago. Obviamente, como tipos sociais, com o

mago nasce o charlatão, mas igualmente o sábio praticante e o individualista genial. Todos estes estarão no seu habitat natural no século que sucede. A abertura da cultura europeia ao Oriente e aos mundos espirituais, como também à pesquisa de forças psíquicas do ser humano foi inestimavelmente importante na segunda metade do século XIX; não somente para a definição daquilo que chamamos de tarot, mas também para muitos outros campos do esotérico que nessa altura foram determinados, definidos e descritos. A união do tarot com a astrologia e a cabala aumentou gigantemente o mundo que o tarot pode abranger, que continua até o presente com grandes áreas desconhecidas num mapa ainda por estudar e aprofundar. O tarot como veículo de uma nova, e muitas vezes alternativa, crença e fé, sempre baseado na prática de lançar as cartas, pode-se afirmar, nasceu no final do século XIX, tempo em que, como hoje, se falava duma Nova Era.

A linguagem das imagens

Existe uma realidade verbal e uma realidade não-verbal. O nosso mundo ocidental, moldado nos seus últimos quinhentos anos pelo racionalismo, baseia-se sobretudo na realidade verbal, na filosofia, nos argumentos, na discussão e no entendimento do mundo. Não é por coincidência que dizemos que conhecimento é poder. No entanto, trata-se dum conhecimento relacionado com o entender, não o compreender, e com isso refere-se à inteligência e não à sabedoria. O mundo primitivo, utilizando uma expressão e um ponto de vista do século XIX, não valoriza o entendimento e a inteligência, mas foca-se na compreensão e na intuição. O seu alfabeto são as formas, as coisas e as cores. Nesse mundo de existência direta e genuína, não existem livros com explicações ou ideias sem forma e sem corpo. O livro do mundo da alma inconsciente da humanidade fala unicamente em imagens. E, sendo isto importante na procura pela razão da constância estrutural do tarot, não existem iconografias fundamentalmente diferentes. Ao longo dos séculos foram se desenvolvendo interpretações, modificações e proibições, mas a linguagem das imagens e dos símbolos continua, na sua base, a mesma de sempre. Como o baralho do tarot.

Estudando os mitos e as lendas dos povos do mundo ao longo dos séculos e até milénios, verifica-se que existem histórias praticamente iguais em sítios completamente isolados um do outro neste nosso planeta. A viagem do herói, para dar um exemplo, é um desses mitologemas. O herói, na sua viagem pelo mundo exterior e pela sua vida interior, é confrontado com uma série de provas e provações e alcança uma vitória física

ou social, assim como uma iluminação espiritual que coroa esse seu processo de individuação. Os elementos móveis e substituíveis dentro dos mitologemas, como por exemplo o próprio herói, são os arquétipos, os atores no palco mitológico das histórias ancestrais. Percebendo que os mitos analisados não podiam ter a mesma proveniência individual ou social, Carl Gustav Jung chegou à conclusão, de que não era suficiente explicar a estrutura interior do ser humano com um inconsciente pessoal, mas que era necessário postular algo prévio e adicional a este (Jung, 1995). O ser humano, portanto, não pode nascer como uma tabula rasa, como foi postulado também por Sigmund Freud (2000), mas traz ou tem acesso a algo que Jung chamou de inconsciente coletivo. É ali onde vivem os ideais platônicos, as imagens das imagens, as histórias das histórias, e onde a alma sedenta do divino encontra o sagrado livro dos livros, que é talvez um baralho de cartas, feito somente de imagens.

Quando uma imagem é condensada e densificada passa a ser um símbolo. Na Grécia Antiga, a palavra *symbolon* denominava anéis, pequenas plaquetas de cerâmica ou um osso que amigos quebravam ao meio na hora da despedida, garantindo assim um reconhecer deles ou de outros de confiança que trouxessem o *symbolon* num futuro encontro. Desta maneira, este objeto já não era algo profano mas passava a ser sagrado e simbólico, no sentido de aludir a mais do que o visível e transportando o conceito abstrato da amizade. Um objeto simbólico ultrapassa-se a si próprio em significado e realidade. Por exemplo, uma rosa para nós, em grande parte já não é uma flor, mas sim é feita, quase na sua totalidade, de significados invisíveis, mais reais do que o objeto visível (Rilke, 1980).

Um símbolo refere-se, de maneira alusiva e não descritiva, a uma realidade abstrata e dificilmente descritível em palavras, e muitas vezes uma imagem, de verdade, diz mais do que mil palavras. No entanto, não é somente a maior quantidade informativa que uma imagem pode transportar, mas sobretudo a qualidade da informação que difere fundamentalmente. O mundo espiritual, religioso, simbólico e mágico não é de todo explicável e transmissível verbalmente. Os grandes conceitos transcendentais do mundo foram e serão sempre transmitidos através de imagens, pois simplesmente esta é a única maneira de descrevê-los.

É interessante observar que o *symbolon* antigo, como objeto criado para reunir e ligar pessoas, não parece estar longe do genuíno conceito da religião, que pretende re-ligar o homem, o mundo e Deus. Símbolo, religião e ritual são, na sua raiz, parentes próximos de uma realidade única que poderíamos chamar de espiritual. As camadas fundem-se

como na própria palavra grega eidon, que significa retrato ou imagem mas também ideia ou parábola. Não existe, se entrarmos a fundo na questão, nenhuma diferença entre o significado interior e a sua apresentação exterior. Qualquer imagem é sempre um símbolo.

A anatomia da fé

Na moderna sociedade dos últimos quinhentos anos o individualismo, e com ele a solidão e a distância entre as pessoas, e entre as pessoas e o mundo, foi postulado como um ideal que em grande parte substituiu o divino que, por natureza, é coletivo e unificador. Uma das fontes desta evolução é o fascínio individual e pessoal do poder. O ser humano, assemelhando-se ao divino, proclamando-o morto ou obsoleto, conquista o controlo sobre o mundo, a multidão e o coletivo exterior. E é neste ponto que entra o efeito imediato de qualquer vitória: a solidão. E com ela instala-se a saudade. Mensageira do coletivo interior, do inconsciente e de uma humanidade não-verbal, é parecida estruturalmente com aquilo que chamamos de fé. No entanto, tendo destruído todos os ídolos religiosos, não sobra realidade alguma à qual o homem moderno se possa refugiar, receber colo, conforto e segurança. Neste sentido, quanto mais civilizado somos, mais exilados do mundo e de nós ficamos. E mais forte e mais desesperada é a nossa saudade. Podemos medir o grau de desespero no absurdo das crenças seguidas no mundo moderno.

Uma vez perdido o chão, caímos. Não existe pouco ou muito chão, pouca ou muita crença. A fé é indivisível como o átomo dos antigos. Não existe uma fé entre outras, existe somente a fé, que é uma única, ou o vazio. A fé é o amor. Não conseguimos amar um pouco os nossos pais. Trata-se de escolher entre uma infantilidade acolhedora ou uma maturidade fria. O amor primordial ao divino é absoluto e incondicional. E, com isso, genuinamente infantil e completo. Não existem religiões adultas, racionais e lógicas. Existem religiões sem fé que chamamos de filosofia. Uma religião tem necessariamente de ser infantil para poder semear a imortal planta da fé na alma humana.

As imagens e a fé

Qualquer imagem, que é um símbolo, transporta uma fé, que é uma crença. Quanto mais forte é uma fé, mais tempo vivem as suas imagens, e quanto mais forte é um símbolo mais tempo existe a sua crença.

A melhor prova da força de um é o medo do outro. A proibição de imagens é um fenómeno recorrente e historicamente muito frequente em todas as religiões monoteístas. Isto porque uma imagem, como vimos, não é, em última instância, claramente definível e nunca pode ser reduzida a um único nível de interpretação e de realidade. Neste sentido, uma imagem, por ser naturalmente pluralista, será sempre um perigo para uma crença que postula ser a única verdade. Em sua essência, uma imagem é sempre e necessariamente panteísta, anímica e pagã, pois não somente vive em vários níveis e mundos ao mesmo tempo, mas também aglomerou, ao longo do seu caminho pela história, diferentes realidades que estão agora inseparavelmente impregnadas nela. No entanto, isto significa igualmente, que qualquer imagem pode sempre ter o seu lugar em qualquer crença, pois o mundo dos símbolos, como o inconsciente, existe fora do tempo e não está subjogado a nenhum poder mundano, histórico, social ou político em relação à validade do seu conteúdo. Nenhuma imagem está restringida ou reservada a uma crença específica e pode falar várias linguagens de fé simultaneamente, e ser usada por pessoas de crenças diferentes, utilizando todas esta mesma imagem.

A força de impacto dum imagem num ser humano é incomparável a qualquer outro tipo de linguagem de comunicação. Nada é capaz de influenciar-nos, tocar-nos ou perseguir-nos como uma imagem. Interessantemente, esta força não é uma força ativa, não é uma energia que age e que atua em nós, mas é precisamente o contrário. Uma imagem tem o mesmo tipo de energia como a água ou o Yin no Tao Te King de Lao Tse (2011). Não vence pela conquista mas pela persistência e pela nossa incapacidade de controlá-la. A clássica ordem "não pense num elefante branco!" só pode ser desobedecida, não há como evitar.

A questão, porém, é a razão disso acontecer. Encontramo-la no facto dum imagem nunca existir por si só, de si só e para si só. Uma imagem é sempre um reflexo ou uma cópia de outra imagem anterior, e assim em diante até às imagens primordiais ou aos arquétipos. Estão nessas redondezas as fontes da força das imagens. Uma imagem que vemos nunca nos traz nada realmente de novo. Pode reagrupar o antigo e o conhecido, de maneira que pareça novo, mas a sua força não vem do conhecer mas do reconhecer. E o mais que reconhecemos imagens já existentes numa imagem à nossa frente, mais forte ela será e mais incontrolavelmente ela atuará em nós. A força das imagens do tarot, com isso, está precisamente no facto do tarot não ser moderno.

A adição de $1+2+3+4+5+6+7+8+9+10+11+12$ faz 78, que é o número de cartas que tem um baralho de tarot. Interpretado, isto significa que, na maioria das numerologias o 12 é

o número da totalidade perfeita, e dessa feita um baralho de tarot inclui em si todos os aspetos possíveis do mundo humano e do cosmos divino. Pode isso parecer exagerado, mas comparando com a pequena quantidade de substâncias que são necessárias para compor um genoma humano e descrever na íntegra uma pessoa, a quantidade de combinações de cartas de tarot que podem ser utilizadas é infinitamente maior. Para aludir às quatro bases que compõe a ADN, imaginemos um lançamento simples com somente quatro posições possíveis para uma das 78 cartas cair, e já teremos 34.234.200 possibilidades de aparência do lançamento, cada uma com um significado diferente. Num lançamento com 12 posições estaremos, de facto, a falar de probabilidades de dimensões cósmicas.

No entanto, isto é somente uma perspectiva do mundo e como ele se poderá espelhar num baralho de cartas; é uma perspectiva horizontal, larga e abrangente. Existe também, e adicionalmente, a perspectiva vertical, que une o divino, o homem e a terra, o exterior com o interior. Nesta perspectiva não é relevante quantas diferentes maneiras existem de descrever uma situação ou uma disposição, mas é relevante quantas vezes uma imagem já serviu para esse fim ao longo da história.

Por um lado, podemos argumentar com os campos morfogenéticos (Sheldrake, 1993), que a repetição de algo provoca um aumento de energia no tempo ou espaço, aumentando assim a probabilidade deste algo acontecer novamente neste tempo ou espaço; mas também podemos, como foi feito há séculos, simplesmente falar da força dum ritual ou dum símbolo quando utilizado ao longo do tempo, formando uma imagem astral ou uma egrégora definida, que por sua vez começa a atuar.

O percurso, e com ele a longevidade, das imagens, ou de uma imagem específica, através do tempo e da história provavelmente é bem mais importante do que a quantidade das suas possíveis variações. A iconografia simbólica da nossa cultura europeia, capitalista ou comunista, imperialista ou colectivista, nasceu do cristianismo, que nasceu do judaísmo, que nasceu do Antigo Egipto e da Babilónia, que por sua vez fizeram nascer a Grécia Antiga que deu à luz o império de Roma, onde viviam judeus e mais tarde cristãos. Os rios e lagos, reservatórios de histórias e imagens, podem ser muitos, mas a água é sempre a mesma. Como também os livros que, na verdade, não são muitos. E não existe uma única cultura espiritual que não tivesse nascido duma crença anterior, utilizando e modificando as imagens já existentes.

Qualquer sistema de fé está sempre voltado para trás, revisitando o passado para formar o seu novo caminho para o futuro, no entanto, caminhando muitas vezes pela mesma

estrada agora renomeada. Religiões e estruturas de crença agem tanto para trás como para a frente, redefinem os elementos do passado para chegar ao novo futuro (Roberts, 1979). Neste sentido, uma espiritualidade viva e com uma energia criativa é, e deve sempre ser unificadora, retroativa e renovadora. A força e o sucesso duma religião ou duma crença espiritual não está no facto de ser ou parecer verdadeira ou não, mas está na sua capacidade de transformar, no sentido descrito, o passado em futuro.

O conteúdo das imagens

A interpretação de imagens obedece, até um certo ponto, às nomenclaturas, filosofias, opiniões, necessidades ou obrigações da época em que é feita. No entanto, uma interpretação pode diferir, e tem de diferir, mas nunca afirmará o contrário duma interpretação feita noutra época. Foi exaustivamente mostrado, sobretudo no século XX, que a hermenêutica, filha da exegese bíblica, é uma técnica válida e confiável de interpretação e de compreensão de textos ou imagens (Gadamer, 2010). O positivismo e os seus parentes acabam muitas vezes sendo menos verdadeiros por ignorar elementos importantes que fazem parte do mundo humano, mas que não são claramente definíveis ou até descritíveis. A hermenêutica, como ferramenta pode ser vista como o instrumento principal de acesso a todo o mundo interior humano, seja na arte ou na psicologia. Ambas usam a mesma linguagem ancestral e eternamente atual, que é não somente a linguagem genuína e primordial do ser humano mas também do divino, e com isso do mundo espiritual.

Qualquer interpretação de uma ou várias cartas, seja num lançamento com uma pergunta específica ou numa tiragem de conselhos gerais, segue as regras cientificamente descritíveis mas não matematicamente exatas do raciocínio hermenêutico. A linguagem do tarot, assim, é a linguagem fluida da vida e não necessita de ser traduzida para ser entendida em diferentes séculos ou em diferentes sociedades ou continentes. A gramática desta língua universal é a hermenêutica. Esta maneira de questionar uma forma criada conscientemente com uma postura espiritual ou artística tem, como alguns dizem, o seu nome com origem no mensageiro Hermes, o deus que interliga os humanos e o Olimpo; deus da sabedoria prática e esperta, das viagens, do comércio, da escrita, como também da retórica, da comunicação e igualmente da magia. Apesar disso, ele não só é o porta-voz de Zeus mas também o psicopompo que acompanha as almas dos mortos para o mundo das sombras.

Grandes estudiosos do tarot desde sempre associaram o tarot a Hermes, de cujo nome ainda derivam as palavras hermetismo e hermético. O deus egípcio Thoth, em muitos aspetos equivalente ao Hermes grego e ao Mercúrio romano, e o mítico mago-sábio, fundador da alquimia, Hermes Trismegisto, foram ambos por muitos associado às cartas do tarot (Crowley, 1985). Se este baralho de cartas tiver um responsável divino, este deus do mundo do tarot no qual comunicam todos entre si - o consultor, o consulente, as cartas, o mundo e as forças espirituais - será certamente o grande Hermes, um dos doze olímpicos.

A disposição do conteúdo

A compreensão do conteúdo somente poderá acontecer se houver uma estrutura formal que serve de horizonte, área e definição ao significado nela contido. Um conteúdo que existe numa forma desconhecida ou indefinível não nos é acessível pois precisamos dum chão comum e de parâmetros iguais ou semelhantes para comunicar e entender. São estes, no caso do tarot, os lançamentos.

Entende-se como lançamento uma disposição predefinida para as cartas tiradas, tendo cada posição o seu significado específico, dando à carta que nela caia um contexto semântico. Podemos ver as cartas como os atores, as posições predefinidas dum lançamento como os papéis, e o lançamento completo como a peça de teatro. O tarólogo, seguindo esta metáfora, é o encenador da peça e o consulente o público. Tanto o público como o encenador têm influência no decorrer do espetáculo, mas no entanto nunca poderão abandonar os limites impostos pelo texto do autor, do qual ainda não temos nem nome nem certeza, a não ser que existe e que escreveu a peça. O tarólogo não foca a mensagem em si, nem o instrumento tarot, mas utiliza e afina-o para transmitir melhor a mensagem.

Apesar das cartas e os seus simbolismos conterem quase infinito material de estudo, na prática não é muitas vezes isso que o tarólogo praticante visa aperfeiçoar para poder traduzir melhor ao cliente, numa consulta, as cartas à sua frente. O tarólogo filósofo aprofunda o seu conhecimento do conteúdo e das suas ramificações interiores, o tarólogo consultor treina a sua habilidade na forma e nos diferentes lançamentos. Obviamente existem tarólogos puros e nítidos que somente estudam ou que somente tiram as cartas, mas a grande parte são tanto filósofos como consultores, cada um à sua medida, vontade e capacidade. Neste sentido, ter não somente um acesso profundo ao conteúdo das cartas, mas também conseguir localizá-lo

e descrevê-lo no tempo e no espaço real e cotidiano, pode ser considerado o alto caminho e o mais elevado objetivo no mundo do tarot.

Viver com o tarot

Portanto, existem adicionalmente aos conteúdos profundamente humanos e eternamente válidos, na prática do trabalho com o tarot, duas estruturas essenciais. Uma é as próprias cartas e a outra é os lançamentos que elas preenchem. Não podendo agora desvendar o mistério do porquê de esta e não uma outra carta sair, sabemos que a possibilidade e probabilidades de surgirem cartas muito específicas e assertivas para uma certa pergunta ou situação é enorme. A combinação de muitas cartas com muitas posições num lançamento aumenta exponencialmente a exatidão duma consulta, e permite descrever uma quantidade sempre maior de detalhes que solidificam psicologicamente a consulta. A estrutura interior, como formal sistema semântico a ser interpretado, e a estrutura exterior dos lançamentos adaptáveis às condições de vida individuais e da época, necessitam somente de um intérprete neutro e objetivo, não de um tradutor, para transmitirem sentido. Não é necessário nenhum tipo de adaptação a um tempo específico, a uma certa moral ou crença, ou a qualquer outra realidade social vigente. A função do tarólogo, muito mais do que mergulhar à procura de significados ocultos, é sobretudo de encaixar os conteúdos estudados e compreendidos numa estrutura formal. Uma consulta de tarot bem sucedida, é aquela em que os significados das cartas fundem-se lógica e naturalmente com os significados das posições das cartas no lançamento.

O estado em que deve estar o tarólogo, para compreender e tornar compreensível a outros a informação dum lançamento, é comparável ao que Freud (2000) chamou de atenção flutuante, que focado em tudo e em nada como o olhar mágico (Castaneda, 1968) cria uma realidade emocional alterada em que pode, e no caso do tarot deve, suceder o que Jung (1995) descreve como sincronicidade.

A relativamente pouca importância do tarólogo, por somente ser um intérprete fortemente guiado, com pouca liberdade para introduzir significados pessoais, cria no tarólogo uma relação de obediência e provoca uma reação de humildade perante o tarot. Assim, o tarot, ao contrário dum instrumento passivo, passa a ser uma semi-consciência ativa. Esta postura de submissão à maior realidade espiritual nutre, de novo em cada época e em cada Nova Era, uma percepção do tarot como um recipiente e transmissor de revelações. A convivência com as cartas do tarot, seja como estudioso, consultor ou

consulente, impregna-se no sentir, e aproxima a consciência a um estado emotivo como acontece nas realidades e vivências religiosas. No caso do tarot, parafraseando o lema teosófico Não há Religião superior à Verdade (Blavatsky, 2000), é venerado o deus da verdade, e é vivida uma religião da sabedoria.

A constância da imparcialidade

O tarot, apesar de ser um sistema completo de descrição do mundo e da sua dinâmica, é também um sistema holístico que só pode ser bem usado se compreendido no seu todo, que é mais do que a soma das suas partes. As cartas e o seu sistema, aplicados a lançamentos e situações, são um instrumento que, por um lado, mantém contacto com o reservatório infindável dos mundos interiores do ser humano e com a própria matriz do tecido da alma, e por outro lado, está firmemente ancorado no mundo social, no quotidiano, com o foco no futuro. As perguntas pelo futuro nascem, todas elas, da incerteza da solidão ou do medo do mundo. Ambos os fatores são determinantes clássicos e comuns do ser humano e da sua maneira de ser, oscilando entre comédia e tragédia, muitas vezes indistinguíveis uma da outra.

Uma Nova Era, com as suas crenças, religiões, filosofias, seus mitos e rituais, e todas as novas esperanças de renovação e ressurreição, tem sempre de ser vista no contexto humano. Caso contrário, podemos entender o contexto histórico mas nunca é compreendido o *Zeitgeist* humano que alimenta a Nova Era em questão. O tarot, com o seu centro energético fora da historiografia, está muito mais vinculado às energias humanas do que às épocas. Desta maneira, ele vive pacificamente ao lado das maiores revoluções políticas ou sociais, tendo sempre o foco no indivíduo e não no coletivo. E é precisamente a neutralidade da sua estrutura, adaptável a qualquer situação interior ou exterior, a força do tarot. A ausência de julgamentos de razão ou de valor permite ao tarot ter uma abertura moral que o põe fora de todas as religiões ou crenças que existiram ao longo da sua presença secular. Desta maneira, não julgando, pondo em perigo nada e ninguém, o tarot tornou-se um instrumento atrativo para todos.

A sua grande independência do tempo e das evoluções históricas, e o seu alcance para além dos limites culturais são as garantias e a explicação da longevidade do tarot. Por este motivo, a neutralidade do intérprete não é somente necessária; é exigida. O próprio tarot e as suas afirmações ganham mais força, assertividade e validade, tanto quanto mais a posição do tarólogo for neutra. Qualquer interpretação válida e valiosa das cartas tem, por isso, de ser necessariamente iminente às cartas e não poderá alimentar-se de

quaisquer informações exteriores a elas. Ao existir a resposta somente no mundo das cartas, que não é nem o mundo do consulente nem do consultor, esta resposta vive fora do contexto objetivo do atual tempo, para além de estilos, modas, filosofias ou crenças atuais, ainda que em consonância à pergunta individual.

O mundo do tarot é provavelmente alguma paisagem que veríamos lá fora, e que nos encandearia por estarmos acostumados à escuridão da caverna (Platon, 2004) - mas nunca lá vamos constatar, limitamo-nos a questionar.

REFERÊNCIAS

- Blavatsky, Helena Petrovna (2000). Die Geheimlehre. Satteldorf: Adyar Verlag.
- Castaneda, Carlos (1968). Die Don Juan - Bücher. Frankfurt am Main: Fischer Verlag.
- Crowley, Aleister (1985). Das Buch Thoth. München: Urania Verlag.
- Freud, Sigmund (2000). Studienausgabe. Frankfurt am Main: Fischer Verlag.
- Gadamer, Hans-Georg (2010). Wahrheit und Methode. Tübingen Mohr: Siebeck Verlag
- Jung, Carl Gustav (1995). Gesammelte Werke. Düsseldorf: Walter Verlag.
- Lao Zi (2011). Der Urtext. München: Herder Verlag.
- Platon (2004). Sämtliche Dialoge. Hamburg: Meiner Verlag.
- Rilke, Rainer Maria (1980). Werke. Frankfurt am Main: Insel Verlag.
- Roberts, Jane (1979). Die Seth-Bücher, Die frühen Sitzungen. Genf: Ariston Verlag.
- Sheldrake, Rupert (1993). Das schöpferische Universum. Berlin: Ullstein Verlag.

DA MEDIUNIDADE E DA MÍSTICA. O EXPERIENCIAR A LIGAÇÃO AO DIVINO OU A OUTROS PLANOS/DIMENSÕES COMO MEIO DE AUTO-CONHECIMENTO E DESENVOLVIMENTO ESPIRITUAL

Paulo Maia³³ (LIMMIT-FML)

Resumo

Cada vez mais as pessoas estão interessadas em expandir a sua consciência espiritual, e desvendar o sentido da sua própria existência e missão na vida.

Não como uma pergunta ocasional, ocorrente na adolescência, e que depois a competição pelos recursos materiais na vida adulta faz submergir, até um eventual ressurgimento numa idade mais avançada e estabilizada, mas sim, como uma ligação longitudinal deliberada e regular a uma fonte de possibilidades, que ao mesmo tempo que nos desliga da quotidianidade e transporta para um outro tipo diferente de percepção numa Realidade mais vasta, nos permite retornar mais serenos e capazes, com uma melhor funcionalidade social.

Seguindo este objetivo, neste artigo explorar-se-á algumas práticas dentro do Misticismo, que atravessa todas as grandes religiões, nomeadamente a Igreja Católica, mas também a Igreja Espiritualista, com suas técnicas de desenvolvimento transliminar.

Palavras-Chave: Transliminar, Mística, Espiritual, Realidade

Abstract

Nowadays many people are interested in expanding their own spiritual consciousness and unveil the meaning of their own existence and life mission.

Not as an occasional adolescent hood question to be forgotten afterwards, submerged amongst the adult life competition for material resources, until a possible resurgence at a later and more stabilized age, but as a volunteer regular longitudinal connection towards a source of possibilities which, as it disconnects us from the everydayness and transports us to a different perception of a more vast Reality, allows us to return more serene and capable, with a better social performance.

Following this endeavor, this article will explore some practices within Mysticism that cross the biggest religions, namely the Catholic Church and also the Spiritualist Church with their techniques of translilinear development.

Keywords: Transliminar, Mystic, Spiritual, Reality

³³ Licenciado em Psicologia da Saúde e Mestre em Psicossomática, investigador no LIMMIT – FML, maiapaulo@netcabo.pt

Introdução

Acreditar é dar crédito a algo que admitimos ser verdade, devido à confiança que temos no transmissor. Tal como um filho confiante no amor de seu pai, se vai subtrair a várias experiências que implicariam tentativa e erro, e sem desperdiçar tempo, confia nos roteiros que aquele lhe apresenta.

Nós, porque em matéria de espiritualidade, o único Pai é o Absoluto, numa atitude algo mais cética, em que não aceitamos nenhuma crença, mas apenas vivências diretas, pretendemos participar do amor que permeia a experiência da Realidade, em vez de simplesmente acreditar nele (independentemente da credencialidade dos seus reconhecidos advogados).

Além das que apresentaremos, sabemos que existem mais formas religiosas de experienciar o divino ou o transcendente duma maneira direta, i.e., sem termos de nos limitar à sua suposta existência, através da mediação do “simbólico”, como na grande maioria dos cultos institucionalizados. E mesmo quando apresentamos as formas religiosas, a nossa base de entendimento delas é estrategicamente filosófico e nunca doutrinador, pois o objetivo é extrair-lhe a essência, purgada de dogmatismos, com vista à praxis. Poderíamos até abordar o xamanismo amazónico e as religiões do Santo Daime brasileiras, que mediante a ingestão de um enteógeno natural, permitem em cada celebração mergulhar profundamente e quase que impreterivelmente, nos confins dos subconscientes individuais e coletivo. Mas para o presente trabalho, optamos por métodos psico-fisiológicos, suscetíveis de praticar na nossa cultura e em sintonia com a mesma.

O projeto proposto neste artigo, que serve de base a uma apresentação no I Congresso Lusófono de Ciência das Religiões, integrado no Simpósio “Formas Religiosas do Movimento Espiritual na Nova Era”, na sessão subordinada ao tema “Práticas e Processos de Auto-conhecimento”, com o nosso subtítulo “O Experienciar a ligação ao Divino ou a outros Planos/Dimensões, como meio de Auto-conhecimento e Desenvolvimento Espiritual”, surgiu do exercício de técnicas adaptáveis mas alicerçadas em conhecimentos consagrados do que é uma busca vivencial dum lugar de conhecimento paralelo, ligado à intuição e ao sentir (anterior mais do que oposto, ao do raciocínio lógico prático e imediatista). Busca esta que não se faz com o objetivo de nos alienarmos da “luta” diária, mas sim de nos reforçarmos para ela, e de simultaneamente apercebermo-nos dum Quadro Maior (ing. The Bigger Picture) do que o que o nosso

ego centralista concebe, mas onde ele está inserido, e onde tudo o que nos envolve e transcende nesse envolvimento tem mais sentido.

Tal como refere Mário Simões (2003), sem que as duas Percepções (uma egóica, outra Transpessoal) se atropellem. Ou como Madre Teresa de Calcutá dizia “Quando oras, ora como se tudo dependa de Deus, mas aquando na hora de agir, age como se tudo dependesse de ti”. I.e., na consciência quotidiana de sobrevivência e limitada do ego atuamos como plenos responsáveis por toda a nossa ação, e nos momentos de ligação à Fonte (que se pretende serem determinados voluntariamente) relaxamos e pomos toda a nossa confiança numa Verdade que transcende a nossa compreensão, mas onde nos inserimos e aceitamos como mais sábia e justificada.

Uma das técnicas que temos vindo a incrementar são os Círculos de Desenvolvimento Transliminar, a qual será abordada posteriormente (foi estruturalmente adaptada da Igreja Espiritualista, mas no nosso caso, liberada da sua filiação doutrinária ou religiosa). Apresentando-se como uma atividade organizada, com o propósito de investigação vivencial e crescimento, numa área até agora limitada ao campo das Crenças. E ainda que respeitando estas, e o quão mais variáveis elas possam ser, defendemos essencialmente a liberdade pessoal de cada um em elaborar o seu próprio entendimento espiritual. Quer se entenda que o contacto com uma dimensão mais vasta e próxima da Realidade, possa implicar a busca de Sabedoria com entidades autónomas; forças arquetípicas; ou com materiais mais recônditos do nosso talentoso Subconsciente pessoal; ou mesmo com o Deus imanente em cada um.

Tal como diz Krishnamurti (1999) – Para descobrires a mais elevada Realidade que o Homem designa por Deus, deves estar livre de crenças, livre de toda a autoridade, só então Ele se te revelará.

Com este propósito, dividiremos o presente artigo nas seguintes partes:

- i) - Um apanhado geral e integrado sobre o Misticismo, onde exporemos possíveis formas que este possa abranger, mas sempre focados no que é essencial e comum às várias religiões por onde ele diagonalmente atravessa. Sendo que a vertente católica, por ser a nossa tradição mais imediata, mas também pela sua riqueza alcançada (apesar da tolerância conflituosa da Teologia Oficial) tomará uma especial incidência.
- ii) - Segue-se uma exposição sobre a Mediunidade à luz da Filosofia doutrinal do Espiritualismo, segundo as igrejas espiritualistas de origem anglo-saxónica, que muito embora não possa ser classificada como mística (contudo é-o tendencialmente), pois já assenta numa base dualista conceptual, i.e., foco inicial na pluralidade da criação (na

multiplicidade e não no Uno) e no pensamento processado através de opostos (porém, é monista ao nível substancial, i.e., não há matéria vs espírito), como aliás o são, praticamente todas as religiões em sua vertente mais secular e institucional. A importância desta escolha foi devida ao contributo das suas técnicas de desenvolvimento Transliminar (chamadas no contexto desta como de Mediunidade), em termos de organização e funcionamento (mesmo de alguns pressupostos base) para lá até do seu substrato ideológico (que já de si é muito mais impulsionante e esperançoso que outras religiões que abordam a mediunidade).

iii) - Abordaremos de seguida Técnicas de Desenvolvimento Transliminar. Uma vez já expostas as duas bases teóricas subjacentes à origem destas, mas agora numa maneira varrida de qualquer condicionalismo subjacente a qualquer crença em particular, pois pensamos que qualquer discernimento à posteriori sobre o resultado do objetivo que se quer fundamentalmente experiencial e vivencial à priori, deve ser à medida de cada pessoa, e não de acordo com interpretações alheias importadas.

iv) - Finalmente, terminaremos com as Conclusões do trabalho, com o desejo de podermos contribuir de alguma forma para a evolução da espécie humana, o que passa pelo incremento da liberdade com responsabilidade e a realização pessoal, nem que seja de um só indivíduo. Uma vez, que ninguém é dono da Verdade, pois que de outra forma ela não se teria revertido em tantas religiões diferentes.

Misticismo

A palavra Misticismo vem do grego *Mystikos* que significa mistério (ex: iniciação aos mistérios de Elêusis), tendo Platão concebido a ideia filosófica de Mística como a ascensão da alma à contemplação espiritual do mistério de Deus (Grun, 2012).

Muitos são os autores no misticismo tentando dar-nos, através de quadros pintados com palavras, algo, a Realidade, que está para além dos limites com que estas condicionam o pensamento. Mas quadros pintados, mesmo que com palavras, são apenas imagens das coisas criadas. Imagens formadas através da mediação dos nossos limitados sentidos e do filtro do nosso ego, não um conhecimento direto da natureza das coisas. A apreensão do Real só é possível através de uma osmose com a essência que está por trás de tudo, deixando emergir o amor que só irrompe desde as entranhas do nosso ser, quando se atinge um estado de quietude tal, em que a paz é absoluta.

Como relata o filósofo e místico pré-cristão Plotino no Tratado de Enéades (2000) a respeito da sua experiência de transe místico

– Então, a alma não vê e não distingue pela visão, e não imagina que existem duas coisas; ela se torna outra coisa, deixa de ser ela mesma e de pertencer a si mesma. Ela pertence ao Absoluto e é tão-somente Um com Ele, como dois círculos concêntricos; concorrendo, são apenas Um; mas, uma vez separados, são dois. Na união com o Absoluto, eles não eram dois, mas aquele que percebia era Um com a coisa percebida; em consequência, se uma pessoa pudesse evocar exatamente a memória daquilo que ela foi em sua fusão com o Divino, teria em si mesma uma imagem de Deus (. . .) Nada se agitaria nela, nem cólera, nem desejo, nem mesmo razão, nem alguma percepção intelectual; numa palavra, nada poderia abalá-la; mas, estando em estado de êxtase, conheceria uma calma inabalável.

A Realidade de que os místicos se referem, é em linguagem religiosa substituída pela palavra Deus (ou numa maneira menos carregada historicamente, como o Absoluto). Mas trata-se principalmente dum Deus Imanente, não dum Deus Transcendente do culto popular oficial. É o Deus que está em toda a parte e no meio de nós, não o Deus personalizado hierárquico e aparte de nós. Por isso, a melhor forma de encontrá-lo é dentro de cada um. Sem necessidade de cair num panteísmo obrigatoriamente.

Assim, após as experiências mais unitivas com a divindade, não perdemos a capacidade de retornar ao nosso eu, e até numa forma mais estruturada, ainda que revestida de maior abnegação e altruísmo. Contudo, este sentir consequente, não acontece por imperativos morais impostos externamente, o Misticismo é neste sentido amoral, a identificação com o Bem o Bom e o Belo advém diretamente da imersão da vontade pessoal na Vontade Transpessoal. No dizer de São Bernardo (Ortega 1990):

– como uma gotinha de água derramada em muito vinho parece completamente decomposta e desaquatizada, tomando o sabor e a força do vinho, como o ferro incandescente se torna totalmente parecido com o fogo que o envolve, e como o ar impregnado de luz solar é transformado nessa clareza iluminadora de forma que menos parece iluminado que luminoso, assim será necessário que, entre os santos (os místicos), todo o desejo humano se funda de maneira inexprimível e se dissolva do eu para ser inteiramente infuso na vontade de Deus, caso contrário, como poderia Deus ser tudo em todos se subsistisse no homem alguma coisa de humano.

Para os místicos, quem não consegue despegar-se do seu ego, a sua percepção da Realidade, tal como numa estória que se conta, equivale à percepção que os quatro cegos junto a um elefante têm sobre este. O primeiro, junto à tromba, diz que um elefante é

como um cano macio e maleável; o segundo, junto a uma perna, diz que é como um tronco de uma árvore, robusta e enrugada; o terceiro, junto à barriga, fala de uma parede quente e macilenta; e o último, junto à cauda, compara-o a uma corda com um puxador no final. No caso dos cegos, a insuficiência da sua percepção foi devida à ausência dum sentido físico, a visão; no caso de quem permanece na restrição superficial do ego é a ausência dum latente sentido “espiritual”.

A contemplação unitiva do Universo está, no entanto, acessível a todos os homens, de acordo com a medida, a força e a pureza do seu desejo, pois sem ela nunca estarão completamente conscientes ou completamente vivos. Não está reservada apenas aos santos ou aos filósofos, tal como o disfrutar do prazer vibrante dum bela música não é reservado apenas aos maestros de filarmónica, ou a beleza dum poema não existe só para os poetas. Ninguém portanto está condenado, a não ser por si próprio, pelo seu orgulho, pela sua indolência ou pela sua perversidade, que conduzem ao que William Blake (2005) denomina como a ilusória “visão de separatividade” que a mente individualista interpõe entre o próprio e o mundo vivo à sua volta.

Pois da enorme riqueza de informação que nos circunda, apenas uma pequena percentagem, o cérebro e biografia da pessoa “pragmática” seleciona, de maneira a fazer sentido para ela (completando com mecanismos de lógica e dedução). Mas quando, por qualquer razão ou evento, os condicionalismos de percepção da nossa realidade são alterados, e muito do que já nos rodeava é revelado (não só transpondo julgamentos, mas também em captação de “novos” estímulos sensoriais, como cores e sons, etc...), somos obrigados a reformular os nossos paradigmas de “senso comum”. Daí o poeta Keats (2002) exclamar – Oh, antes uma vida de sensações (mesmo sendo imperfeitos os sentidos) aos pensamentos. Ou outro seu conterrâneo W. Blake (2005) – Se as portas da percepção fossem limpas, tudo surgiria ao Homem como realmente é, Infinito.

A Eternidade está connosco, convidando-nos a uma perpétua contemplação, mas aquelas portas de Blake estão cheias de teias-de-aranha para ser limpas com industriosa boa-vontade, pois estão carregadas de juízos de valor, preconceitos, medos, desconfianças e indolências, e só depois poderemos encarar a vida como se nascêssemos de novo a cada manhã, a cada hora, a cada momento, e connosco todo o Universo (e as memórias biográficas não sendo apagadas são contextualizadas). Porém, sabemos que para sair da gaiola dourada, que um falso, mas eficaz sentido de segurança, e as nossas convicções ajudaram a construir, iremos pôr-nos face-a-face com algo que tememos como ameaçador, e portanto optamos por uma limitada “vidinha em

segurança”, em vez duma imersão na Vida, que vai além de tudo o que possamos previamente imaginar.

Nem todos têm a coragem, ou estão a um nível de desenvolvimento como St^a Teresa de Ávila (2001, p. ?) quando diz – Eu não sei se sou eu que vivo (e cada uma de toda a multiplicidade de criaturas) ou se é uma Vida única (o Espírito Santo) que vive através de todos nós. Encontrando-se o género humano em tão diferentes patamares evolutivos, não poderíamos deixar de concordar com Ruysbroeck (2013, p. ?) quando diz – o ignorante, tão cheio de certezas, não vê a mesma árvore que o homem sábio, na sua douta ignorância, contempla. O que distingue então o olhar dos místicos (e dos poetas e artistas) do arrogante subjetivismo do senso-comum? Diz Evelyn Underhill (2008):

– a Inocência e humildade fazem a distinção, pois esta gente, mantendo-se de sentidos abertos, em pura recetividade, como as crianças, e em perfeita correspondência com a essência das coisas, não pré-julgam nem criticam nada. Ficando permeáveis à rica profusão do campo de múltiplas possibilidades de beleza e facetas do contemplado. Aprofundando mais e mais o alcance da sua percepção, até a separação entre o eu e o objeto ser transcendida numa fusão com o todo da Realidade, de que são parte.

E que lucra então, quem passa pela experiência de União com um novo Universo muito maior que o antes imaginado, para além da gratificante experiência em si mesma, senão o escapar definitivamente dum tedioso mundo que se assemelha a um Museu, onde tudo está constringido em classificações e rotulagens, e onde todo o fluir de acontecimentos não etiquetados é ignorado? (responde a mesma autora) - Uma pureza de olhar, escutar e sentir, liberta das significações com que a mente obscurece e distorce um Mundo pleno de fragância e toque, onde uma flor revela o seu mistério e rompe o enclausuramento conceptual da palavra “flor” para se tornar numa comunicação direta de vida com vida (Underhill, 2008).

Claro que o leitor poderá questionar-nos de que até poderá entender que o caminho da Mística não seja o de alcançar a Realidade pelo processo do pensamento (uma vez que este funciona como uma estrutura sujeita a regras gramaticais, é sempre representativo, e os conceitos constroem-se por padrões polarizados, eliminadores da fluidez da continuidade – alto baixo, escuro claro, quente frio, etc.), e que compreende que qualquer artista (ou terapeuta) terá pelo menos de desenvolver especialmente o sentido relacionado com a sua arte (o músico a audição, o pintor a visão, o perfumista o olfato, o cozinheiro o paladar, o massagista o tacto, ou o trapezista o propriocetivo), mas todos

sabemos que os sentidos nos podem iludir (daí a arte do ilusionismo), chegando a haver místicos a quem a desconfiança em relação aos sentidos se tornou a principal crítica na sua obra, como na Nuvem do Não-Saber (anónimo medieval, 2006).

Também sabemos que muitos animais têm um ou outro sentido multiplíssimas vezes superior ao Homem (o cão o olfato, o falcão a visão, o mocho a audição, etc.), o que não significa que sejam místicos, apenas mais adaptáveis ao seu ambiente, existindo os que até captam frequências de som inaudíveis para nós, e outros um diferente espectro das cores; alguns têm até vários órgãos do mesmo sentido especificados para diferentes aspetos deste (e.g. as formigas com 5 narizes diferentes, aranha 8 olhos), outros têm sentidos que nem por sombras se assemelham aos nossos (o elefante capta as vibrações do solo; a serpente percebe à distância, suas presas sem as ver, como imanações de calor; o golfinho ou o morcego usam o sonar; o tubarão com as ampolas de Lorenzini no dorso capta os campos elétricos, etc.). Por outro lado, o Homem através da tecnologia, indiretamente, não cessa de descobrir a existência de muitos fenómenos para-materiais que habitam a Natureza, e os quais sem aparelhos recetores não poderia conhecer (e.g. ondas de rádio, de TV, raios X, gama, ... e mais recentemente os bio-fotões que ora existem ora não existem, mergulhando no, e emergindo do “vácuo”).

No entanto, o homem no cômputo geral da totalidade dos seus sentidos, e estes têm sempre a ver com a adaptação ao meio (e capacidade de sobrevivência) é sem dúvida, distanciadamente, o mais perfeito (tendo em conta o rácio longevidade/variabilidade de locus de habitat).

O Místico, através da contemplação (com mais foco interior, em busca da essência comum, e não tanto exterior como no poeta), almeja como que uma união de todos os sentidos num só, uma vez que cada um é produto de uma especialização a nível anatómico e nos dá uma faceta da Realidade. Escancarando a captação da globalidade da Realidade, de e para dentro do seu ser, sem as formatações com que as especializações sensoriais a condicionam e filtram, assim ele pode perceber que o que está fora, é igual ao que está dentro, que na verdade essa captação tanto se processa de fora para dentro como de dentro para fora, pois em última instância, transcendendo o paradoxo a nível conceptual, não existe, nem nunca existiu de facto, o fora e o dentro.

Mas se a Ciência procura igualmente a Verdade, o Místico procura-a de uma maneira direta (não por meio de aparelhos) procurando uma visão de conjunto, uma ordem em tudo, adotando uma atitude sintética (ao contrário do cientista analítico, que explora as partes cada vez mais particularizadamente, e para quem o conhecimento tem interesse

não apenas por si próprio, mas em vista à sua utilização, não se transcendendo a dicotomia observador/objeto da observação, só até modernamente, dar-se a exceção, com o desenvolvimento da física quântica, que percebeu que a intenção do investigador influencia o comportamento das partículas na “experiência da dupla fenda de Thomas Young”), pois para ele, tal como diz no Bhagavad Gita (Prasad, 2006) – Embora todas as criaturas estejam aparentemente separadas, na realidade, são apenas uma. Todas têm origem na divindade e estão unidas a esta. Quem compreender realmente isto torna-se a divindade e alcança, por esse meio, a libertação.

Mas se pensarmos bem, alargando as fronteiras da autorizada Ecologia, podemos encontrar um caminho para a consciência de Deus no mundo material, se não nos limitarmos a entender, mas também a sentir constantemente que o nosso corpo é constituído pelo mesmo material que nos rodeia em cada partícula do mundo. Permanentemente, como cocriadores, ao mesmo tempo que este mundo nos muda e forma, nós mudamos e formamos o mundo. Somos acontecimentos, mais do que coisas, sob a forma de “formas” aparentemente estáveis.

No entanto, mais ou menos, todas as células do nosso corpo (com timings diferentes) são renovadas, num máximo de 7 em 7 anos, mas continuamos a sentir-nos os mesmos (ao contrário do paradoxo do carro velho que, aos poucos, vai sendo rearranjado com novas peças, até que alguém resolve agarrar as peças velhas e construir um carro com elas. Qual seria o carro original? O novo de peças velhas ou o velho de peças novas?). Sempre em intercomunicação com a matéria, assimilamos (etimologia: tornamos simile semelhante a nós mesmos) ar pela respiração (descartando dióxido de carbono do corpo), alimentos orgânicos e inorgânicos (digerindo-os e descartando a parte dos componentes não necessitados por nós), pelos poros da pele suamos o sal usado e até trocamos emoções com os ocupantes do ambiente. Os objetos materiais têm vários componentes (e.g. alimentação – folha de couve) que se podem decompor em moléculas diferentes (celulose, vitaminas, etc.) estas em átomos (na tabela periódica estão classificados em 103), ainda considerados elementos sólidos, mas estes são constituídos por elétrões, prótões e neutrões, que nem se tocam, circundando-se afastados num “vácuo”, mantendo um equilíbrio de cargas opostas que se neutralizam, como minúsculos ímanes.

Em suma, cada espécie de matéria é sempre constituída pelos mesmos elementos iguais que, todavia, estão unidos de maneira diferente consoante o átomo. Mas estes três componentes do átomo também são decomponíveis em quarks, que são luz (fotões).

Resumindo, o mundo sólido e material, tal como o entendemos, não passa duma ilusão de luz.

Poderá agora o nosso leitor perguntar, que entende até que tudo no Universo possa ser formado da mesma “substância”, ou melhor, da mesma ausência de substância, única e equivalente em tudo, e até aceite que por um pleno serenar da mente o místico abra um “canal sensitivo global”, e possa sintonizar espiritualmente esta Realidade última, mas como se explica a sintonização com a Consciência que essa Realidade tenha (considerando-a como a percepção de si mesmo e do entorno, e a persistência do conhecimento acumulado)? – Sabemos que temos consciência como humanos e que esta evoluiu com o armazenar de experiência na adaptação à vida ao longo dos milénios, desde formas mais primitivas até os animais superiores, contudo, não a podemos observar numa pedra individualmente.

No entanto, também já vimos que somos todos formados pelo mesmo “material” que ela, e se este vai ganhando mais capacidade de consciência à medida que vai aumentando a complexidade das suas interligações, como no nosso caso de indivíduos humanos, podemos pensar que essa capacidade é inerente à própria “matéria”, e a um nível Universal onde a ordem de complexidade é infinitamente superior, poderemos concluir que a sua Consciência nos suplantará de forma incomensurável (Metáfora: a analogia das células do nosso corpo, ignorantes das mais afastadas, com algum grau de consciência, a suficiente para a eficácia da sua função singular para o bem-comum de todo o indivíduo, o qual tem obviamente muito mais consciência, como um todo, maior que a soma das partes, e agora, se transpusermos isto para como cada um de nós sendo também uma célula de um Corpo Universal, podemos imaginar a Consciência que Ele terá – O leitor já se questionou, a respeito da Sabedoria da Natureza, quando por exemplo, após uma guerra faz nascer mais pessoas do sexo masculino? Ou porque é que a partir dum inicial nicho limitado de tipos de animais para um determinado ambiente isolado, se desenvolvem a partir destes, todos os equivalentes aos existentes dos outros lugares, como aconteceu na Austrália com os marsupiais, surgindo ratos, ursos-coalas, lobos e tigres com bolsa marsupial, etc.).

Ervin Laszlo (2013) propõe que aquele “Vácuo”, donde vêm os fotões, não sendo vazio nem passivo, seja de facto um vasto Campo de Informação (como que uma Internet Cósmica), anterior à própria energia (pois esta ainda é uma grandeza física), seja a própria Consciência da Realidade. E a linguagem de intercomunicação de nós com Esta é o Amor (que não é um sentimento, mas uma qualidade do Ser, sem possessividade,

sem o apego), como diz o místico setecentista Angelus Silesius (1996) – Nosso Deus é Amor, e tudo vive pelo amor. Como seria feliz o homem que permanecesse constantemente nele!

Mediunidade

Este termo designa a comunicação entre humanos (encarnados), habitantes deste plano de existência, com não-encarnados (espíritos, mais corretamente almas) habitantes de outros planos de existência, ou mesmo a influência de alguma maneira, no corpo daqueles pelo espírito destes. A comunicação entre planos diferentes da existência sempre foi praticada ao longo da História da humanidade, ainda que revestindo interpretações diferentes (com forças naturais ocultas, com os santos desencarnados, com anjos, os deuses ou os orixás, etc.). No entanto, a intercomunicação entre iguais (pessoas como nós, que já foram habitantes deste plano) ganhou especial popularidade no séc. XIX. A designação das igrejas que se constituíram subjacentes a esta prática foram chamadas de Espiritualistas, sendo o Espiritismo (de raiz Kardecista) uma delas.

Na sua versão anglo-saxônica manteve o nome Espiritualismo, e apresenta diferenças doutrinárias em relação àquela. Não se apresenta sob o dogma do cristianismo nem sob a crença na reencarnação. Preconizando uma evolução através de planos progressivamente mais refinados, tal como defendia Swedenborg ainda no séc. XVIII (Leonard, 2010), a alma (o espírito individual) passa por várias “mortes” (passagens) que a levam a viver e habitar sucessivamente em planos (dimensões existenciais) mais elevados, não havendo retrocedimento no plano evolutivo. Considerando um sentimentalismo e estreiteza de vistas o se desejar voltar a pisar o chão que já se pisou, mesmo se com o argumento da justiça equitativa, como a teoria da reencarnação no Ocidente adotou (no Oriente não é entendida como veículo desejável de evolução, mas como uma prisão a ser quebrada, fruto da ilusão das aparências do mundo da multiplicidade). A experiência na Terra é fundamentalmente da mesma natureza, quer se seja rei ou pedinte. Os sofrimentos, os prazeres, as penas e lutas são inevitáveis em qualquer condição de nascimento, as diferenças são secundárias ao exercício de se ser humano neste plano, isso sim, é o que é igual para todos e realmente o fundamental (Boddinton, 2002). Usando uma analogia geométrica de comparação, somos como semirretas, com um ponto de começo (a nossa concepção na Terra) e o prolongamento ao infinito (através de novas dimensões), só Deus é como a reta, sem princípio nem fim.

Este pressuposto não reencarnacionista e perpetuamente transformista, filosoficamente tem a consequência de libertar-nos de condicionalismos kármicos e soltar o nosso Livre arbítrio, acentuando o sentido de responsabilização e empenho pessoal, e aumentando assim a nossa capacidade de esperança e entusiasmo pelo novo e pela descoberta (a nossa estória não tem fim), e ao mesmo tempo afasta-nos do medo paralisante de investir em experiências e conhecimento de novas dimensões (na mediunidade), pois se esta vida é a primeira (a que permite a criação da multiplicidade do reino animal e vegetal, tal como o conhecemos), todos os planos seguintes são substancialmente melhores (independentemente de serem mais desafiantes e ricos em complexidade nos equivalentes estruturais e sensoriais), porque mais refinados.

Eliminando o pavor das obsessões e possessões pelo contacto do reino espiritual, pois embora humanos menos evoluídos transitem daqui para lá, aí pelo próprio entorno, mais condições terão de ser puxados a progredir. Claro que o desenvolvimento da mediunidade passa sempre por uma atitude de grande firmeza e disciplina, em estarmos vigilantes e não permitirmo-nos simpatizar com vibrações profanas, a começar em nós mesmos. Por princípio, cada indivíduo, tal como todos os outros organismos na Natureza deve crescer e desenvolver-se pelo seu próprio esforço, e não pelo dos outros (mesmo quando este existe). O grande aproveitamento do conhecimento obtido neste plano, não é tanto o conhecimento em si, mas o exercício mental e atividade envolvida em obtê-lo ³⁴. Pois, através da preferencial procura independente pelo conhecimento, o indivíduo desenvolve as suas capacidades e nível de consciência, porque este é o propósito da vida neste plano e seguintes (Leonard,2010).

Para o Espiritualismo não existe a dualidade Matéria vs Espírito, pois só existe uma “substância” a que poderíamos chamar, ou matéria que se vai refinando, ou espírito que se vai densificando, por isso, o seu percussor, Andrew Jackson Davis) afirmou em 1857 (1997) – a inteligência pura é a matéria primordial das coisas, a única e eterna

³⁴ A popular “terapia de regressão a vidas passadas”, que se tem revelado muito útil na resolução de conflitos internos, é explicada como, ou uma resolução através duma metáfora do subconsciente que o paciente se permite usar, pois tem essa crença (o terapeuta que tem missão de curar, não de doutrinar, é indiferente que a tenha), ou, uma vez que antes de sermos criados como seres individuais, fizemos parte do Todo, devido às nossas características inatas, teremos mais afinidades empáticas e de acesso (até pelo rumo que demos à nossa vida) com a memória de determinadas vidas humanas já acontecidas e gravadas no tal Campo de Informação (Laszlo,2013) onde tudo está, ao qual os Hindus chamam os Registos Akáshicos (matematicamente existem atualmente viventes 700 mil milhões de pessoas, sensivelmente o mesmo número de humanos que já viveram, o que daria direito apenas a uma reencarnação como humano a cada humano neste planeta, e os relatos das inúmeras vidas passadas ocorrem sempre nestes moldes. Sendo que o aumento da população de viventes tende futuramente a superiorizar-se ao de já vividos).

substancia básica dos corpos. A matéria é a extrema expressão do abrandamento do espírito. É só em pura inteligência ou espírito que um ser verdadeiramente se conhece.

No Espiritualismo, a mediunidade (de contacto com desencarnados) faz-se sempre de preferência com a mediação dum guia principal (ou guias), ou seja um desencarnado com essa missão, e que desenvolve um vínculo privilegiado com o médium. Existem 4 formas de mediunidade: mental, de transe, física e de cura. Na mediunidade mental dá-se uma sintonização (attunement) com as entidades, mantendo o médium o pleno da sua autonomia (a receção da mensagem faz-se mentalmente, mas revestindo uma aparência: de vozes na clariaudiência, imagética na clarividência, ou num sentimento na clarissenciência). Na mediunidade de transe, não existe exatamente uma incorporação (nunca existe), apenas uma outorga voluntária de parte do funcionamento do aparelho psíquico à entidade, e como a mente controla o físico, pode dar-se essa aparência (há vários graus, mas geralmente o médium conserva uma certa consciência). A mediunidade física distingue-se da de transe, não porque deixe de haver transe, mas pela produção de efeitos físicos (materializações, ectoplasma, movimento de objetos etc.). Na mediunidade de cura há uma canalização de energias curativas mediante um guia curador para o médium, e deste para o doente.

A mediunidade como atitude passiva, em que a mente e vontade do médium fica subordinada à de um terceiro não pode ser vista como o método derradeiro e desejável de obter conhecimento (seja esse terceiro terreno ou não). O correto é o médium desenvolver estados de consciência, cada vez mais elevados, em que o processo de obtenção de conhecimento, passe pelo seu acesso pessoal às altas esferas da existência, e recebê-lo de seres superiores, mas sempre com o seu juízo crítico e capacidade de avaliação intactos. A mediunidade deve ser progressivamente desenvolvida, como uma capacidade de acesso do médium num processo ascendente, pela sua parte, aos planos espirituais superiores, e não num processo descendente, do mundo espiritual ao nosso, e a diferença é aquilo que mais valor tem no Espiritualismo, o desenvolvimento da autonomia e vontade responsável do indivíduo. E em última instância, alcançando a Verdade na Mente Universal, na imersão da consciência individual nas leis que regem aquela, e não por intermédio dos espíritos, conforme a International Spiritualist Federation (Leonard, 2010).

Círculos de Desenvolvimento Transliminar

Os Círculos de Desenvolvimento Mediúnico (aqui Transliminar, pois o leque de contacto pretendido extravasa o da origem daqueles) são a técnica mais usada e caracterizadora das igrejas espiritualistas. O desenvolvimento espiritual (espiritualista ou místico) passa por uma transformação do próprio, passando por uma amplificação da sua perceção sobre a Vida, deixando-o menos temeroso da morte, mas sobretudo, com menos medo de viver. O desenvolvimento transliminar passa pela consciencialização de quem nós somos realmente, para então, podermos ultrapassar (Smith, 2009).

Ao transcendermo-nos de ver os factos e coisas do mundo apenas sob a subjacente e habitual pergunta “em que é que isto tem a ver com os meus interesses?” e começarmos a usar os nossos sentidos plenamente, para perceber as coisas e as pessoas, para além sua utilidade ou não, para nós, começaremos a apercebermo-nos que existe muito mais do que antes víamos, e que os outros são muito mais parecidos connosco do que diferentes. Só então começaremos a poder escutar a nossa “voz interior”, que é imensamente mais sábia do que nós (em consciência habitual), e entrar em “diálogo” interdimensional.

O exercício da quietude deliberadamente (tanto de movimentos anatómicos, como da atividade do pensamentos, isto numa maneira tendencialmente não estressada), comum ao misticismo, é uma parte crucial dos Círculos. Estes devem processar-se sempre em grupo e com alguém com alguma experiência (colocando os assentos em círculo, daí a primeira palavra do nome), não se aconselhando ao iniciante a procurar o mergulho espiritual de forma solitária, por razões de segurança pessoal e pelas possibilidades de maior rapidez no desenvolvimento.

Os grupos poderão ser abertos (se permitem entrada de novos membros a cada sessão) ou fechados (se não permitem). No Reino Unido as igrejas inscritas na Spiritualist National Union estabelecem listas dos dois tipos, e a tendência é começar-se num aberto, transitando para um fechado. Em contexto laico, como os que viemos a desenvolver, optámos pelos abertos, e a duração das reuniões durava duas horas, sendo a primeira hora, para o diálogo e conhecimento dos membros entre si, debatendo-se várias visões do que seja a espiritualidade e seus aspetos, através da pluralidade religiosa existente no mundo, numa maneira desapeadamente filosófica e não militante de alguma crença particular. Após um curto intervalo, começava-se então o Desenvolvimento propriamente dito. No círculo, logo à partida, cada um deve procurar, para a manutenção da Quietude, estar confortável, não só no sentar (que deve

ser com a coluna vertebral direita, para todo o sistema nervoso central estar em harmonia, pois este inclui a medula espinal), como também na sua mente (fazer uma pausa nas suas preocupações diárias, podendo-as retomar mais tarde, caso queira). Para aprofundar essa confortabilidade, o orientador do círculo começa por treinar os participantes numa respiração adaptada do pranayama, em que a inspiração nasal (a plenos pulmões) se fará em tempo normal, seguindo-se uma retenção com tempo sensivelmente superior, e depois uma expiração bucal prolongada (5s – 6/7s – 9 ou +s). Esta respiração deverá ser mantida, preferencialmente, ao longo de todo o processo (para tal o orientador vai relembrando-a), ativando assim o sistema nervoso autónomo parassimpático (o batimento cardíaco desacelera e seu ritmo normaliza-se, dá-se a diminuição da pressão arterial, a diminuição da adrenalina, sensação de calma). Os olhos estão fechados, podendo ser, alternadamente, orientados a abrir-se para a contemplação da chama duma vela ou dum palito de incenso, continuando a sua perceção residual (mas intensa) alguns momentos depois de fechá-los, e assim permanecerão finalmente, até a conclusão do processo (a chama é apagada).

Uma vez adotada esta respiração, o orientador vai prosseguindo com um relaxamento muscular progressivo, em que sequencialmente são contraídos e descontraídos os diversos grupos musculares (e.g. começa-se pelos pés, seguindo as pernas, mãos, braços e ombros, abdómen e peito, costas e pescoço, e finalmente a nuca e rosto). Então, por exercício imagético, que o orientador proporciona, abre-se o “chakra” da coroa (ou o da “3ª visão”) à entrada de energia espiritual, visualizando-a como curadora e luminosa, e que percorrerá lenta e gradualmente todas as células corporais (outorgando-lhes harmonia e organização funcional, e descartando as toxinas), num processo descendente até a sola dos pés, e aí criando raízes que se vão expandindo, penetrando e robustecendo, pela crosta terrestre, à medida que então, se vão abastecendo cada vez mais, duma energia telúrica leitosa e vivificante, sendo que esta, vai ascendendo, pelo corpo todo, progressivamente acima. Enquanto o corpo fica completo, neste processo de sanção e limpeza pelas duas energias, pode-se prosseguir então com a outra parte de visualização (esta, contrariamente à precedente, é sempre diferente a cada sessão), em que se leva mentalmente o espírito dos participantes numa viagem imaginária, enriquecida com pormenores que abranjam os vários sentidos (elaborada de acordo com a experiência do orientador e a intuição que ele recebeu das necessidades dos participantes revelada na 1ª hora informalmente), e que culminará num “encontro” em aberto para a construção de cada um (construção que foi alimentada com sugestões

positivas e de bem-aventurança). Aí segue-se um tempo (+ ou - 20min) em contemplação no silêncio (não querendo dizer que não se possa usar para durante todo o processo, uma música baixa e suavemente monótona, como pano-de-fundo) e é neste período que geralmente, acontecem experiências transliminares interiormente (á medida de cada qual).

Após esta fase culminante, o orientador recomeça novamente a induzir a viagem, mas agora em sentido retrocedente, desde o local do “encontro” até o começo da viagem. Logo que regressado o espírito ao local de partida, no corpo, as duas energias aí dão por concluído o seu trabalho de purificação e invertem gradativamente seu sentido, primeiro as raízes esvanecem-se aquando a saída da última onda energética telúrica, e após isto, em cima, o chacra da coroa é fechado também, conscienciosamente, aquando da última onda energética espiritual (muito importante, este fechar final do chacra da coroa que é tradicionalmente o portal de acesso ao mundo espiritual e aos campos energéticos superiores, tal como o foi a sua abertura no início, porque simboliza o controlo voluntário do psiconauta a experiências deste género. Pois não se pretende permitir que a estas ocorrências se deem em contextos desadequados, e para o iniciante, nunca fora dos C.D.M. Daí a necessidade destes serem regulares, semanais ou quinzenais, à mesma hora e dia da semana, e sempre no mesmo local, de maneira a criar um condicionamento com memória fisiológica).

Gradualmente, o orientador faz ainda, uma contagem crescente, até 10, em que vai a cada número, sugerindo e encaminhando o reassumir das capacidades de vigília dos participantes. Uma vez todos de volta, ligam-se as luzes, e um a um compartilha-se as diversas experiências pessoais.

Conclusão

A técnica que temos vindo a implementar desde há 2 anos, os C.D.T. tem servido o desenvolvimento dos objetivos a que nos propusemos, o de as pessoas poderem, duma forma muito personalizada, se aperceberem e entrarem em contacto com uma dimensão mais abrangente da Realidade, e expandirem as suas perspetivas a nível espiritual, para lá do estrito mundo habitual que a sua visão ego centrada e utilitarista permitia, e para lá das limitações de crenças assumidas, mas nunca questionadas.

No espaço contemplativo interior de silêncio, criado nos C.D.T., a experiência mística nunca pode ser garantida (não sendo esta só do divino, mas também de si mesmo), por vezes acontece haver apenas vazio, mas há momentos em que se enche daquele “amor

que não reclama posse” e fica-se ausente de imagens, pensamentos, sensações e emoções, são e livres de projeções neuróticas, livres do poder das pessoas, das suas cobranças, expectativas e julgamentos de rejeição ou aceitação, mas também livres dos nossos próprios superegos com suas auto expectativas e auto censuras, sem o medo, a raiva, o ciúme ou a preocupação. Neste espaço interno da alma, as ofensas dos outros não podem nos atingir, lá ninguém pode nos ferir, lá encontramos o nosso Eu autêntico. Ao abrirmos e adaptarmos uma técnica, que provinha duma religião (o Espiritualismo), que já de si se propõe ao contacto com outras dimensões da existência, o mundo das almas individuais desencarnadas, mas portanto ainda na dualidade (do Devir), e ampliarmos as possibilidades do seu alcance até à transcendência da multiplicidade, para o mundo da Unidade (do Ser), conforme ao Misticismo, abrimos também a possibilidade de cada um poder experienciar uma Espiritualidade, praticando-a metodicamente, e transportando os seus frutos, para o dia-a-dia. Sabendo que a sua visão dessa Espiritualidade, pode ser sempre aperfeiçoada, mesmo quando tendo de se libertar de dogmas religiosos, quando a segurança que antes estes lhe davam, deixe de ser intuída, e se torne restrigente da expansão da sua consciência, e isto tudo sem a necessidade de ginásticas teológicas justificativas (como o tinham de fazer os antigos místicos). A este propósito, gostaríamos concluir com o que o panenteísta (que vê a Natureza como extensão direta de Deus, onde tudo está) Jakob Bohme escreveu em 1612 (2000) – Nunca acharás um livro no qual mais possas descobrir da sabedoria divina, do que quando vais a um prado viçoso; lá farejarás e provarás do inconcebível poder de Deus.

REFERÊNCIAS

- Anónimo medieval (2006). *A Nuvem do Não-Saber*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Ávila, Teresa (2001). *Escritos de Teresa de Ávila*. São Paulo: ed. Loyola.
- Blake, William (2005). *Sete Livros Iluminados*. Lisboa: Ed. Antígona.
- Boddington, Harry (2002). *The University of Spiritualism*. Stansted England: Psychic Press.
- Bohme, Jakob (2000). *Aurora Nascente*. São Paulo: Ed. Polar.
- Chardin, P. Teilhard (2010). *O Meio Divino*. Petrópolis: ed. Vozes.
- Cruz, João da. (1977). *Obras Completas*. Aveiro: ed. Carmelo.
- Davis, Andrew J. ([1857] 1997). *The Magic Staff, an Autobiography*. Boston: Colby & Rich SNU.
- Eckhart, Mestre (2009). *Tratados e Sermões*. São Paulo: ed. Paulinas.
- Grun, Anselm (2012). *Mística*. São Paulo: ed. Vozes.
- Keats, John (2002). *Nas Invisíveis Asas da Poesia*. São Paulo: ed. Iluminuras.
- Krishnamurti, Jiddu (1999). *Meditações*. Lisboa: Ed. Presença.
- Lazlo, Ervin (2008). *A Ciência e o Campo Akáshico*. São Paulo: ed. Cultrix.
- Leonard, John C. (2010). *The Higher Spiritualism*. Great Britain: SDU Publications.
- Oates, Barry et al. (2007). *Philosophy of Spiritualism*. Stansted England: SNU Publications.
- Ortega, Alicia (1990). *A Mística e os Místicos*. São Paulo: ed. ECE.
- Plotino (2000). *Tratados das Enéades*. São Paulo: Ed. Polar.
- Prasad, Dr. Ramananda (2006). *Bhagavad Gita*. Porto Alegre: International Gita Society.
- Ruysbroeck, Jan Van (2013). *O Ornamento do Casamento Espiritual*. São Paulo: Ed. Polar.
- Schache, Ruediger (2011). *O Segredo de Deus*. Alfragide: ed. Lua de Papel.
- Silesius, Angelus (1996). *O Peregrino Querubínico*. São Paulo: ed. Loyola.
- Simões, Mário et al. (2003). *Psicologia da Consciência*. Lisboa: ed. Lidel.
- Smith, Gordon (2009). *Developing Mediumship*. London: CPI Group Ltd.

Smith, Gordon (2012). *Intuitive Studies*. Cornwall: TJ International.

Underhill, Evelyn (2008). *Misticismo*. Curitiba: Amorc.

AS FERRAMENTAS DA EVOLUÇÃO ESPIRITUAL NA NOVA ERA

João Antero³⁵ (ECATI - ULHT)

Resumo

Com as novas tecnologias e a comunicação global que trouxe a informação para dentro de casa, o Homem permitiu-se que os enigmas e acontecimentos esotéricos e misteriosos se banalizassem, caindo no cotidiano das sociedades e fossem aceites por um número cada vez maior de pessoas, muitas delas sem saber no que se estavam a meter ou sobre o que estavam a falar. Mas a verdade é que tais ferramentas, ao se tornarem banais, permitiram ao indivíduo uma evolução espiritual, na maior parte dos casos, inconsciente, mas que, por solidariedade, cumplicidade, ou mesmo por necessidade de aceitação e integração social, começou a construir, ainda que tímida, uma afirmação e evolução colectiva. Algumas dessas ferramentas são a Meditação, as Auras e a sua leitura, a mediunidade e os seus diferentes canais, a energia humana, os chacras e meridianos, a projecção astral e o conceito da reencarnação, a canalização na leitura das cartas, dos búzios e das runas, a regressão, o Reiki e outras terapias como método complementar de cura, entre outras chamadas ciências ocultas, mas não ligadas a uma religião, culto ou movimento religioso. Todos estes aspectos, conceitos e factos, mais ou menos científicos, estão a abrir caminho para um novo conceito religioso, na nova era, que aceite os princípios e cânones das diversas religiões e cultos professos, e incorpore as mais variadas ferramentas de evolução espiritual, numa amálgama de rituais utilizados consoante o que fará mais sentido no percurso de uma evolução espiritual individualizada.

Palavras-chave: Espiritualidade, Ferramentas, Religiosidade, Ciência

Abstract

With new technologies and global communication that brought the information into the house, the man allowed that the puzzles and esoteric and mysterious events are commonplace, falling on the daily lives of societies and were accepted by an increasing number of people, many of them without knowing what they were getting into or what they were talking about. But the truth is that such tools, to become banal, allowed the individual a spiritual evolution, in most cases, unconscious, but for solidarity, complicity, or even need for acceptance and social integration, began to build, albeit timid, a statement and collective evolution. Some of these tools are Meditation, Auras and your readings, mediumship and its different channels, human energy, chakras and meridians, astral projection and the concept of reincarnation, channeling the reading of the letters, and the shells runes, regression, Reiki and other therapies as complementary healing method, among other calls occult sciences, but not linked to a religion, cult or religious movement. All these aspects, concepts and facts, more or less scientific, are paving the way for a new religious concept, in the new age, that accepts the principles and canons of different religions and cults professes, and incorporates the various tools of spiritual evolution, a ritual amalgam used whichever makes more sense in the course of an individualized spiritual evolution.

³⁵ Licenciado em Cinema e Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes – Universidade de São Paulo – USP, Brasil, Professor convidado leccionando nos cursos Cinema, Vídeo e Comunicação Multimédia, Comunicação e Jornalismo e Ciências da Comunicação e Cultura, da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias - ULHT, p412@ulusofona.pt

Keywords: Spirituality, Tools, Religiosity, Science

Introdução

Toda a vida o ser humano teve contacto com enigmas, acontecimentos esotéricos e misteriosos que estavam para além da sua compreensão. Momentos houve que o Homem procurou aprofundá-los e, só por isso, foi incompreendido, banido e crucificado.

A história já nos mostrou e demonstrou que as religiões, ao longo da existência do Homem na Terra, nascem, predominam e subsistem ao longo de algumas longas centenas de anos, mas acabam por morrer, desaparecer, esgotar-se.

O início da era de Aquário é uma época de mudanças, de transformações, de novas visões do futuro e de uma nova espiritualidade. Assim aconteceu ao longo da história da Humanidade. A última destas grandes mudanças conhecemo-las da era de Peixes, a qual se iniciou com o nascimento do cristianismo, passou por uma fase negra – a da Idade Média –, viu ressurgir a esperança de uma nova espiritualidade no renascimento e iluminismo para, finalmente, chegar à Modernidade, em que a ciência e a experimentação comandaram os desígnios da Humanidade, oferecendo-lhe um enorme conforto e segurança mas que o afastaram da sua espiritualidade mais profunda. Outras houve que conhecemos mal, através de relatos muito pessoais - por mais fidedignos e imparciais que sejam - e que pecam pela falta do contraditório.

Estamos a viver e a presenciar uma nova mudança na espiritualidade da Humanidade. Nós, hoje, somos testemunhas e actores desta mudança. Temos esse privilégio de assistirmos e, até mesmo, de opinarmos, de darmos as nossas contribuições não só para a mudança em si, como para a acelerarmos, conduzirmos ou manipularmos.

No entanto, a espiritualidade, essa continua viva desde os primórdios, fazendo a cada nova era, a cada nova religião, a cada novo paradigma, as mesmas procuras, as mesmas dúvidas, as mesmas perguntas: “De onde venho”, “Para onde vou”, “O que faço aqui?”, ou ainda “Quem sou eu?”, “Haverá vida para além da morte?”, entre outras.

Espiritualidade

Convém definir espiritualidade. O que é a espiritualidade para cristão, um muçulmano, um judeu, um budista ou para qualquer outra religião professada? E o que é a espiritualidade para um fundamentalista? Ou para um agnóstico? Ou mesmo para um ateu?

Espiritualidade é a busca pessoal por respostas para questões existenciais sobre a vida, o seu significado e a relação com o sagrado.

O Dicionário Oxford (Simpson & Weiner, 1989) define espírito como a “parte imaterial, intelectual ou moral do homem”. O termo espiritualidade envolve questões quanto ao “significado da vida e à razão de viver, não limitado a tipos de crenças ou práticas).

O filósofo ateu André Comte-Sponville fala de uma "espiritualidade sem Deus", uma abertura para o ilimitado, um reconhecimento de sermos seres relativos mas abertos para o absoluto. Seria o reconhecimento da dimensão misteriosa e ilimitada da existência, uma experiência que vai para além do intelecto e que não precisaria passar por qualquer explicação religiosa.

Já religião, segundo aquele dicionário, é a “crença na existência de um poder sobrenatural, criador e controlador do Universo, que deu ao homem uma natureza espiritual que continua a existir depois da morte de seu corpo”.

Será que a espiritualidade é uma só, ou cada um adapta a espiritualidade à sua religião, às suas crenças, aos seus medos, à sociedade onde está inserido, grupo de amigos, família, labor, clubes, bairros, áreas geográficas, países e continentes?

Espiritualidade é a relação da pessoa com o transcendental, com tudo aquilo que está para além do seu conhecimento. Seja o transcendental físico, que vai para além das leis naturais, seja ele moral, que se relaciona com os aspectos da personalidade, ou ainda intelectual, que se relaciona com a compreensão e o conhecimento. Alguns classificam esse transcendental como uma qualidade do divino, outros como algo para o qual a ciência ainda não encontrou respostas, e outros ainda como algo que ultrapassa a explicação lógica da ciência e está muito para além dos milagres da fé: é algo sobrenatural, mágico e fantástico.

Cada pessoa entende e desenvolve a sua espiritualidade relativamente ao crescendo da sua percepção e consciência do mundo. A pessoa toma consciência da transformação interior que esse crescimento lhe provocou.

Nas palavras de Dalai Lama “A Espiritualidade está relacionada com as qualidades do espírito humano – amor, compaixão, paciência, perdão, noção de responsabilidade e harmonia – que trazem felicidade tanto para a própria pessoa como para os outros”.

A Organização Mundial de Saúde aprofundou as investigações acerca da espiritualidade enquanto factor integrante do conceito multidimensional de saúde. Remonta a 1983 a inclusão da espiritualidade na apreciação do estado de saúde das populações. Actualmente, o conceito clássico de saúde da OMS já é “um estado dinâmico completo de bem estar físico, mental, espiritual e social e não meramente a ausência de doença”.

Para além das questões física, psicológica, relações pessoais, meio ambiente e nível de independência, fazem parte dos questionários de saúde da OMS, as questões da espiritualidade, da religiosidade e das crenças pessoais. Mesmo os profissionais de saúde areligiosos ou os investigadores ateus concordam com estas inclusões nos questionários.

Nova Era – de Aquários

A era de Peixes, na qual a modernidade nasceu, desenvolveu-se e alcançou o seu apogeu, e na qual predominou a razão e a energia Yang, deu lugar à Era de Aquário e à sua energia Yin, para reequilibrar a energia da Terra.

A Nova Era iniciou-se há aproximadamente 60 anos, com um movimento cultural, filosófico e religioso que pretendia alterar, de uma forma tranquila e apaziguadora, o actual estado em que a Humanidade vivia e, parte dela, ainda vive.

Quando a Era de Aquário atingir o seu desenvolvimento natural, o mundo terá entrado num período de paz e harmonia, onde as guerras políticas, sociais, económicas e, principalmente, as religiosas, deixarão de fazer sentido; O homem vai ver aumentada a sua tomada de consciência sobre tudo o que o rodeia e, principalmente, sobre si próprio; O homem vai descobrir, ou redescobrir, os seus poderes sobrenaturais; O homem vai descobrir ser ele próprio a representação de Deus, o seu auto-conhecimento e, assim, a sua própria verdade; O homem vai aceitar e respeitar cada Homem por ser, cada um, uma representação de Deus; O Homem vai perceber que é parte integrante do Universo. E vai vivenciar a verdade de que o Universo é uma rede de energias pelas quais os homens se ligarão, unindo-os; O Homem vai aceitar e conviver com a existência de Mestres ascencionados com os quais se comunicará; O Homem vai esquecer o conceito de que Deus é uma pessoa ou a sua representação, para passar a aceitar que Deus é uma fonte de energia universal, impessoal, que alimenta o Homem e fortalece a sua espiritualidade.

Esta defesa da evolução espiritual na nova Era poderia ser confundida com uma visão pentecostal da religiosidade, ligada à procura de uma nova espiritualidade. Mas nada tem a ver com isso, uma vez que esta visão da espiritualidade na nova Era, nada tem que a ligue à doutrina do Espírito Santo.

Na nova Era, todo o movimento de mudança de mentalidades e conceitos não é apenas mais um fenómeno sociológico, antropológico ou psicológico, é uma realidade na qual somos actores, mais ou menos conscientes.

Para Aldo Terrin, “Trata-se apenas de reconhecer a valor da intuição contra a razão, de yin contra yang, do hemisfério direito do cérebro contra o hemisfério esquerdo, para poder “metamorfosar a consciência e a vida”.

Ferramentas na Mudança Evolucionar

O futuro das religiões é abandonarem muitos dos seus conceitos, dos seus dogmas e das suas estruturas, reestruturando as suas instituições para o auxílio de todos aqueles que necessitam de alguma orientação e apoio na procura da sua espiritualidade interior.

Essa mudança já começa a ser constatada na maioria das religiões professas, sejam elas Orientais ou Ocidentais, do Norte ou do Sul, politeístas ou monoteístas. Todas elas iniciaram um caminho para um entendimento e aceitação das suas diferenças, reconhecendo o essencial de cada uma delas: o caminho para uma mudança evolucionar na forma como vêm a espiritualidade e a sua relação com Deus.

É cada vez mais aceite que o vínculo entre o homem e Deus é pessoal e íntimo, sem necessidade de qualquer ligação a uma dada religião e até mesmo sem a gerência de qualquer instituição religiosa.

Encontrar o ponto de equilíbrio entre a matéria e o espírito, entre o profano e o sagrado, continua a ser a grande procura dos Homens. Esse caminho de procura está cada vez mais definido e mais e mais pessoas o percorrem.

Para melhor compreender a mudança da religiosidade da Era de Peixes para a espiritualidade da Era de Aquário, adaptei um texto do físico nuclear Guido Nunes Lopes., que encontrei no blog da psicóloga Atena Vieira:

A religião é para aqueles que necessitam que alguém lhes diga o que fazer, querem ser guiados. A espiritualidade é para os que prestam atenção à sua Voz Interior.

A religião não é Deus. A espiritualidade é Tudo e portanto é Deus.

A religião inventa. A espiritualidade descobre.

A religião é causa de divisões. A espiritualidade é causa de União.

A religião lhe busca para que acredite. A espiritualidade você tem que buscá-la.

A religião segue os preceitos de um livro sagrado. A espiritualidade busca o sagrado em todos os livros.

A religião faz viver no pensamento. A espiritualidade faz Viver na Consciência.

A religião se ocupa com fazer. A espiritualidade se ocupa com Ser.

A religião é adoração. A espiritualidade é Meditação.

A religião vive no passado e no futuro. A espiritualidade vive no presente”.

Hoje em dia, de uma forma consciente, a grande maioria da população mundial, seja ela ocidental ou oriental, do Norte ou do Sul, do litoral ou do interior, deste ou daquele continente, independentemente da sua crença religiosa, identidade cultural, raça, género, actividade profissional e condição socioeconómica, a verdade é que o Homem em geral pratica alguma forma de relacionamento e desenvolvimento da e com a sua espiritualidade.

É do senso comum que o Homem actual tem já percepções extraordinárias com as energias que o rodeiam, está mais atento a acontecimentos como a clarividência, a audiovidência, a cognividência, a ter contacto com entidades e acontecimentos supra normais, tem vindo a aprender a relacionar-se com a natureza, a controlar e alterar o ambiente, a aumentar a compreensão de novas ideias intelectuais quer em número quer em qualidade, expandiu o seu relacionamento com o amor universal e incondicional pelos outros. No fundo, tem vindo a aumentar a sua experiência transcendental.

A ciência, graças ao avanço tecnológico e ao despertar para assuntos mais esotéricos, desde há 30 anos que começou a investigar fenómenos como a relação da Humanidade com Deus - seja ele qual for -, e com os anjos, milagres e outros fenómenos ainda inexplicáveis.

A ciência ajudou a Humanidade a despertar para uma nova concepção do mundo que se desenvolveu e passou a fazer parte das nossas vidas, primeiro de uma forma tímida e individual, agora colectivamente. A ciência faz hoje parte integrante do nosso dia-a-dia. A ciência descobriu e provou a existência da anti-matéria, descobriu que o universo é uma rede de sistemas de energia onde as partículas elementares podem aparecer em dois lugares ao mesmo tempo e onde o espaço é curvo e finito. Descobriu-se que o ADN reage a estímulos dentro e fora do nosso corpo. A mais recente pesquisa científica russa explica fenómenos como a clarividência, a intuição, actos de cura remotos e espontâneos, auto-cura, técnicas de afirmação, aura em torno das pessoas, influência da mente sobre padrões climáticos e muito mais.

E até mesmo descobertas que estão sem respostas como os orbes captados pelas câmaras digitais.

Com a preparação para a entrada na Era de Aquário, passou-se a dar importância ao Feng Shui e à distribuição dos móveis dentro de uma casa ou escritório, à orientação das casas e dos prédios, à sua localização, arquitectura, cores e decoração, para melhor relacionamento dessas energias com a energia dos seus ocupantes. Passou-se a falar dos

chacras e dos 12 meridianos, da acupunctura, do Shiatsu, das massagens yurvédica, linfática e corporal, da Digitopunctura, cromoterapia, pedras quentes, do caminhar sobre o fogo, da transmissão mediúnica de mensagens, do Tai Chi, reflexologia, das auras e sua leitura, do Reiki, do I Ching tantas, tantas outras terapias alternativas cada vez mais aceites pela comunidade científica como essenciais à cura e à manutenção da saúde física, emocional e espiritual.

As pessoas começam a acreditar que nada é por acaso mas fruto das coincidências enquanto sinais a que devem estar atentas. Encontram significado nos pequenos acontecimentos dos seus dia-a-dia como comboios perdidos, chaves esquecidas, um livro aberto em determinada página casual, conversas ouvidas sem intenção, um encontro acidental e muitos, muitos outros exemplos que cada pessoa guarda na sua memória. As coincidências ocorrem quando dois percursos paralelos de vidas separadas se encontram ou reencontram. São as sincronicidades que primeiro ocorrem na rede energética no Cosmos, lá em cima, e só depois acontecem no plano terrestre.

Recuperaram-se outras religiões, crenças e cultos do passado, como o Druidismo, o Xamanismo e muitos outros cultos pagãos.

Com o auxílio da ciência, estudou-se, desenvolveu-se e difundiu-se a Programação Neurolinguística, a noção de Lei da Atracção e o Desenvolvimento pessoal e espiritual. As pessoas já perceberam e aceitaram esta rápida evolução espiritual como forma de combater a ira, o medo, o ressentimento, a distância e o isolamento, o cepticismo, o menosprezo, os maus tratos psicológicos da falta de atenção, do abandono, da culpa, da tendência para a vitimização, do cansaço físico, emocional, psicológico e até mesmo espiritual.

Da mesma forma que o mundo gira, pula e avança, também nós evoluímos e mudamos. Todos estes aspectos, conceitos e factos, mais ou menos científicos, estão a abrir caminho para uma nova espiritualidade que interprete e aceite os princípios das diversas religiões e cultos professos e nelas incorpore as mais variadas ferramentas de evolução espiritual, consoante o que fará mais sentido no percurso individualizado.

Hoje, é notório a aceitação de que não é necessário estar-se ligado a uma religião ou instituição religiosa para se desenvolver a espiritualidade. A evolução espiritual do indivíduo faz parte da sua evolução pessoal, nomeadamente da sua evolução mental, emocional e social.

Espiritualidade no trabalho

No âmbito profissional ainda existe uma grande incompatibilidade entre a espiritualidade e o mundo do trabalho, onde o objetivo principal é a produtividade e a apresentação de resultados.

É chegada a hora de trazer e aceitar a espiritualidade como parte integrante das nossas ações e reflexões do dia-a-dia das empresas, dos empresários e dirigentes, aumentando a qualidade dos relacionamentos e dos objetivos e resultados das empresas, sejam elas industriais, terciárias ou outras.

Segundo Jack Welch, no livro *Paixão por Vencer*, “quando a empresa vivencia os seus valores, aumenta a satisfação dos empregados e melhora os resultados financeiros”. Jack Welch afirma ainda: “A missão anuncia, com exatidão, para onde a empresa está indo. E os valores descrevem os comportamentos que a levarão até lá”. Estes valores estão cada vez mais ligados à espiritualidade e é cada vez mais a espiritualidade que interpreta e defende esses valores.

Conclusões

O Homem está a aceitar o facto da terra estar a entrar num novo ciclo natural de mudança, a Era de Aquário, mesmo sem perceber qual o sentido exacto, nem mesmo o mais lato, desta mudança.

As religiões, enquanto abriram portas para a salvação, enquanto mantiveram o interesse num diálogo entre o seu Deus e os seus fiéis, asseguraram o seu papel fundamental na espiritualidade das sociedades. Mas as sociedades cansam-se das religiões.

Um cada maior número de questões estão a ficar sem respostas por parte das religiões e suas instituições, ou as respostas já não são suficientes para o desenvolvimento espiritual dos seus crentes, criando espaço para o surgimento de novos credos, novas religiões, novas instituições, aumentando o leque de oferta na procura espiritual de respostas às dúvidas existenciais, catalizadas pela globalização da informação.

Uma das maiores descobertas das populações em geral tem sido o facto de que Deus não é do domínio exclusivo desta ou daquela religião e, mais do que isso, é a descoberta da hipótese de Deus estar dentro de cada ser humano que, por isso mesmo, deixa de necessitar de estar ligado a uma qualquer religião e muito menos a uma instituição religiosa.

As causas e as ferramentas disponíveis misturam-se, acabando por serem, todas elas, ferramentas e causas desta mudança.

Também as oportunidades criadas pela falta de resultados por parte da ciência, médica e não só, como a necessidade constante e cada vez mais crescente de encontrar respostas às 3 principais questões filosóficas da Humanidade: “De onde venho, para onde vou, quem sou eu?”, têm acelerado a procura de alternativas à evolução espiritual.

O Homem, ávido de respostas e, mesmo não sabendo para onde vai, quer saber porque razão é que ainda não chegou lá? O Homem vai tentar integrar-se no seu meio-ambiente natural, a natureza, a terra Gaia, ligando-se ao seu Eu Interior para tentar alcançar o seu Eu Superior, através do seu Eu transcendental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Gaulden, A. C. (1996). *Enfrentar o Milénio*. Lisboa: Notícias editorial.
- Kardec, A. (1996). *O Livro dos Espíritos*, Edição E-book
- Kuhn, A. B. (1993). *O Hábito da Oração e a Lei do Karma*. São Paulo: Pensamento.
- Lama, D. & Cutler, H. (2011). *A Arte da Felicidade*. Coimbra: Martins Fontes Editora.
- Michel, A. (2006). *Introduction à un spiritualité sans Dieu, selon André Comte-Sponville*. Paris: Lit Verlag.
- Panzini, R. G.; Rocha, N. S.; Bandeira, D. R. & Fleck, M. P. A. (2007). Qualidade de Vida e Espiritualidade. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 35, supl. 1; 105-115.
- Portela, L. (2014a). *Serenamente*. Lisboa: Gradiva.
- Portela, L. (2014b). *Ser espiritual - Da evidência à Ciência*. Lisboa: Gradiva. 2014
- Redfield, J. (2008). *A Profecia Celestina*. Oeiras: Casa das Letras.
- Salgado, M. I. & Freire, G. (2008). *Saúde e Espiritualidade - Uma Nova Visão da Medicina*. São Paulo: INEDE.
- Simpson J. A. & Weiner, E. S. C. (1989). *Dicionário Oxford*. Oxford: Oxford University Press.
- Schaeffler, R. (1983). *Filosofia da religião*. Rio de Janeiro: Edições 70.
- Terrin, A. N. (1996). *Nova Era – A religiosidade do pós-moderno*. Loyola: São Paulo.
- Welch, J. & Welch, S. (2005). *Paixão por vencer: A bíblia do sucesso*. Rio de Janeiro: Campus.

Fontes Documentais on-line

Atena Vieira, Blog. Acedido Janeiro 30, 2015, em <http://www.expandiraconsciencia.blogspot.com>

Eduardo Rosinelli, A Nova Era. A Era de Aquário, in Blog A Luz da Luz. Acedido Janeiro 30, 2015, em http://www.aluzdaluz.mhx.com.br/aa15_novaera.htm

Código Internacional de Doenças (OMS) Inclui Influência dos Espíritos, in *Espiritismo Livre*. Acedido Janeiro 30, 2015, em <http://espiritismolivres.com/?p=82>

Mário Portela, Portugal Místico, Acedido Janeiro 30, 2015, em www.portugalmistico.com/info/esoterismo/astro/13-a-era-de-aquo

RESPOSTA AO “PROBLEMA DO MAL” NO GNOSTICISMO CONTEMPORÂNEO E O DIÁLOGO COM O CATOLICISMO EM CONTRAPONTO À CONDENÇÃO DO CATARISMO

Giordano Cimadon³⁶ (UFPR/SGI)

Marco Antonio Marcon³⁷ (PUCPR/GPER)

Resumo

Este texto é resultado de uma pesquisa bibliográfica que estuda a resposta ao problema do mal na obra de Samael Aun Weor, importante referência do Gnosticismo Contemporâneo, e revela os elementos históricos e doutrinários, estes últimos presentes na obra gnóstica e nos documentos oficiais do Vaticano, que permitem a existência de diálogo entre visões teológicas tão diversas. Entende-se que o problema do mal foi o elemento central que incitou o conflito entre católicos e cátaros na Idade Média, sufocando a expressão religiosa destes últimos. Os resultados mostram que o Gnosticismo Contemporâneo apoia sua visão sobre o mal nos mesmos fundamentos do Catarismo, muito embora adaptada a uma linguagem que permite a compreensão esotérica do tema, e revela os esforços de ambas as partes para a substituição de antigos conflitos pelo diálogo e pela convivência.

Palavras chave: Nova Era, Gnosticismo, Mal, Catolicismo, Catarismo

Abstract

This text is the result of a bibliographic research concerning the response to the problem of evil in the work of Samael Aun Weor, an important reference in Contemporary Gnosticism, and reveals the historical and doctrinal elements, the latter being found at the gnostic work and official Vatican documents, which allow the existence of dialogue between such distinct theological perspectives. It is understood that the problem of evil was the main issue that sparked the conflict between catholics and cathars in the Middle Ages, stifling the religious expression of the latter. Results show that Contemporary Gnosticism supports its concept of evil on the same grounds of Catharism, although adapted to a terminology that grants the esoteric comprehension of the matter, and reveal the efforts of both parties in the replacement of old conflicts with dialogue and coexistence.

Key words: New Age, Gnosticism, Evil, Catholicism, Catharism

³⁶ Bacharel em Psicologia pela UFPR, psicólogo clínico e presidente da Sociedade Gnóstica Internacional (SGI), giordanocimadon@gmail.com

³⁷ Bacharel em Teologia pela PUCPR, mestrando em Teologia pela PUCPR e membro do Grupo de Pesquisa Educação e Religião (GPER), marcon777@gmail.com

Introdução

Na segunda metade do século XX o fenômeno contemporâneo da Nova Era consistiu num processo de renascimento reinterpreativo de uma variedade bastante complexa de crenças e práticas enraizadas em tradições esotéricas antigas e medievais (Hanegraaf, 1998, p. 359-360), as quais foram, em diversas ocasiões, reprimidas. Estas buscaram responder, entre outras questões, ao problema do mal (Faivre, 2000, p. 20), mas sempre à margem da religiosidade oficial. Nos séculos XII e XIII o Catarismo foi condenado pela Igreja Católica, mas seus princípios continuaram através dos séculos até encontrarem expressão na doutrina do místico colombiano Samael Aun Weor³⁸, que funda o Gnosticismo Contemporâneo ao publicar a sua primeira obra, considerada um instrumento de abertura da Nova Era (Kuichines, 1950, p. 5), algo que só foi possível graças à estabilidade de estados laicos e ao advento do pluralismo religioso, permitindo o florescimento destas expressões múltiplas de espiritualidade.

Este trabalho tem como objetivo investigar, através de uma pesquisa exploratória e bibliográfica, o problema do mal do Gnosticismo Contemporâneo, tomando como referência a obra de Samael Aun Weor, seu mais destacado expoente, considerando os elementos de sua obra, os documentos oficiais do Vaticano e a constituição da sociedade moderna, os quais tornam possível o diálogo do Gnosticismo com o Catolicismo, ao contrário do que ocorreu no conflito medieval com o Catarismo. O tema é desenvolvido a partir de uma apreciação do problema do mal na doutrina católica e da contextualização teológica do conflito entre Cátaros e Católicos, tomando como fundamento o Denzinger-Hunermann (compêndio dos símbolos e declarações de fé e moral da Igreja Católica), seguindo com a exposição dos fundamentos doutrinários lançados por Samael Aun Weor e a consequente definição do problema do mal para o Gnosticismo Contemporâneo, trazendo por fim nas considerações finais a análise dos elementos doutrinários e históricos que possibilitam o diálogo, nos tempos atuais, entre ambas as partes.

³⁸ Esta conexão histórica e tradicional entre o Catarismo e o Gnóstico Contemporâneo de Samael Aun Weor ainda é um tema pouco explorado na literatura especializada, muito embora alguns traços desta relação possam ser vislumbrados na ligação entre Arnold Krumm-Heller e os gnósticos franceses encabeçados por Jules-Stanislas Doinel.

O problema do mal na doutrina da Igreja Católica

O mal é um tema recorrente nos documentos da Igreja, pois quando se fala em Salvação é preciso ter claro do que é que se está sendo Salvo. Agostinho diz que “o mal é a ausência do bem”, máxima que se tornou parte da doutrina do Cristianismo e expõe que Deus é bom, tudo que faz é bom, e se o mal está presente na vida das pessoas, complementa Agostinho, é pelo livre arbítrio pervertido (Agostinho, 1995). A liberdade é de tal forma oferecida que a pessoa humana pode rejeitar o caminho proposto por Deus e até mesmo negá-Lo, o que em ambos os casos seria o pecado. No entanto, suas consequências são o esvaziamento do bem, porque Deus é o bem, ou esvaziamento do amor, porque Deus é amor. Este seria o mal na criação.

O mal não tem substância, mas sim ausência de, pois não foi criado por Deus, já que tudo que foi criado por Ele é bom. É certo que Deus permite o mal, porque o mal existe, mesmo não tendo substância, e se não o permitisse privaria as criaturas de liberdade, pois elas seriam obrigadas a optar pelo bem e seriam programados apenas pela vontade de Deus. A opção pelo mal, e pelo consequente estado de pecado, causa a dor e o sofrimento. No Novo Testamento, Jesus Cristo é a expressão máxima disso. Perseguido em toda sua peregrinação e testemunho do Reino de Deus, acaba vivendo sua Paixão. A morte na cruz para o católico é símbolo do pecado da humanidade, este ser sem Deus. A cruz lembra a concupiscência, o estado de pecado latente. No entanto a esperança de uma entrega total nas mãos de Deus tem como certo a promessa da Ressurreição, testemunhada pelos apóstolos por meio de Jesus Cristo, vencendo assim a todos os males.

A condenação ao Catarismo

Entre os séculos IV e XVIII, a Igreja Católica passou por uma quantidade infindável de conflitos que exigiram respostas claras e objetivas de seus pensadores, dando origem a conceitos teológicos cada vez mais rebuscados em torno das Sagradas Escrituras, pois se tratava de defender uma das instituições mais poderosas no Ocidente em toda Idade Média e no Renascimento, aquela privilegiada pelo direito de elaborar a palavra final em matéria de crença. A autoridade da Igreja para estabelecer o certo e errado era clara, pois a adesão dos reis europeus ao Catolicismo e a ignorância da maioria dos fiéis impedia a apresentação de argumentos contrários. Pequenos movimentos espirituais que surgiam precisavam enquadrar-se na doutrina dominante, e raramente tinham

independência para culto e profissão de fé, necessitando de alguma forma converterem-se em braços da Igreja e prestarem-lhe a satisfação de seus atos.

Durante os primeiros séculos do cristianismo alguns movimentos espirituais elaboraram suas doutrinas adaptando o conhecimento cristão à sua religiosidade. Outras iniciativas partiram de vivências religiosas próprias e, assim como os católicos, acolheram as Escrituras e fizeram a sua própria leitura sobre as mesmas. As doutrinas gnósticas de Maniqueus e Priscilianos, dos séculos III e IV, respectivamente, apresentaram-se como um grave problema teológico que envolvia a questão central sobre o mal (Denzinger, 2007[1854], 451-464), pois foram entendidos como se trouxessem para dentro do cristianismo a visão de dois deuses que estão em combate, um Deus bom e um Deus mal. Este último foi personificado por Satanás, entendido como opositor de Deus num nível de igualdade, à quem era atribuído a criação do mundo físico, considerado mau.

Na Tradição Católica considera-se um único Deus como sendo o criador de tudo, e Satanás seu opositor, mas tão somente uma criatura que foi feita boa como todas as outras e se perverteu, tal como acontece com a criatura humana. Séculos mais tarde, esta forma de pensar foi encontrada em novos movimentos, sendo um deles o Catarismo, que alcançou o seu auge nos séculos XII e XIII, compreendendo enormes territórios, riquezas e convertendo um grande número de pessoas, principalmente das classes mais pobres. Sua proposta teológica era o dualismo:

“nesse sentido, significa a crença de que a bondade existe somente no mundo espiritual do deus bom e que o mundo material é mau e foi criado por um deus mau ou espírito chamado Satã. O Bem e o Mal possuem dois criadores diferentes, e tal concepção está próxima das seitas gnósticas que também tinham as mesmas ideias e foram igualmente disseminadas no início da Idade Média, nos Bálcãs e no Oriente Próximo, pelas seitas dos paulicianos e bogomilos. Os cátaros relacionam-se com esses dois últimos”. (Falbel, 1975, p.30)

O Magistério da Igreja no Sínodo de Verona condenou os Cátaros com a seguinte declaração em novembro de 1184:

(...) condenamos em virtude da autoridade apostólica, cada heresia, sob qualquer nome que seja conhecida: em primeiro lugar, portanto, decretamos sujeitos a anátema perpétuo os cátaros (...) E como alguns, sob a aparência da piedade (...) reivindicam para si autoridade de pregar (...) nós ligamos com o mesmo vínculo de anátema perpétuo todos aqueles que, quer impedidos, quer não mandados, têm ousado pregar em

público ou em privado sem a autoridade recebida da Sé apostólica ou do Bispo do lugar (Denzinger, 2007 [1854], p. 760-761).

No IV Concílio de Latrão (30/11/1215) a Igreja explicitou a fé católica, deixando claro que eram definições para resolver a questão cátara. Na declaração o Magistério seguindo o que a Tradição apostólica já tinha expressado em outras ocasiões (Denzinger, 2007 [1854], p. 450-464; 800) define Deus e sua criação da seguinte forma: (...) um só é o verdadeiro Deus eterno e incomensurável, imutável, incompreensível, onipotente e inefável (...) criador de todas as coisas visíveis e invisíveis, espirituais e materiais, que com sua força onipotente desde o princípio do tempo criou do nada uma e outra criação: a espiritual e a material, isto é, a angelical e a mundana: e, depois a humana, de algum modo comum a ambas, constituída de alma e de corpo. Pois o Diabo e os outros demônios foram criados por Deus naturalmente bons, mas por si mesmos se transformaram em maus. Já o homem pecou por sugestão do Diabo.

Estas definições e a continuidade em Heinrich Denzinger (2007 [1854], p. 801-802) vêm de encontro ao ensinamento que o catarismo difundia, e como a instituição católica era a única autoridade numa Europa desprovida de liberdade religiosa, os cátaros ensinavam ao povo como se fossem autorizados pela Igreja, sendo portanto este o fundamento da condenação de 1184.

Estados laicos e pluralismo religioso

Ao longo do século XX, e ainda no início do XXI, contemplou-se o borbulhar de expressões filosóficas e religiosas, fenômeno conceituado como o retorno do Sagrado (Cavalcanti, 2000). Nos séculos anteriores, portando a bandeira do racionalismo, as revoluções liberais impulsionaram o esvaziamento religioso dos espaços públicos, e a Igreja Católica viu-se forçada a abrir mão de territórios e influência nas instâncias de governo, e assistiu os Estados Laicos se tornarem referência na modernidade. Ainda no século XIX, com a perda de prestígio da Igreja na Europa e a vitória das ideias libertárias, surgiram inúmeras iniciativas de natureza esotérica. Autores como Allan Kardec, Eliphas Levi e Helena Blavatsky apresentaram suas perspectivas espirituais em livros que algumas décadas antes estariam no codex e teriam impedida a sua publicação, mas que agora recheavam as livrarias e eram comentados nos círculos aristocráticos, nas assembleias de trabalhadores e nas mesas dos cafés.

A primeira metade do século XX, assistiu à consolidação de novos protagonistas da religiosidade esotérica, entre os quais a Sociedade Teosófica, a Ordem Hermética da

Aurora Dourada e a Ordem dos Templários do Oriente. Na transição para a segunda metade deste mesmo século, emergem deste cenário Samael Aun Weor e seu Movimento Gnóstico, apresentando uma proposta de universalismo, abandono de exclusivismos, dogmatismos e autoritarismos, além da adoção da convivência e do diálogo entre as religiões. Tais afirmações do universalismo e impessoalidade de sua doutrina são inúmeras, e encontram seu eco mais abrangente na seguinte declaração:

“Os Princípios Básicos da Grande Sabedoria Universal são sempre idênticos. Tanto Buda, como Hermes Trismegisto, Quetzalcóatl ou Jesus de Nazaré (...) entregaram uma Mensagem. Cada uma delas contém, em si mesmas, os Princípios Cósmicos de tipo completamente impessoal e universal. O Corpo de Doutrina que estamos entregando agora (...) contém os mesmos Princípios que ensinou Buda em segredo a seus discípulos, ou aqueles que o Grande Kabir entregou em segredo aos seus” (Weor, 2000 [1961-68], p. 2482).

Tais afirmações a respeito da natureza de sua doutrina sustentam outro de seus fundamentos, também encontrado repetidas vezes em sua obra³⁹, o qual declara o reconhecimento da legitimidade de todas as formas religiosas e o respeito às mesmas, e tem seu expoente na afirmação:

“(...) as Religiões são pérolas preciosas engastadas no fio de ouro da Divindade (...) devemos respeitar todas as Religiões, Escolas, Ordens, Crenças. Cada ser humano merece respeito, sua religião é algo muito sagrado.” (Weor, 2000 [1961-68], p. 6.)

Em paralelo, a Igreja Católica mobiliza todos os seus Bispos para o Concílio Vaticano II. Mesmo no seio de uma Igreja fechada para a modernidade, movimentos pré-conciliares traziam um espírito de diálogo sintonizado com o pós-guerra. A declaração *Nostra Aetate*, por fim, marca um posicionamento de clara aproximação com as demais religiões, principalmente as tradicionais:

Hoje (...) a Igreja considera mais atentamente qual a sua relação com as religiões não-cristãs. E (...) considera primeiramente tudo aquilo que os homens têm de comum e os leva à convivência. Com efeito, os homens constituem todos uma só comunidade; todos têm a mesma origem, pois foi Deus quem fez habitar em toda a terra o inteiro gênero humano (1); têm também todos um só fim último, Deus, que a todos estende a sua

³⁹ Cf. Samael Aun Weor, 1969, p. 28.

⁴⁰ Cf. Samael Aun Weor, 2000 [1960-68], p. 2.

⁴¹ Cf. Samael Aun Weor, 2000 [1960-68], p. 2.

providência, seus testemunhos de bondade e seus desígnios de salvação (2) até que os eleitos se reúnam na cidade santa, iluminada pela glória de Deus e onde todos os povos caminharão na sua luz (3). Os homens esperam das diversas religiões resposta para os enigmas da condição humana, os quais, hoje como ontem, profundamente preocupam seus corações (...)42

Este espírito de inter-religiosidade era sentido por todas as partes, e até mesmo Samael Aun Weor, expoente de uma corrente que em séculos passados seria alvo de repreensões definitivas, reconhece aos seus discípulos esta diferença:

“Estamos numa época em que, felizmente, pode-se falar de assuntos esotéricos publicamente (...) Não foi sempre assim. (...) as fogueiras da Inquisição, em pleno furor, foram terríveis (...) queimou-se viva muita gente por heresia; muitos gnósticos foram queimados vivos: Temos os albigenses, que foram assassinados também na fogueira, e distintas comunidades esotéricas (...)”. (Weor, 2000 [1961-68], p. 1579)

E em algum momento de seu trabalho, em torno de 1960, manifesta seu anelo de consolidar a inter-religiosidade quando envia ao Papa Pio XII uma chamada Epístola de Paz, bastante conhecida entre os continuadores de seu Movimento, e cujo conteúdo pode ser sintetizado no seguinte: “As cinco mil religiões que atualmente existem no mundo tornam impossível o predomínio de uma só religião. Os fatos provam que a verdade não pode ser monopolizada. (...) As lutas religiosas resultam agora extemporâneas, é preciso trocar o sistema de competição religiosa pelo sistema de cooperação humana” (cf. Samael Aun Weor, [s.d.]).

O problema do mal no gnosticismo contemporâneo

Samael Aun Weor, nascido Victor Manuel Gómez Rodríguez, em Santa Fé de Bogotá, Colômbia, em 6 de março de 1917, foi um escritor, conferencista e fundador do Movimento Gnóstico Cristão Universal. Batizado na Igreja Católica e educado em ambiente jesuíta, aos doze anos de idade abandonou sua religião de origem para se dedicar ao estudo de diversos tratados esotéricos, espíritas e espiritualistas e à experimentação de suas doutrinas (Weor, 1972, p. 4-9). Aos dezesseis anos de idade fez seu ingresso na Sociedade Teosófica, organização fundada por Helena Petrovna Blavatsky, onde se tornou conferencista precoce, e aos dezoito anos na Fraternitas

⁴² Declaração NOSTRA AETATE sobre a Igreja e as religiões não-cristãs. Acedido Janeiro 4, 2015, em http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_nostra-aetate_po.html

Rosicruciana Antiqua, ordem iniciática fundada pelo esoterista alemão Arnold Krumm-Heller, representante de inúmeras tradições esotéricas, ocultistas e rosacruzes europeias no continente americano.

Neste período, Samael Aun Weor estudou metodicamente toda a biblioteca rosacruz, incluindo as obras de nomes como Eliphas Levi, Rudolf Steiner, Franz Hartmann e Max Heindel (Weor, 1972, p. 9-11), ao mesmo tempo em que aprendeu, através da obra de Krumm-Heller, o chamado Grande Arcano (Weor, 1969, p. 38), que se tornaria um dos fatores centrais de toda a sua doutrina. Ao lado da ideia gnóstica do Cristo Cósmico, o Grande Arcano seria apresentado por Samael Aun Weor, alguns anos mais tarde, como a Síntese de todas as Religiões, o que faria o conjunto de seus ensinamentos ser conhecido como a Doutrina da Síntese (Weor, 2000 [1961-68], p. 4.).

Após testemunhar, a partir dos primeiros meses do ano de 1939, uma intensa disputa de poder no seio da Fraternitas Rosicruciana Antiqua de Colômbia, o jovem Samael Aun Weor decide abandonar as ordens às quais estava afiliado, rejeitando o excesso de teorias e os insultos autoritários, para dedicar-se ao desenvolvimento de seus poderes internos. Nesta busca pela aquisição de conhecimento direto, vive a década seguinte como um andarilho em terras colombianas, aprendendo a medicina tradicional indígena e cultivando a meditação, até que despertou diante do Altar da Iniciação, e deu-se conta de que deveria “escrever um livro que permitiria a cada ser humano encontrar a Iniciação em seu próprio lar”, e assim “abrir as santas portas da Igreja Gnóstica para toda a humanidade” (Weor, 1950a, p. 6-7). Em 1948 reuniu um pequeno grupo de estudantes (Kuichines, 1981, p. 8), e em 1950 publicou *El Matrimonio Perfecto*, o *la Puerta de Entrada a la Iniciación* (O Matrimônio Perfeito ou a Porta de Entrada para a Iniciação), onde expôs os fundamentos de sua doutrina ao afirmar que “a redenção do ser humano radica exclusivamente no ato sexual” (Weor, 1950a, p. 7)

Solidamente apoiado na ideia de que “a síntese de todas as religiões, escolas e crenças são o Cristo e a Magia Sexual” (Weor, 2000 [1961-68], p. 4.), escreveu ao longo das décadas seguintes dezenas de tratados destinados a explicar estes dois temas e evidenciar a sua universalidade, e o fez apresentando-os revestidos pelos elementos conceituais e mitológicos das mais variadas Religiões, como o Cristianismo, o Hinduísmo, o Budismo, o Taoísmo e o Gnosticismo, além dos grandes temas da Tradição Esotérica como a Alquimia, a Magia, a Astrologia, o Tarô e a Teurgia, e das doutrinas esotéricas, como as de Eliphas Levi, Helena Blavatsky, Franz Hartmann, Charles Leadbeater, Swami Sivananda, Max Heindel, Arnold Krumm-Heller, Jorge

Adoum, G. I. Gurdjieff, Charles Waldemar, entre outros. Portanto, seu trabalho não consistiu na elaboração de uma nova doutrina rígida e inflexível, nem num esforço de correção ou explicação conceitual das correntes e doutrinas existentes, mas na transmissão clara, objetiva, acessível e simples do que considera ser a doutrina cósmica e universal que as deu origem e que pode ser apreendida diretamente por qualquer pessoa mediante a gnosis, ou o conhecimento revelado. Segundo suas próprias palavras: “(...) minha doutrina se baseia no conhecimento revelado que toda pessoa pode obter de seu Mestre interior (...). Este conhecimento divino (...) não é de minha exclusiva propriedade, e cada um pode adquiri-la por conta própria e sem necessidade de minha intervenção pessoal, porque ela é cósmica e universal (...)” (Weor, 1950b, p. 62)

Ou ainda:

“Certamente ainda não sei quantas obras terei de escrever. A informação eu a obtenho dos Mundos Superiores de Consciência Cósmica. (...) Recebo a informação, obtenho-a trago-a ao mundo físico. A parte verdadeiramente árdua e difícil para mim, consiste em ter logo que adaptar ao ambiente cultural em que nos movemos toda a informação trazida dos Mundos Superiores. Obviamente é necessário documentar-me (...) coordenar o aspecto espiritual com as questões meramente retóricas, gramaticais, filosóficas, etc.” (Weor, 2000 [1961-68], p. 2720).

Em seus últimos anos de vida, Samael Aun Weor elabora uma concepção mais madura dos termos gnosis e gnosticismo (Weor, 1974, p. 28-32), dando ao primeiro transcendência e ao segundo universalismo, num esforço para mesclar os elementos conceituais provenientes da recente produção acadêmica sobre a matéria⁴³, e a sua visão esotérica do fenômeno. Como exemplo, rejeita o que considera ser um “erro simplista de fazer surgir as correntes gnósticas de alguma exclusiva latitude espiritual”, e advoga o reconhecimento dos princípios gnósticos nos chamados “sublimes cultos religiosos” presentes em todo o continente americano, assim como já havia confirmado sua percepção sobre a natureza gnóstica dos sistemas religiosos e filosóficos do Ocidente e do Oriente. Além disso, propõe o Gnosticismo como: “(...) um processo religioso muito íntimo, natural e profundo (...) desenvolvendo-se de instante em instante com vivências místicas muito particulares, com doutrina (...) que fundamentalmente adota a forma mítica e, às vezes, mitológica.” (Weor, 1974, p. 28-32)

⁴³ Cf. Bianchi, Ugo. *Colloque international sur les origines du gnosticisme* (Messine, avril 1966). Numen 13.

Desta forma o autor afirma que as doutrinas gnósticas de todos os tempos consistem em alegorias de processos anímicos e psicológicos, apresentando em mitos o caminho de salvação da alma. Ao contrário da interpretação dogmática com que a teologia católica refutou os preceitos gnósticos, sua interpretação dos mesmos é esotérica, feita à luz da gnosis, ou conhecimento revelado. Sendo assim, quando o Gnosticismo apresenta um Deus mal como sendo o criador do mundo material onde as almas são aprisionadas, Samael Aun Weor sugere tratar-se de uma alegoria que descreve a inclinação da alma em direção ao egoísmo, que é “a origem real das amarguras” (Weor, 1974, p. 32), normalmente qualificadas pelo amargurado como sendo o próprio mal. Quando a alma, que está além do bem e do mal, afasta-se do Espírito e esquece-se que este é sua real identidade, tende ao egoísmo que a condiciona, e “processa-se dolorosamente no tempo em função de seu próprio condicionamento”(Weor, 1974, p. 32). Para salvar-se necessita eliminar de si o ego, realizar a plena identificação entre aquele que salva e aquele que é salvo, e assim escapar valentemente do Império do Demiurgo.

Considerações finais

Em resumo, a resposta ao problema do mal no Gnosticismo Contemporâneo está na inclinação da alma para o egoísmo, pois o ego é a fonte de toda amargura, dor e sofrimento. Muito embora o mal, na visão do Gnosticismo de todas as épocas, ser entendido como a ausência do bem, este pode sim ser entendido como a consequência do afastamento da alma do Deus Supremo, algumas vezes chamado de Supremo Bem, mas que em realidade, segundo os mais diferentes sistemas gnósticos, incluindo o contemporâneo de Samael Aun Weor, está mais além do bem e do mal. Em contraste com o mundo espiritual, onde eles não existem, neste mundo material o bem e o mal são somente conceitos que a alma aplica de forma subjetiva e relativa aos fenômenos experimentados, os quais serão transcendidos quando esta mesma alma alcançar a autognosis e reintegrar-se ao seu lugar de origem. Esta é, em síntese, a doutrina que Samael Aun Weor ensina ao longo de suas obras, oferecendo os mais diversos recursos didáticos para que a alma organize a desordem em que se encontra e possa, finalmente, retornar para casa.

Esta é uma compreensão nada fácil de ser apreendida, haja vista a dificuldade com que os estudiosos de todas épocas se depararam a estudar as variantes do Gnosticismo, e uma vez considerada a extensão da obra de Samael Aun Weor, tanto a sua parte escrita como a transcrita. No entanto, se esta extensão existe ela se deve à consolidação dos

estados laicos que favoreceram a emergência e a expressão, cada vez mais livre, das mais variadas perspectivas religiosas, com seus ritos, doutrinas e cultos. Também colaboraram para este pluralismo as duas partes cujos elementos foram aqui sujeitos à breve apreciação.

Enquanto o gnóstico Samael Aun Weor reconhecia a liberdade para falar sobre assuntos esotéricos e propunha formalmente aos líderes religiosos uma nova política de cooperação e de abandono da perseguição religiosa, acontecia o Concílio Vaticano II, onde, em seus documentos, a Igreja Católica se posiciona a favor da liberdade religiosa e do diálogo inter-religioso. Diferente da realidade histórica da idade média, na idade moderna os conflitos do Catolicismo com relação a outras expressões religiosas diminuíram, também pela possibilidade destas poderem afirmar suas identidades fora do âmbito da Igreja. Hoje, entende-se que cada expressão religiosa traz uma resposta a este problema que é aqui colocado para o diálogo, e se a divergência teológica em torno do problema do mal foi ponto central na condenação aos Cátaros, a atual possibilidade de expressar a fé com liberdade permite hoje que expressões religiosas como o Gnosticismo contemporâneo possa se difundir e dar sua resposta sobre as questões essenciais, como é o caso do problema do mal.

REFERÊNCIAS

- Agostinho (1995). *O Livre arbítrio* (2.^a ed.). São Paulo: Paulus.
- Cavalcanti, Raïssa (2000). *O retorno do sagrado: a reconciliação entre ciência e espiritualidade*. São Paulo: Cultrix.
- Denzinger, Heinrich (2007). *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Paulinas - Loyola.
- Faivre, Antoine (2000). *Theosophy, Imagination, Tradition: Studies in Western Esotericism*. Albany, NY: State University of New York Press.
- Falbel, Nachman (1975). *Heresias medievais*. São Paulo: Perspectiva.
- Garro, Horus Gómez (1988). *El Proceso de Samael Aun Weor* (2.^a ed.). [s.l.]: [s.n.].
- Hanegraaf, Wouter J. (1998). *The New Age Movement and the Esoteric Tradition*. In, Wouter J. Hanegraaf & R. Van Den Broek (Eds.), *Gnosis and Hermeticism from Antiquity to Modern Times*. Albany, NY: Suny Press.
- Krumm-Heller, Arnold (1939). *La Iglesia Gnostica de Dr. Krumm-Heller, M.S.T., (Huiracocha)* (4.^a ed.). Buenos Aires: Nicolas B. Kier.
- Kuichines, Gargha (1950). *Prologo*. In, Samael Aun Weor, *El Matrimonio Perfecto o la Puerta de Entrada a la Iniciación* (2.^a ed.). Colômbia: [s.n.].
- Kuichines, Gargha (1981). *Conocimientos, Anécdotas e Historia de la Gnosis en la Era de Acuario* (1.^a ed.). Colômbia: [s.n.].
- Weor, Samael Aun (2000 [1961-68]). *El Matrimonio Perfecto* (4.^a ed. ampliada e revista). Colômbia: [s.n.].
- Weor, Samael Aun (1950a). *El Matrimonio Perfecto o la Puerta de Entrada a la Iniciación* (2.^a ed.). Colômbia: [s.n.].
- Weor, Samael Aun (1950b). *La Revolución de Bel* (Ciénaga, Magdalena). Colômbia: [s.n.].
- Weor, Samael Aun (1953). *Las Siete Palabras* (Ciénaga, Magdalena). Colômbia: [s.n.].
- Weor, Samael Aun (1969). *El Mensaje de Acuario* (Bogotá) (2.^a ed.). Colômbia: [s.n.].
- Weor, Samael Aun (1972). *Las Tres Montañas* (Bogotá, Cundinamarca). Colômbia: [s.n.].
- Weor, Samael Aun (1974). *La Doctrina Secreta de Anahuac*. [s.l.]: [s.n.].

EURÍNOME: A RECRIAÇÃO DE UM PERSONAGEM MITOLÓGICO PELO NEOPAGANISMO E PELO MOVIMENTO DA DEUSA

Fábio L. Stern⁴⁴ (PUC – SP)

Resumo

Esse artigo objetivou investigar os caminhos pelos quais o mito moderno da deusa grega Eurínome apareceu no Neopaganismo; onde ela assumiu o papel de deusa criadora. Para tanto, uma revisão de literatura foi feita tanto em textos neopagãos quanto em passagens sobre a deusa em textos históricos da mitologia grega, comparando-os e traçando suas possíveis confluências. Nos clássicos, notou-se que Eurínome é descrita como um personagem irrelevante, uma oceânide que foi expulsa do monte Olimpo por Crono. Na reinterpretação neopagã, ela se tornou a deusa grega suprema com atributos celestiais e aéreos, espontaneamente deixando o monte Olimpo para Crono governar. É notado que a construção desse último mito aconteceu graças à necessidade de preenchimento de um papel específico, estando de acordo com o paradigma estruturalista que influenciou os autores do surgimento da wicca.

Palavras-chaves: Eurínome, Movimento da Deusa, Neopaganismo, Wicca, Mitologia grega

Abstract

This article aims to investigate the paths by which the modern myth of the Greek goddess Eurynome appeared in Neopaganism; where she assumed the role of creator goddess. To this end, a literature review was done both in Neopagan texts and in the passages about this goddess in the historical texts of the Greek mythology, comparing them and tracing their possible confluences. In the classical, it was noticed that Eurynome is described as an irrelevant character, an oceanid who was expelled from Mount Olympus by Cronus. In the Neopagan reinterpretation, she became the supreme Greek goddess with heavenly and aerial attributes spontaneously leaving the Mount Olympus for Cronus rule. It was noted that the construction of the latter myth took place through the necessity to fill a specific role, being in accordance with the structuralist paradigm that influenced the authors of the emergence of Wicca.

Keywords: Eurynome, Goddess movement, Neopaganism, Wicca, Greek mythology

⁴⁴ Mestrando em Ciências da Religião (PUC-SP), membro do Núcleo de Estudos de Novas Espiritualidades (NEO) da PUC-SP, bolsista CNPq, caoihim@gmail.com

Introdução

Desde meu curso de especialização em Ciência da Religião frequentei grupos de wicca e outras vertentes neopagãs no Brasil. Dentre as divindades que eles cultuam, chamou-me a atenção Eurínome, referida pelos neopagãos como estando acima de Zeus no panteão grego. O mito que contavam dizia que Eurínome foi a criadora do universo, e que desgostosa pela ascensão do patriarcado, afastou-se para governar à distância, das estrelas, deixando espaço para que Crono assumisse o trono do Olimpo.

Conforme meus estudos acadêmicos avançaram, desejei pesquisar a história dessa deusa tão pouco conhecida. Comecei a buscar mais informações sobre o culto à Eurínome em artigos científicos e textos gregos clássicos. Durante meu levantamento, a carência de estudos com caráter científico dificultou saber a posição dos estudiosos. As poucas produções que encontrei possuíam um forte viés feminista que talvez não condiga com a realidade da antiguidade. São obras que recorrem pouco aos clássicos, citando os textos neopagãos como fontes principais. Não só isso, notei também que nos clássicos as passagens sobre Eurínome eram raras, e que quando ocorriam se resumiam a poucas linhas.

Conhecendo a tendência do neopaganismo em recriar mitos antigos, atribuindo novos sentidos aos deuses frente às necessidades contemporâneas, passei a desconfiar que o mito de Eurínome que me fora apresentado poderia ter sido uma invenção moderna.

Sendo assim, esse estudo objetivou investigar os caminhos pelos quais o mito moderno de Eurínome emergiu no neopaganismo, assumindo a função de deusa criadora do universo. Para tanto, recorreu-se a um levantamento bibliográfico tanto de textos do neopaganismo quanto às passagens sobre a deusa nos textos históricos da mitologia grega, comparando-os e traçando possíveis confluências.

A Eurínome dos Clássicos

É possível identificar duas narrativas bem distintas figurando uma personagem chamada Eurínome nos textos clássicos. A primeira variação, mais conhecida por ser sustentada por autores como Homero e Hesíodo, diz que Eurínome é uma titânide, uma das mais velhas oceânides, filha de Oceano e Tétis. Com Zeus, essa Eurínome deu à luz as Cárites. A segunda variação diz que Eurínome é consorte de Ofíão, o primeiro titã quem governou o monte Olimpo. Essa versão é a que inspirou o mito neopagão.

É impossível sabermos se a existência dessas duas versões é um reflexo de que houve duas deusas distintas chamadas Eurínome. No dicionário mítico-etimológico de

Brandão (2008), os dois mitos são tratados como pertencentes a uma única personagem. Porém Brandão descreve outra figura que também era chamada de Eurínome: uma entidade masculina, saprófaga e monstruosa, que nada tem a ver com a(s) Eurínome(s) feminina(s). Por isso, se a oceânide e a consorte de Ofíão são a mesma deidade, tratá-las-ei como entidades distintas, focando-me na última. Contudo, reconheço a possibilidade de que os mitos se refiram apenas a períodos ou regionalismos diferentes do culto a uma mesma deusa.

A Eurínome consorte de Ofíão é citada nominalmente em três clássicos: na *Argonáutica* de Apolônio (Rhodius, 1910)⁴⁵, na *Dionisíaca* de Nonnus (1940)⁴⁶, e na *Biblioteca* de Pseudo-Apolodoro (Apollodorus, 2010)⁴⁷, sendo as duas últimas bem posteriores ao período helenístico. De qualquer forma, as menções nos três textos são ínfimas. A única coisa possível de se concluir com eles é que Ofíão foi o primeiro governante do monte Olimpo, pouco após a criação do mundo. Como sua esposa, Eurínome era a rainha consorte. Mas ambos foram destronados por Crono⁴⁸, quem os lançou ao oceano. Não há detalhes maiores sobre o casal⁴⁹, nem sobre seu reinado e posterior expulsão do Olimpo.

Uma quarta obra, a poesia *Alexandra* atribuída a Licófrão (Lycophron, 1921)⁵⁰, diz que Zeus ocupa hoje o trono que era de Ofíão, e que a ex-rainha foi deposta por sua mãe. Anterior às obras supracitadas, a *Alexandra* não explicita nem o nome da mãe de Zeus, nem quem é a ex-rainha, mas pelo contexto se especula que seja Eurínome, destronada por Reia, tida usualmente como a mãe de Zeus e esposa de Crono.

Também quase não há registros sobre um culto antigo à Eurínome. A referência conhecida vem de Pausânias (1824)⁵¹, quem comenta que na confluência dos rios Límax e Neda, em Arcádia, havia um templo erigido em sua homenagem. Ali, Eurínome era honrada uma vez ao ano como a deusa dos charcos e pastagens.

Pausânias (1824)⁵² diz que Eurínome era entendida como um epíteto de Ártemis pelos figalios. Contudo, a iconografia descrita por eles (uma figura feminina, mulher da cintura para cima e peixe da cintura para baixo, contida por correntes douradas) em

⁴⁵ Original do século III AEC.

⁴⁶ Original do século V EC.

⁴⁷ Original do século II EC.

⁴⁸ Na *Argonáutica* (RHODIUS, 1910), Ofíão foi destronado por Crono e Eurínome por Reia.

⁴⁹ A *Argonáutica* contém uma informação não encontrada nas outras obras, descrevendo a esposa de Ofíão como “filha de Oceano” (RHODIUS, 1910, p. 37), tal qual a Eurínome da outra variação mítica.

⁵⁰ Original do século III AEC.

⁵¹ Original do século II EC.

⁵² Original do século II EC.

nada se assemelhava à iconografia artemisiana dominante da época. Além disso, Pausânias admitiu que não entrou no templo quando esteve na região, pois ele só era aberto uma vez ao ano (a data não é revelada), e abri-lo fora das festividades era uma transgressão.

Um último dado histórico possível de se extrair de Eurínome vem de seu nome. Segundo Brandão (2008, p. 410), “Eurínome é um composto de εὐρύς (eurýs), ‘amplo, extenso’ e de νόμος (nómos), ‘lei’, do verbo νέμειν (némein), ‘dirigir, administrar’, donde ‘a que administrava um grande domínio’”. Essa mesma etimologia, que parece ir ao encontro do culto descrito por Pausânias (pastagens e várzeas são regiões amplas), foi usada pelo neopaganismo como um indício de que Eurínome seria a deusa suprema da Grécia.

O Contexto para a Emergência de Eurínome como Criadora do Mundo

Segundo Hanegraaff (1996), o movimento neopagão derivou da wicca, religião criada na Inglaterra por volta de 1940. Acreditando em magia e sua eficácia no cotidiano, seus aderentes declaram que o que o catolicismo condenou como bruxaria é, na verdade, uma visão religiosa de mundo profunda e mais antiga que precisa ser restabelecida no mundo moderno. Dessa forma, buscam revitalizar práticas religiosas pré-cristãs. Porém a wicca dependeu de movimentos intelectuais e sociais muito específicos para seu surgimento.

Após o Iluminismo na Europa, o que dizia respeito ao domínio da fé foi considerado superstição. O rico universo simbólico religioso foi relegado às sombras pelo materialismo científico, que assumiu o papel social de legitimador da verdade outrora ocupado pela igreja. Conforme descreveram Russell e Alexander (2008, p. 151), “na Idade Média, os diabos eram uma realidade que todos aceitavam sem questionar. Agora, as sombras haviam sumido; a luz do dia era comum e tornava tudo certo e claro. E os românticos olharam para trás nostalgicamente”.

As raízes mais antigas do neopaganismo brotam dessa insatisfação. A crença na bruxaria como uma religião pré-cristã, que resistiu à perseguição medieval e ressurgiu na modernidade, foi fruto de uma série de reinterpretações do que houve na Inquisição, algumas admitidamente forjadas e muitas sem sustentação histórica. Russell e Alexander (2008) citam algumas que foram marcos à construção desse pensamento:

“Em 1820, o escritor francês Lamothe-Langon, que também forjou uma suposta coletânea de memórias particulares de Luís XVIII, publicou vários documentos referentes à bruxaria no século XIV, que ele afirmava ter transcrito de registros da

Inquisição que ulteriormente haviam sido destruídos. O efeito da falsificação foi estabelecer o que parece ser algo como um culto organizado de bruxas já no século XIV, e assim conferir mais crédito à ideia de que a bruxaria poderia ter sido uma antiga religião que subsistiu durante a Idade Média. [...] Em 1830, Sir Walter Scott publicou suas *Letters on Demonology and Witchcraft*, as quais, em virtude da popularidade e prestígio de Scott, tiveram grande efeito no reaparecimento do interesse pela bruxaria. [...] Em 1839, Franz-Josef Mone alegou ter a bruxaria derivado de um culto clandestino pré-cristão do mundo greco-romano, um culto relacionado com Dioniso e Hécate e praticado pelas camadas mais baixas da sociedade. [...] Em 1862, Jules Michelet aproveitou o argumento de Mone e deu-lhe sustentação teórica. A bruxaria originou-se nos estratos sociais inferiores, sustentou Michelet [...] seu argumento de que a bruxaria se baseou no culto da fertilidade foi adotado pelos antropólogos do começo do século XX, influenciando obras como *O ramo de ouro*, de Sir James George Frazer, *From ritual to romance*, de Jessie Weston, *O culto das bruxas na Europa Ocidental*, de Margaret Murray, e, indiretamente, *The waste land*, de T. S. Eliot” (Russell & Alexander, 2008, p. 139-140).

O crescente interesse pelas bruxas no Romantismo despertou também o interesse pela mulher, refletido pela busca por um matriarcado que academicamente nunca foi confirmado⁵³, e que possuía forte influência marxista. Um exemplo pode ser observado em Bachofen (1999)⁵⁴, quem escreveu no fim do século XIX sobre uma sociedade matriarcal anterior à sociedade atual e pautada na igualdade, liberdade e hospitalidade, livre de discórdias ou restrições de classes sociais. Embora seu pensamento estivesse em sintonia com o espírito da época, nunca houve qualquer sociedade que, de fato, vivesse sem discórdias ou restrições.

Então, no início do século XX, o estruturalismo, uma corrente oriunda da linguística, tornou-se o paradigma teórico dominante nas ciências humanas até 1960, quando começou a declinar frente às críticas do pós-modernismo (Perrone-Moisés, 2005). O estruturalismo presume que qualquer fenômeno humano não é inteligível a não ser por suas relações. Essas relações derivam de estruturas primordiais. A busca por essas estruturas levou as humanidades a uma série de essencialismos. Na Antropologia,

⁵³ Apesar disso, Adler (2006) foi muito precisa ao ressaltar a irrelevância da existência real de um matriarcado histórico para a prática do neopaganismo. Quando um wiccano lê sobre um antigo colégio de sacerdotisas na academia de Safo em Lesbos, quer ele tenha existido ou não, ocorre um evento significativo e possivelmente transformador, organizador de sua visão de mundo.

⁵⁴ Original de 1861.

observou-se a criação do conceito de cultura universal para se referir a elementos que seriam comuns a todos os povos desde o Paleolítico Superior. Na Arqueologia, notaram-se buscas por traços de uma suposta sociedade primeva da qual todas as outras derivaram. Nos estudos da religião, a demanda pela estrutura primordial das funções religiosas e dos mitos aparece em obras de autores que, inclusive, influenciaram a wicca diretamente (e.g. Campbell e Frazer). Foi graças a essa corrente que apareceram noções de que a religião europeia original teria sido o culto à Grande Deusa, ou que toda lenda de herói deriva de uma mesma estrutura.

Foi em conformidade com esse cenário que duas obras fundamentais ao surgimento da wicca foram publicadas. Em 1899, o ocultista Charles Leland lançou o livro *Aradia*⁵⁵, supostamente fruto de manuscritos que ele recebeu de Madalena, uma mulher quem alegou fazer parte de uma tradição toscana de bruxaria familiar que descendia dos etruscos. Segundo esse material – que só Leland teve acesso e declarou ser autêntico –, esse grupo cultuava Diana, Lúcifer e uma messias chamada Arádia, a filha de Diana enviada à Terra para ensinar bruxaria aos pobres para que pudessem lutar contra a opressão da igreja medieval (Leland, 2000)⁵⁶.

A segunda obra, *The witch-cult in Western Europe*⁵⁷, foi publicada em 1921 por Margaret Murray. Influenciada pelo *The Golden Bough*⁵⁸ de Frazer (1984), Murray declarou que o que foi considerado bruxaria na Idade Média era, na verdade, um culto pagão real de adoração a Jano, um deus chifrudo que morre e volta à vida periodicamente, simbolizando as estações. Segundo a autora, os membros dessa religião se reuniam secretamente toda semana em grupos de treze pessoas, sendo um deles o sacerdote e os outros pessoas da comunidade (Murray, 2003)⁵⁹.

Quando Gardner fundou oficialmente a wicca, boa parte de seus ritos foram retirados *ipsis litteris* desses dois livros. Notam-se também influências de Aleister Crowley, do hermetismo, do rosacruzianismo, da maçonaria e do espiritualismo; todos grupos que Gardner fez parte (Pearson, 2005; Russell; Alexander, 2008). Essa nova bruxaria consistia no culto a um deus chifrudo da natureza e à sua contraparte feminina: o Deus e a Deusa. Gardner nomeou os oito festivais principais de sabás⁶⁰ e os festivais menores

⁵⁵ Traduzido no Brasil como *Arádia: o evangelho das bruxas* em 2000 pela editora Madras.

⁵⁶ Original de 1899.

⁵⁷ Traduzido no Brasil como *O culto das bruxas na Europa Ocidental* em 2003 pela editora Madras.

⁵⁸ Traduzido no Brasil como *O ramo de ouro* em 1978 pela editora Círculo do Livro.

⁵⁹ Original de 1921.

⁶⁰ Em inglês, “sabbats”.

de esbás⁶¹; termos retirados do livro de Murray. Graças à sua busca por visibilidade midiática, a wicca se difundiu rapidamente pela Inglaterra e Alemanha, e em menos de dez anos já possuía duas vertentes: a original, de Gardner, e a wicca alexandrina, criada por Alex Sanders (Pearson, 2005; Adler, 2006; Russell; Alexander, 2008).

De acordo com Russell e Alexander (2008), em 1962 a nova religião chegou aos Estados Unidos, fomentando a partir de lá uma miríade de vertentes. Determinou-se, desde então, uma característica central ao neopaganismo: a tendência de originar novos movimentos religioso, cujos alguns não mais se reconhecem como wicca; conforme se pode observar na obra de Adler (2006). Desses diversos novos movimentos religiosos, uma tendência foi importante para a ressignificação de Eurínome: o movimento da Deusa.

O movimento da Deusa emergiu nos anos 1970, fruto especialmente do trabalho das ativistas feministas neopagãs Starhawk e Z. Budapest (PEARSON, 2005). Porém outras personalidades citadas por Adler (2006) também contribuíram ao seu surgimento, como Morning Glory Zell, Mary Daly e Morgan McFarland. Consistindo no culto matrifocal à Deusa (ou às deusas) em resposta ao que entendem como um viés social de gênero percebido nas religiões dominantes, suas adeptas veem no patriarcado – termo pelo qual se referem ao cristianismo institucionalizado – um inimigo a ser combatido (Hanegraaff, 1996).

Segundo o relato de Adler (2006), Budapest percebeu em 1970 que poderia unir seu ativismo à sua espiritualidade neopagã, fundando o primeiro ramo de bruxaria moderna feminista: a wicca diânica. Posteriormente, Budapest lançou o livro *The feminist book of light and shadows*, que recebeu em 1986 uma reedição ampliada sob o título *The holy book of women's mysteries*. De acordo com Pearson (2005, p. 9730, tradução minha) “o livro era uma reformulação da já disponível wicca gardneriana, que excluía todas as menções aos homens e deidades masculinas e incluía seus próprios rituais, feitiços e conhecimentos”.

Com Starhawk, o movimento da Deusa se consolidou. Após uma tentativa frustrada de se projetar como escritora de ficção em Nova Iorque, ela se mudou para São Francisco, onde foi iniciada por Budapest. Em 1977, terminou de escrever o livro *The spiral dance*⁶² (Starhawk, 2003), que se tornou o maior best-seller neopagão do mundo. A obra, que mistura ideais ecofeministas aos ensinamentos recebidos por Budapest,

⁶¹ Em inglês, “esbats”.

⁶² Traduzido no Brasil como *A dança cósmica das feiticeiras* em 2003 pela editora Gaia.

propagou pelo globo a noção de um neopaganismo mais focado no culto à Deusa que ao Deus.

A Eurínome dos Neopagãos

Em 1948, Robert Graves publicou o livro *The White Goddess*⁶³, um ensaio sobre as origens da poesia no qual fez uma leitura bastante criativa das mitologias europeias. Em conformidade com o modelo estruturalista, propôs a existência da Deusa Branca, uma deidade primordial regente do nascimento, do amor e da morte que teria originado todas as deusas europeias. Foi nessa obra que Eurínome recebeu a principal ressignificação que daria o tom de seu culto no neopaganismo. Graves viu nela uma face de sua Deusa Branca, declarando que Eurínome era uma divindade lunar, a protagonista de um mito de criação pelasgo perdido no tempo.

Segundo a recriação de Graves, no início dos tempos Eurínome se ergueu nua do caos, separando o mar do céu. Dançando sobre as ondas, esfregou o vento entre as mãos, transformando-o na serpente Ofíão. Sua dança excitou-o, e ele se enrolou em suas pernas, engravidando-a. Então, Eurínome se transformou em uma pomba e botou um ovo, que Ofíão chocou. Quando esse ovo se rachou, de dentro dele surgiu toda a existência, e o casal fez sua morada sobre o topo do Olimpo. Mas Ofíão reivindicou a autoria do universo para si, irritando Eurínome, quem lhe esmagou a cabeça e o banuiu às cavernas escuras da terra (Graves, 1952; 2008).

Em um livro posterior, Graves (2008) admitiu que esse mito foi uma restauração/dedução sua, que usara a Argonáutica de Apolônio (Rhodius, 1910)⁶⁴ como inspiração principal. Mas como Apolônio não retratou em momento algum Eurínome com tamanha riqueza de detalhes, Graves declarou, então, que o pedaço faltante do mito...

[...] se encontra implícito nos Mistérios Órficos, podendo ser restaurado, como acima, a partir do Fragmento berossiano e das cosmogonias fenícias citadas por Philo Byblius e Damascius; a partir de elementos cananeus da história hebraica da Criação [a criação bíblica]; a partir de Higino [...]; a partir da lenda beócia dos dentes do dragão [...]; e a partir da arte ritual primitiva (Graves, 2008, p. 31).

Nos anos 1980, reinterpretando os mitos dos Pentateuco, Beltz (1983) descreveu brevemente que Javé continha em si os atributos dos principais deuses olímpicos: Zeus,

⁶³ Traduzido no Brasil como *A Deusa Branca* em 2003 pela editora Bertrand.

⁶⁴ Original do século III AEC.

Posíção e Hades; senhores do céu, do mar e do submundo respectivamente. Indo ao encontro da proposta de que Eurínome foi a governante original do Olimpo, Beltz assumiu que essa trílice era originalmente formada por três mulheres: Eurínome, Euríbia e Eurídice. O teólogo alemão não referenciou de onde retirou essa informação, que não aparece na obra de Graves, porém a mesma viria a ser citada posteriormente por Walker (2002)⁶⁵ no livro *The woman's dictionary of symbols and sacred objects*⁶⁶, relacionando a trílice Eurínome-Euríbia-Eurídice às Hespérides, deusas que trazem a luz da tarde ao passearem pelo céu vespertino.

A partir desse ponto Eurínome foi perdendo suas características marítimas originais, assumindo uma simbologia cada vez mais aérea. A iconografia da Eurínome contemporânea é um exemplo disso. Criada em 1992 por Hrana Janto para ilustrar o *Llewellyn's Goddess Calendar*, a primeira pintura mundialmente famosa de Eurínome a retrata como uma mulher jovem e magra, pele branca e cabelos castanhos escuros. Alada, dança extaticamente sobre as nuvens com o vento, que ao seu toque assume a forma da serpente Ofíão. Janto a vestiu com uma túnica curta, aproximando-a da iconografia clássica de Ártemis.

De fato, a primeira vez que Janto pintou Eurínome, ela não a fez como uma deusa alada. Em 1981, enquanto Janto era ainda uma estudante na Cooper Union for the Advancement of Science and Art em Nova Iorque, ela ilustrou o mito de Graves em uma pequena imagem em formato de mural, representando Eurínome como uma mulher nua dançando sobre o mar. Em 1992, quando Janto foi convidada para ilustrar o *Llewellyn's Goddess Calendar*, ela colocou asas nessa nova imagem da deusa por causa da passagem na qual Eurínome se transforma em uma pomba. Posteriormente essa mesma imagem seria relançada em *O oráculo da Deusa*.

O oráculo da Deusa foi responsável por criar e divulgar boa parte do simbolismo de Eurínome no neopaganismo. Sua associação ao êxtase, feita por Marashinsky (1997), viria a aparecer nas publicações neopagãs do Brasil nos anos posteriores, servindo de norte às suas sacerdotisas no país. Deve-se pontuar também que nem Marashinsky nem Janto reproduziram as características lunares que Graves ressaltou originalmente em A Deusa Branca. Como resultado, os neopagãos atuais tendem também a não reconhecê-la em Eurínome.

⁶⁵ Original de 1988.

⁶⁶ Traduzido em Portugal como *Dicionário dos símbolos e objectos sagrados da mulher* em 2002 pela editora Planeta.

Em 1996, também influenciada pela relação que Graves traçou entre a pomba e os ritos de fertilidade do festival babilônico da primavera, Faur elaborou seu Diário da Grande Mãe, uma publicação local onde deduziu que o dia 21 de março – o equinócio da primavera no Hemisfério Norte e o ano novo astrológico – seria o dia sagrado de Eurínome e Ofíão (Faur, 1996). Esse diário acabaria posteriormente se transformado no livro O anuário da Grande Mãe (Faur, 2001), lançado e distribuído pela maior editora esotérica do Brasil. Graças à popularidade da editora, a obra atingiu os neopagãos brasileiros e a data se espalhou.

Em meados de 1990, o então umbandista brasileiro Claudiney Prieto foi iniciado na wicca feminista McFarland. Convertido, criou a tradição diânica do Brasil em 2001, e escreveu o livro Todas as deusas do mundo, onde apresentou 58 das 70 deusas principais de sua tradição. Dentre elas estava Eurínome, descrita no livro como “cultuada entre os gregos como uma deusa criadora antes da ascensão dos deuses olímpicos” (Prieto, 2003, p. 130).

Essa obra bebeu de todas as fontes supracitadas. Enquanto O oráculo da deusa descrevia Eurínome como a deusa do êxtase, a wicca de Prieto passou a vê-la como a deusa do orgasmo. A iconografia de Janto fez com Eurínome fosse considerada por Prieto uma deusa do elemento Ar, indo contra as obras clássicas que a descreviam como oceânide. Em seu livro ele reinterpretou também a estátua descrita por Pausânias, substituindo sua metade peixe por um rabo de cobra e declarando que “nesta forma, Eurínome do mar era considerada a mãe de todos os prazeres” (Prieto, 2003, p. 129). O fim do mito de Graves, que narra Eurínome banindo Ofíão às cavernas escuras, foi também modificado por Prieto, que conta em sua obra que o banimento foi ao Tártaro.

Em 2005, Prieto fundou uma segunda vertente de wicca que batizou de dianismo nemorensis. No primeiro rito de iniciação dessa nova tradição, uma das quatro primeiras sacerdotisas tornou-se filha de Eurínome. Depois de iniciada, ela chegou a dedicar pelo menos mais uma mulher à Eurínome. De lá para cá, pude entrar em contato com mais de um sacerdote e duas sacerdotisas de Eurínome no Brasil. Todos aceitavam a data de O anuário da Grande Mãe como o dia sagrado oficial de sua deusa madrinha.

As representações posteriores de Eurínome foram, em sua maioria, derivadas da criação de Janto. No Brasil, evidenciei quatro exemplos pessoalmente. O primeiro foi uma série de imagens desenhadas por um artista em Florianópolis para ilustrar um livro em 2007. O segundo foi um quadro em tinta a óleo que reproduzia em tamanho aumentado a imagem de Janto, pintado entre 2008 e 2009 por uma aspirante à sacerdotisa do interior

do estado de São Paulo. O terceiro foi uma estátua votiva de cerca de trinta centímetros de altura esculpida em argila em 2010 por um artista de Palhoça, na zona rural de Santa Catarina. O último foi uma estátua votiva de resina de cerca de vinte centímetros, enfeitando o altar doméstico de uma sacerdotisa de Eurínome da cidade de São Paulo. Além de ser vista como deusa do êxtase e do orgasmo, a dança da criação é um importante aspecto do culto brasileiro à Eurínome. Prieto (2003) traz em seu livro um exemplo de ritual que envolve a recriação dessa dança, porém uma das sacerdotisas que conheci não só havia inventado uma dança própria para Eurínome como também composto um cântico para ela. Ao menos mais uma mulher também admitiu ter composto uma canção para Eurínome como parte de seu treinamento como sacerdotisa. Outro atributo exclusivo ao cenário brasileiro é a tendência dos neopagãos considerarem Eurínome uma deusa distante. De forma consensual, todas as sacerdotisas de Eurínome com quem entrei em contato a descreveram governando do espaço sideral. No imaginário comum desse grupo a deusa nunca fora destronada por Crono. Pelo contrário, Eurínome teria escolhido se afastar espontaneamente do Olimpo, e hoje governa das estrelas ou do sistema solar. Assim, estaria acima de Zeus e de quem quer que venha a governar o Olimpo.

Considerações Finais

Os deuses são reflexos da vida humana, não nascem por acaso. Porém, usualmente a origem dos deuses em uma cultura é algo distante, perdido em séculos. A partir de um caso bem específico, podemos notar o nascimento de uma divindade no neopaganismo. E isso torna o caso de Eurínome emblemático e interessante ao cientista da religião.

Em sintonia com o estruturalismo, o neopaganismo buscou uma personagem mitológica que preenchesse a função da Grande Mãe primordial na Grécia. Não só isso, após o surgimento do movimento da Deusa os clamores por uma divindade feminina poderosa e independente influenciaram essa busca diretamente. A passividade de Geia não condizia com os ideais feministas de 1970. A Grande Deusa não poderia ser uma figura inerte como Geia na Teogonia. O mito de criação de Hesíodo precisava ser substituído por outro melhor.

O problema é que o estruturalismo aplicado às religiões assume uma característica ainda mais forte, visto que o universo religioso pretende dar conta de tudo. Assim, a teoria muitas vezes tenta enquadrar a realidade a qualquer custo, forçando no objeto as funções previstas pelo estudioso. Isso ficou bem evidente no caso do teólogo Beltz.

Como a visão dominante da época dizia que a religião primordial europeia era o culto à Grande Deusa, então a tríade Zeus-Posidão-Hades “precisava” ter sido originalmente feminina. Como Graves já havia colocado Eurínome como a deusa primordial da Grécia, então Beltz pegou outras duas personagens mitológicas com o nome parecido e criou essa “tríplice matriarcal”. O problema é que por mais que tenha relações ao Hades, originalmente Eurídice não é uma deusa, mas uma ninfa. Não apenas isso, tanto Eurínome quanto Euríbia possuem origens marítimas. Por que só Euríbia ficaria com o reino do mar?

Todavia, deve-se ressaltar que todas essas ressignificações são indiferentes ao ponto de vista do fiel. O adepto que vê em Eurínome uma deusa suprema não está preocupado se seu mito é moderno ou não. Isso não diminuirá o potencial transformador que a deusa terá àqueles que acreditam nela e a cultuam. Também não se ignoram as porosidades e plasticidades dos mitos e religiões. Não é porque o culto de Eurínome era de uma forma na Grécia Antiga que ele deveria ser, necessariamente, da mesma forma dois milênios depois. Mas se em outras religiões essas transformações aparentemente foram mais lentas e suaves, no caso da Eurínome neopagã, por vezes ela pareceu ser muito brusca e até forjada.

Quando Graves usa elementos claramente não gregos para completar as funções estruturais de seu mito, abre margem à percepção de que a originalidade desse mito repousa não no fato da história ser primordial, mas sim na sua própria criatividade. Graves assumiu que seu mito de Eurínome só pôde ser “restaurado” na estrutura da Deusa Branca graças a misturas com elementos míticos de tradições díspares ao helenismo. A aceitação e perpetuação de seu mito no neopaganismo é, em si, um fenômeno religioso impressionante. O fato de ter sofrido ainda mais ressignificações em um espaço tão curto de tempo, algo surpreendente.

REFERÊNCIAS

- Adler, M. (2006). *Drawing down the Moon: witches, druids, Goddess-worshippers, and other Pagans in America*. New York: Penguin.
- Apollodorus (2010). *Apollod?rou tou ath?naiou biblioth?k?: Biblioth?que d'Apollodore l'ath?nien*. Charleston: Nabu.
- Bachofen, J. J. (1992). *Myth religion and mother right: selected writing of J. J. Bachofen*. Princeton: Princeton University.
- Beltz, E. W. (1983). *God and the gods: myths of the Bible*. London: Penguin.
- Brand?o, J. S. (2008). *Dicion?rio m?tico-etimol?gico da mitologia grega: v. I, A-I*. (5^a ed.). Petr?polis: Vozes.
- Faur, M. (1996). *Di?rio da Grande M?e 1996*. Bras?lia: For?as Ocultas.
- Faur, M. (2001). *O anu?rio da Grande M?e: guia pr?tico de rituais para celebrar a Deusa*. S?o Paulo: Gaia.
- Frazer, J. G. (1894). *The golden bough: a study in comparative religion*. New York: MacMillan.
- Graves, R. R. (1952). *The white Goddess: a historical grammar of poetic myth* (3^a ed.). London: Faber and Faber.
- Graves, R. R. (2008). *O grande livro dos mitos gregos*. S?o Paulo: Ediouro.
- Hanegraaff, W. J. (1996). Neopaganism. In W. J. Hanegraaff, *New Age religion and Western culture: esotericism in the mirror of secular thought* (pp. 77-93). Leiden: E. J. Brill.
- Leland, C. G. (2000). *Ar?dia: o evangelho das bruxas*. S?o Paulo: Madras.
- Lycophron (1921). Alexandra. In Callimachus & Lycophron. *Callimachus: Hymns and Epigrams, Lycophron and Aratus*. London: William Heinemann.
- Marashinsky, A. S. (1997). *O or?culo da Deusa*. S?o Paulo: Pensamento.
- Murray, M. A. (2003). *O culto das bruxas na Europa Ocidental*. S?o Paulo: Madras.
- Nonnus. *Dionysiaca* (1940). Cambridge: Harvard University.
- Prieto, C. (2003). *Todas as deusas do mundo*. S?o Paulo: Gaia.
- Pausanias (1824). *The description of Greece* (v. 2). Oxford: Oxford University.
- Pearson, J. E. (2005). Wicca. In: JONES, L. (Org.) *Encyclopedia of religion* 2^a ed., v. 14, (pp. 9728-9732). Farmington: Thomson Gale.

Perrone-Moisés, L. B. (2004). Pós-estruturalismo e desconstrução nas Américas. In Moisés, L. B Perrone (Org.). Do positivismo à desconstrução: idéias francesas na América (pp. 213-236). São Paulo: EDUSP.

Rhodus, A. (1912). *The Argonautica*. Cambridge: Harvard University.

Russell, J. B. (2008). Alexander, B. *História da bruxaria*. São Paulo: Aleph.

Starhawk (2003). *A dança cósmica das feiticeiras*. São Paulo: Gaia.

Walker, B. G. (2002). *Dicionário dos símbolos e objectos sagrados da mulher*. Lisboa: Planeta.

EM BUSCA DA FELICIDADE: A ASTROLOGIA COMO FORMA RELIGIOSA DO MOVIMENTO ESPIRITUAL DA NOVA ERA

Zina Abreu⁶⁷

Resumo

O culto da felicidade marca o conhecimento pós-moderno e a astrologia é uma das ferramentas para o seu alcance. A partir desta constatação a autora explora esse potencial, enquanto reflete, em simultâneo, sobre a sua trajetória de vida, marcada numa primeira fase pela Sociologia e pela valorização racional desta ciência social.

A comunicação aborda ainda as questões de género tendo em conta as sociedades tradicional e a moderna, organizadas segundo um modelo de pensamento masculino e a Nova Era, onde formas de expressividade feminina encontram mais espaço ou, por outras palavras, podemos referir-nos, respetivamente, às sociedades passadas como aquelas dominadas em termos cognitivos pelo hemisfério esquerdo do cérebro (lógico e analítico), enquanto a Nova Era está a ser dominada por um tipo de inteligência típica do hemisfério direito (intuitivo e holístico).

Palavras-chave: Emoção, Género, Moral, Astrologia, Nova Era

Abstract

The cult of the happiness mark the postmodern knowledge and the astrology is one of the tools to reach it. With this recognition, the author explores this potential, while reflecting at the same time on their life path, marked initially by the Sociology and the rational development of this social science.

The Communication also addresses gender issues in view of the traditional societies and modern, organized according to a male thinking model, and the New Age, where female expression forms take more space or, in other words, we can refer, respectively at past societies as those dominated in cognitive terms by the left hemisphere of the brain (logical and analytical), while the New Age is being dominated by a kind of typical intelligence of the right hemisphere (intuitive and holistic).

Keywords: Emotion, Gender, Moral, Astrology, New Age

⁶⁷ Licenciada em Sociologia pelo ISCTE, mestre em Educação pela Universidade do Minho. Professora de Sociologia jubilada, zinabreu@gmail.com

Nota introdutória

Ao preparar-me para esta comunicação preocupei-me mais em fazer uma reflexão pessoal sobre o tema "Em busca da felicidade: a astrologia como forma religiosa do movimento espiritual da Nova Era", e menos com a citação de autores, embora o meu percurso se deva a tantas e tantas fontes: conhecidas e anónimas.

De facto, longe vão os tempos em que eu me procurava afirmar através das palavras dos outros. Foi assim que fui fazendo o meu percurso académico que culminou, para já, na tentativa de fazer um doutoramento em Sociologia, no ISCTE (inscrição em Janeiro de 2001) e que deixei a meio por motivos de saúde. A minha tese pôs-me doente. Embora pareça estranho, foram esses estudos sociológicos que me levaram à astrologia. Não diretamente, nem imediatamente.

Afinal, a astrologia entrou na minha vida apenas em 2014 e, curiosamente, foi mais ou menos coincidente com um certo reconhecimento das limitações da sociologia aquando do último congresso, em Évora, 2014. Contudo, ambas têm em comum o mesmo entusiasmo com o qual as abracei, pois representam dois admiráveis mundos novos que são âncoras de conhecimento estruturantes na minha vida adulta. Posso até dizer que a Sociologia continua a ser, para mim, uma lente através da qual eu leio o mundo, o mundo terreno ao qual, entretanto, ampliei com uma dimensão cósmica que passei a incluir na minha vida. E é nessa visão mais ampla, mais multi-versal (plural de universal), que a astrologia se começa a afirmar de modo crescente no meu percurso, e me dá um sentido integrador entre a componente da matéria e da antimatéria⁶⁸.

E, já agora, o Movimento Espiritual da Nova Era, tema afinal deste Simpósio integrado no I Congresso Lusófono da Ciência das Religiões, representa, para mim, a confluência de tudo quanto tem sido a diáspora humana no planeta terra. É uma nova fronteira, dos novos tempos que se liga à Era de Aquário⁶⁹. Porquê? Se reconhecemos esta Nova Era

⁶⁸ De modo muito simplista podemos dizer que a antimatéria é tudo o que existe e que escapa à lei da gravidade, como por exemplo o amor que é, afinal, uma energia que vai muito para além do tempo e do espaço. Contudo, não pretendo desenvolver, nem tem lugar no âmbito desta palestra, o tema matéria/antimatéria, cujo aprofundamento será melhor deixar aos físicos.

⁶⁹ "A expressão 'Era de Aquário' ou Nova Era tem sido muito divulgada nos últimos anos. Tem origem no Grande Ano (2160 anos, 2 148, etc, consoante os autores), um ciclo evolucionário que acompanha a humanidade - corresponde ao movimento de precessão da terra em torno do seu eixo - e que permanece em cada constelação, os tais dois mil e poucos anos correspondentes a uma Era. Os termos constelação e signo são iguais, mas o primeiro corresponde ao Zodíaco Sideral que designa os grandes ciclos civilizacionais os quais chamamos, também, de Astrologia Mundana ou Mundial, e o segundo ao Zodíaco Natural, mais usado na astrologia natal, individual.

como associada à passagem da regência astrológica de Peixes para a de Aquário⁷⁰, e se utilizarmos como estrutura do conhecimento a astrologia, uma forma de conhecimento milenar, bem mais antiga do que qualquer ciência, verificamos que uma das suas características mais básicas se refere aos quatro elementos naturais: fogo, terra, ar, água⁷¹.

Ora, a Era de Aquário está ligada ao elemento ar e este, por sua vez, está diretamente relacionado com a Internet e a sua difusão crescente a partir dos anos 90⁷². Eis como nos chegamos até nós todo o passado humano, toda a sua história, toda a sua diáspora: ao alcance de um clique num qualquer aparelho tecnológico cada vez mais inteligente. Curioso também é considerar-se, que em cada Era é suposto haver um avatar⁷³. No caso da Era de Peixes terá sido Jesus Cristo e no caso da Era de Aquário poderá ser Bill Gates, como defendeu recentemente Otávio Azevedo no I Congresso Internacional de Astrologia on line⁷⁴.

⁷⁰ A autora desta comunicação subscreve o sentido da expressão Nova Era apresentado na Proposta deste Simpósio. Assim, além da Nova Era estar associada à passagem de Peixes para Aquário, também “deu o nome a um movimento espiritual, amplamente difundido desde o aparecimento da internet nos anos noventa”.

⁷¹ Os doze signos do Zodíaco correspondem a cada um desses elementos, obedecendo à seguinte sequência padrão: fogo (Carneiro, Leão, Sagitário), terra (Touro, Virgem e Capricórnio), ar (Gêmeos, Balança e Aquário) e água (Caranguejo, Escorpião e Peixes).

⁷² A *World Wide Web* surge em 1990 e o facebook em 2004. A partir daí o aperfeiçoamento deste tipo de software tem sido uma constante.

⁷³ Avatar vem do sânscrito *Aval*, que significa "Aquele que descende de Deus", ou simplesmente "Encarnação". Qualquer espírito que ocupe um corpo de carne, representando assim uma manifestação divina na Terra. Podemos dizer que, no fundo, todos somos avatares em potência se considerarmos que todos descendemos de Deus e que todos temos uma essência divina. No entanto, não temos consciência do empoderamento que isso representa, nem as diferentes culturas estão interessadas em desenvolver essa dimensão humana, pois perderiam a sua capacidade de controlar os indivíduos.

⁷⁴ Este congresso ocorreu em 2014, de 14 a 21 de Novembro, e envolveu os seguintes países: Brasil (país anfitrião), Portugal, Argentina e França. Otávio Azevedo, um engenheiro, empresário e astrólogo, autor da palestra “Terapia Vertical: use e abuse da astrologia”, proferiu a afirmação sobre Bill Gates reconhecendo que, para muitos dos ouvintes, tal seria considerado “loucura”. Recorde-se que Bill Gates é um filantropo que foi um dos fundadores da Microsoft em 1975 – empresa que fabricou e popularizou o uso do computador pessoal, abrindo uma das portas para a Era de Aquário e da ligação em rede, típica do elemento ar.

A ordem perturbada

O exato momento da passagem da Era de Peixes para a de Aquário não existe e nem é pacífico. Carece de literatura e a unanimidade é impossível: por um lado, a comunidade científica, até hoje, não se tem interessado por estes temas, que permanecem ainda invisíveis, esotéricos, ocultos para a investigação e também para a imprensa considerada de referência, por outro, nas matérias difundidas na net, por exemplo em muitos blogues da especialidade de Astrologia, verificamos que há defensores que consideram ter-se já iniciado a Era de Aquário, precisamente em 2012, enquanto outros afirmam que só no último terço do século XXI é que esta Era começará, efetivamente.

Também se pode encontrar literatura on-line que afirma que uma mudança de Era demora entre trinta a duzentos e cinquenta anos a implementar-se, o que talvez não seja de todo despiciente, pois uma mudança estrutural de cariz coletivo demora imensas décadas a implementar. Assim como a noite é antecipada pela penumbra e a manhã pela aurora, também uma Era não chega de repente, com um toque de magia.

Se esta difusão se expande mais no final do século XX tal significa que as mudanças que conduziram à sua propagação começaram mais cedo: nos anos 60/70 do século XX. Estes foram os anos que mais inquietaram, abalaram e perturbaram a civilização ocidental à qual pertencemos, de matriz judaico-cristã, e que corresponderam, a meu ver, ao início da transição da Era de Peixes⁷⁵ para a de Aquário ou Nova Era. Embora a Era de Aquário tenha sido muito divulgada a propósito do ano 2012, ano mítico devido às profecias Maias⁷⁶, os anos sessenta foram aqueles em que o mundo ocidental teve transformações mais profundas em várias frentes, típicas de uma alteração dos tempos, de uma mudança de Era, como foram os movimentos de defesa dos direitos cívicos dos negros⁷⁷, os movimentos anti-colonialistas, feministas, estudantis, hippies, de defesa dos consumidores, a revolução sexual, mas também novas descobertas científicas como

⁷⁵ Não deixa de ser curioso que um dos primeiros símbolos do cristianismo primitivo, que servia como senha de identificação entre os seus adeptos, fosse o peixe. Além disso, a Era de Peixes, que tem como elemento preponderante a água, neste caso o mar, ficou marcada pelos Descobrimentos.

⁷⁶ O calendário maia refere a data de 21 de Dezembro de 2012 (coincide com o solstício de Inverno no hemisfério norte) como a data simbólica do fim de um ciclo, de uma mudança de energia e de consciência e não o apocalipse como tantas vezes se enunciou. Para os maias, essa data corresponderia ao termo de uma Grande Ano e ao início de uma nova etapa, marcada, entre outros assuntos, pela cosmovisão maia, assente na recuperação da terra, uma energia feminina que nas últimas décadas tem sido alvo de destruição e de cobiça pelas multinacionais, que desalojam os povos indígenas do seu direito natural à terra com a conivência dos governos locais, que os deslocalizam debaixo de fogo.

⁷⁷ Duas referências deste tipo de movimentos foram os americanos Martin Luther King e Malcom X, assassinados respetivamente em 1968 e 1965.

a pílula anticonceptiva, a exploração crescente do ar através do desenvolvimento da aviação comercial⁷⁸ e da exploração do espaço – ida à Lua, o início da sociedade de consumo, da televisão, da massificação escolar decorrente do baby boom, das alterações ao nível da moda⁷⁹, do fenómeno Beatles, das preocupações ambientais de um modo mais consistente⁸⁰, de novas crenças espiritualistas por influência e fusão de ideologias orientais⁸¹, etc.

O mundo passa a ser a tal aldeia global que Marshall McLuhan⁸² referira sobre as transformações ocorridas desde os anos sessenta do século XX, marcadas pelas tecnologias da comunicação de massa. Ao mesmo tempo as grandes narrativas da modernidade⁸³ colapsam e dão lugar ao conhecimento pós-moderno, baseado numa lógica cultural assente, em boa parte, em experiências subjetivas, no triunfo da imagem, na “fragmentação do tempo numa série de sucessivos presentes”⁸⁴.

⁷⁸ A Boing – o maior fabricante do mundo – por exemplo, começa a produzir em 1964 os seus primeiros aviões de passageiros depois de, em 1958, ter criado com sucesso o protótipo Boing 707.

⁷⁹ Mary Quant, uma estilista britânica, revolucionou a moda com a introdução da minissaia no vestuário feminino. O uso de calças pelas mulheres também começou a popularizar-se nos anos 60/70 do século XX.

⁸⁰ A Greenpeace, por exemplo, uma organização não governamental com preocupações ambientais, foi fundada em 1971, no auge da guerra fria e durante a guerra do Vietnam.

⁸¹ Estas ideologias possuem um “caráter liberal e de oposição à ortodoxia e ao conservadorismo das religiões organizadas”. Surgem novas linhas teológicas, “crenças espiritualistas, animistas e paracientíficas, com uma proposta de um novo modelo de consciência moral, psicológica e social além de integração e simbiose com o meio envolvente, a Natureza e até o Cosmos”.

⁸² McLuhan (1964) considerou que, “com os novos media, o mundo se tornaria uma pequena aldeia, onde todos poderiam falar com todos e o mais insignificante dos rumores poderia ganhar uma dimensão global. O conceito tornou-se uma das pedras angulares das teorias que procuram explicar o fenómeno da globalização e da localização”.

⁸³ As grandes narrativas são as grandes explicações sobre o mundo, sobre a história, sobre a vida e sobre o futuro. Entre as mais influentes temos: o marxismo, o cristianismo (e as religiões monoteístas em geral), o iluminismo com o sonho da sociedade racional, etc, etc. Essas narrativas só podem ser chamadas de narrativas na percepção da pós-modernidade, pois para si, elas são o fundamento do mundo, a estrutura última da realidade – a teoria da história marxista não é somente uma narrativa, mas uma tentativa de explicação universal da história, da mesma forma, o projeto iluminista visava a universalização da razão e o cristianismo a universalização de seu próprio Deus.

⁸⁴ Sobre as especificidades do conceito moderno/pós-moderno; modernidade/pós-modernidade; modernização/pós-modernização; modernismo/pós-modernismo veja-se o artigo de Featherstone (1990) “Moderno e pós-moderno - Definições e interpretações sociológicas”.

Convém ainda recordar, que a pós-modernidade, como refere Lipovetsky (1989, p.76), “deve designar uma vaga profunda e geral à escala do todo social, pois que é certo que vivemos num tempo em que as oposições rígidas se esbatem e as preponderâncias se tornam frouxas, em que a inteligência do momento exige que se sublinhem correlações e homologias”.

Podemos dizer, que essas oposições rígidas, ou oposições binárias, polaridades, formataram as sociedades modernas, caracterizadas por dualidades que se excluíam mutuamente como nas conjunções disjuntivas: ou uma coisa ou outra, por exemplo, ou feminino ou masculino, ou emocional ou racional, ou natureza ou cultura, etc., passam a dar lugar a conjunções aditivas: e ... e Neste sentido, a Religião em geral enquanto “sistema estruturado de doutrinas, crenças, regras e práticas de uma determinada comunidade de pessoas que instituem um determinado tipo de relação com um poder superior, sobre-humano⁸⁵”, e o cristianismo em particular, de raiz judaico-cristã, enquanto forma religiosa dominante na cultura ocidental, manifestou-se até aos anos setenta, no caso português, como religião “oficial”, ou seja, como unidade/totalidade “absolutista” em oposição à liberdade religiosa: “a religião católica é a religião do reino e os súbditos nacionais não têm outra opção” diz Esther Mucznik (2014)⁸⁶.

Saliente-se ainda, que nesta suposta unidade/totalidade está implícita uma forma de superioridade, também verificada em relação a tantas outras dimensões da vida humana, como: na orientação sexual, sendo a heterossexualidade a expressão sexual socialmente aceite como normal⁸⁷; na primazia da sociedade patriarcal, manifesta através da dominação masculina dos “aparelhos ideológicos do Estado”, que excluem, deliberadamente, a mulher; no domínio do hemisfério esquerdo, associado à racionalidade, i.e., a primazia da habilidade cognitiva lógico-verbal que continua a ser

⁸⁵ Em Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea, ed. Academia das Ciências de Lisboa e da editorial Verbo, Braga, 2001 (II volume).

⁸⁶ Esther Mucznik, fundadora da Associação Portuguesa de Estudos Judaicos, refere que antes do 25 de Abril não havia liberdade religiosa, embora se verificasse liberdade de culto “apenas reconhecido aos estrangeiros e o seu exercício obrigatoriamente privado, sem expressão pública, incluindo a visibilidade dos seus templos. Trata-se de ‘tolerância’ não de liberdade”.

⁸⁷ Giddens, por exemplo, refere nove tipos de sexualidade, nomeadamente de foro conjuntural, como em situações de reclusão.

valorizada e reconhecida através dos sistemas educativos em detrimento das inteligências múltiplas⁸⁸, etc.

Todas estas circunstâncias em que temos vivido constantemente, limitam as capacidades humanas em várias frentes, conduzem a níveis de frustração e de insatisfação pessoal graves, e condicionam o tipo de vibrações emanadas através da força do pensamento. Tudo isso é mau, quer em termos individuais quer coletivos: reduz a nossa capacidade evolutiva que é, afinal, o nosso propósito de vida na terra, e transforma os vícios privados em aparentes virtudes públicas, numa clara e manifesta moral dupla, típica de uma hipocrisia social que não olha a meios para atingir os seus fins e alimenta o lado sombra da humanidade⁸⁹, que continua dominante nas esferas do poder.

A Era de Aquário: o que nos traz de novo?

A Era de Peixes deixou uma pesada herança social às gerações atuais, porque comprometeu o significado entre as polaridades, conduzindo a situações extremadas e radicais que ainda se mantêm. Não se trata da escolha entre dois pólos, mas sim do equilíbrio entre eles. Na realidade, os elementos/partes misturam-se: o feminino também contém em si elementos conotados com o masculino e vice-versa, o emocional versus racional também, a natureza e a cultura idem, e por aí adiante: os sistemas tornam-se “flexíveis e abertos”.

Assim, há religiões e não uma ou a religião, sexualidades e não uma sexualidade única, inteligências e não determinada inteligência medível através do Quociente de Inteligência, etc. Foi por isso que todos os movimentos dos anos sessenta se manifestaram, para marcar posição e conquistar algum terreno em relação a uma ordem social marcada pelos excessos da sociedade patriarcal, tipificada num modelo de autoridade top/down, uma ordem que continua a privilegiar apenas uma pequena parcela das populações: favorece o homem-adulto no sentido literal do termo, o homem no auge do seu poder profissional e da idade, em detrimento das mulheres (afinal a maioria

⁸⁸ O conceito de inteligências múltiplas foi criado por Howard Gardner nos anos 80; e concebe sete dimensões da inteligência (inteligência visual/espacial, inteligência musical, inteligência verbal, inteligência lógica/matemática, inteligência interpessoal, inteligência intrapessoal e inteligência corporal/cinestética). Posteriormente o autor propôs duas novas dimensões de inteligência: a [inteligência naturalista](#) e a [inteligência existencialista](#).

⁸⁹ O lado sombra é uma dimensão que existe em cada um de nós (de que devemos saber tirar partido), e que polariza com o lado luminoso da espécie humana. Sobre este assunto veja-se, por exemplo, *A luz e a sombra*, de Deepack Chopra et al.

populacional) e, independentemente do sexo, as crianças, os velhos e os doentes que lhes estão directamente afectados nos termos da prestação de cuidados.

Como afirmou D. Januário Torgal, antigo bispo das Forças Armadas⁹⁰: “A humanidade está carente. De quê? De figuras de proa que simbolizem a verdade e a igualdade”. E acrescentou: “quem roubou o Estado? Não foram os pobres, não foram os jovens, não foram os velhos. Porque se não vai atrás deles? Que correntes invisíveis amarram as cadeiras do poder e as tornam inquebráveis?” Também não foram os doentes, nem foram as mulheres, pois os lugares de decisão ao nível do topo não são comandados por elas. É realmente um grande “mistério”. Serão essas correntes as do medo masculino? As da neurose masculina? As do medo neurótico? As da psicopatia do género masculino? Não estão essas correntes invisíveis, travestidas de poder e de violência física e simbólica? Não tem sido o poder, genericamente falando, um feudo masculino onde os homens se protegem do seu histerismo de género através da promoção de uma economia de favor e de compadrio em benefício dos seus pares?

Ora, não há sistemas monolíticos e todos aqueles que em alguma momento da história da humanidade se manifestaram como “vias únicas” e como sistemas rígidos, seja através da dominação de género, seja de uma religião, de uma raça/etnia, de um partido político, de uma classe social, foram e são monolitismos construídos através do recurso à lei da força, da repressão física e moral; estão manchados de sangue, suor e lágrimas e ferem a dignidade inata à condição humana. À conta disso, quantas energias densas, negativas e bloqueadas estão à solta neste planeta, dificultando a elevação humana? Como libertar e transmutar séculos e séculos de práticas dominantes que têm favorecido o peso gravitacional de certo tipo de instintos e de sentimentos humanos, precisamente aqueles que nos puxam para baixo? Quem continua a lucrar com este estado de coisas? Mais recentemente, ao começar o século XXI, a Era de Aquário sofreu perturbações em várias frentes:

- em termos políticos, a queda das torres gémeas em 2001, nos EUA, um acontecimento que veio trazer novos desafios em todo o mundo e produzir alterações ao nível da segurança coletiva;
- ao nível financeiro, a queda do banco americano Lehman Brothers, em 2008, com a crise do subprime (concessão de crédito a clientela ninja – clientes sem comprovativo

⁹⁰ Em entrevista concedida a 10 de Outubro de 2013 à Sic Notícias – data da sua resignação do cargo aceite pelo Papa Francisco, por limite de idade.

de renda) alavancou a derrapagem das sociedades ocidentais e minou a confiança no sistema bancário;

– no foro social, a pedofilia foi sacudida por numerosos escândalos, primeiro em instituições católicas espalhadas pelo mundo: EUA, Irlanda, País de Gales, etc. e depois por pais, professores, treinadores, médicos, etc. que viram, entretanto, os seus nomes associados a este fenómeno, que só pode ser combatido através da sua visualização/exposição pública – em Portugal, o caso Casa Pia é um triste exemplo desta realidade sombria.

Registe-se, que todos estes fenómenos têm como pano de fundo o paradigma económico que norteia as sociedades consideradas desenvolvidas e preocupadas com o tamanho. O tamanho do seu crescimento associado à obsessão quantitativa: quanto cresce a economia de um país ao ano. E assim, nas últimas décadas, as sociedades alimentaram a crença no crescimento ilimitado o qual levaria, por sua vez, ao consumo também ilimitado e à sociedade do bem-estar. Daí resultou o triunfo e a euforia do consumo, tão marcante das últimas décadas. A felicidade foi confundida com o consumo e este quase passou a ser a razão de viver, pois insuflava o ego e dava às pessoas um falso sentimento de controlo. O poder, através da posse, do ter, passou a ser a bitola objetiva, mensurável e quantificável do valor de cada um. O que era exteriorizável, visível e exibível adquiriu preponderância face ao ser, à essência, ao íntimo, ao recatado, à multidimensionalidade da vida.

Há ainda um outro fenómeno, desta vez positivo, que chamo de “revolução tranquila”: é uma revolução que está a acontecer nas nossas mentes e que, portanto, não é televisionada nem provoca manifestações públicas. No entanto, vem ganhando cada vez mais espaço público, sobretudo neste novo milénio: manifesta-se nos expositores das diferentes livrarias através de literatura especializada. Trata-se da bibliografia catalogada como esotérica, de auto-ajuda ou desenvolvimento pessoal, e que inclui, por exemplo, obras de Louise Hay, Donald Walsch, Osho, Brian Weiss, James Redfield, Lise Bourbeau, Rhonda Byrne, Eckhart Tolle, Nicholas Sparks, etc. De igual modo, existem atividades e serviços ligados ao esoterismo e que são praticadas quer em centros específicos, que contam com a prestação de vários profissionais que trabalham em rede, quer por profissionais em exercício de âmbito individual ao nível da consulta privada e/ou em sessões de grupo.

Ganha pois visibilidade todo um lado espiritual, ou energético, conforme lhe queiramos chamar, de ligação ao universo, ao cosmos, a algo que nos transcende e que tem

permanecido oculto ao longo dos séculos, e que apela a capacidades humanas que estão para além dos cinco sentidos vulgarmente conhecidos. Enquadramos nesta linha novas filosofias de vida, que passam a integrar o reiki, a apometria, o tarot, os diversos tipos de oráculos, a reconexão, a biodanza, as meditações coletivas, o trance dance, a terapia multidimensional, a canalização, a cartomancia, o par biomagnético, a cura prânica estelar, o toque quântico, a leitura da aura, os retiros espirituais, a regressão, a astrologia, as limpezas espirituais, os workshops temáticos, etc. Realço que, pela minha experiência pessoal, todo este campo literário e prático tem por objetivo consciencializar as pessoas das suas múltiplas capacidades e, no fundo, abrir a sua mente, como diz o slogan do canal de TV Infinity.

Em todas estas atividades e no tipo de literatura mencionada, o amor é percebido como a grande força motriz, a consciência de que “Somos todos um” ganha protagonismo, e a natureza surge como a grande casa à qual precisamos estar ligados e devemos zelar para o nosso próprio bem-estar. Esta sustentabilidade só é possível através do envolvimento de todos os países da Terra, e ainda da ligação vertical, entre o céu e a terra, digamos. A título de exemplo, retenhamos as ações mundiais conhecidas como a hora do planeta, isto é, em várias localidades e cidades do mundo o planeta fica sem luz para alertar sobre as alterações ambientais e o aquecimento global; o dia mundial sem carro, 22 de Setembro, uma iniciativa que chama a atenção para as diversas formas de poluição atmosférica; as inúmeras vigílias a favor da paz; as meditações globais a uma determinada hora fixa do dia e/ou em locais públicos; ou a prática de tai chi em espaços como os Jardins de Belém e a Fundação Calouste Gulbenkian.

A finalizar este tópico vale a pena referir o movimento Natural Vibe, um “movimento que acredita na regeneração do planeta através da mudança individual”. É um estilo de vida que encara a saúde como uma dimensão integral, “que leva em conta os aspectos físico, mental, emocional e espiritual ou energético”, como diz Luana Ferreira em “Alimentação pura, transformações concretas”. O Natural Vibe “não tem cor religiosa porque abordamos os aspetos energéticos, pois tudo é energia”, acrescenta ao INVS – Instituto Nacional de Vida Saudável⁹¹.

⁹¹ O INVS, uma iniciativa brasileira, organizou recentemente o II Congresso on-line de Emagrecimento Saudável, de 23 a 28 de Março de 2015.

Todas estas iniciativas promovem a saúde planetária e a dos seus seres vivos evidenciando, assim, que os seres humanos estão a despertar o seu Quociente Espiritual⁹² – uma dimensão holística que está ligada ao propósito de vida e possui uma grande capacidade transformadora ao nível pessoal. Este quociente de inteligência espiritual (QEs) reconhece no ser humano uma nova dimensão do seu ser, amplificando a visão humana assente no Quociente de Inteligência, que dominou quase todo o século XX, a do Quociente Emocional (QE), surgida nos últimos anos noventa e a das Inteligências Múltiplas já mencionadas acima. De igual modo a Inteligência Social, uma forma de consciência social que permite “reconhecer instantaneamente o estado de espírito interior de outra pessoa e compreender os seus sentimentos e pensamentos, passando por ‘topar’ complicadas situações sociais” (Goleman, 2006, p. 131-132) é mais uma ferramenta que permite ao ser humano potencializar-se enquanto ser em permanente evolução a partir de uma rede wi-fi neural, que é desencadeada em segundos e sem consciência entre dois ou mais cérebros que entram em circuito.

Em suma, e para já, podemos dizer que o que nos traz de novo a Era de Aquário/Nova Era é a desarrumação da Era de Peixes, desde os anos 60, em várias vagas e frentes: política, económica, financeira, espiritual e cultural. Neste momento temos um modelo de sociedade agonizante, como mostra a recessão atual e a certeza das pessoas devido aos choques fiscais e à perda de rendimento, de que há um antes e um pós-crise. É por isso que o objetor de consciência do consumismo Sergio Latouche⁹³ defende “o decrescimento [como] um caminho adequado para o futuro”. Para ele, a humanidade está num beco sem saída, porque vive numa sociedade de crescimento sem crescimento, e perante a qual só tem duas hipóteses: continuar o caminho atual que só visa o crescimento infinito sem objetivos, sendo esta a via do desespero, ou inverte a sua marcha, aproveitando o sinal dado pela queda do Lehman Brothers.

Pela parte que me toca, estou a integrar estes novos valores e em processo de decrescimento do meu consumo material. Por outro lado, estou a consumir produtos

⁹² Foi a física e filósofa norte-americana Danah Zohar, em parceria com o psiquiatra Ian Marshal que, em meados do ano 2000, lançou o livro *Inteligência Espiritual*, conhecida também como a terceira inteligência. A primeira inteligência (QI) mede as capacidades cognitivas/intelectuais, a segunda (QE), mais divulgada nos anos noventa, mede a capacidade de identificar os próprios sentimentos e os dos outros. O conceito de inteligências múltiplas foi, de certa maneira, uma das etapas para o QE.

⁹³ Serge Latouche é também filósofo e economista. Esteve na IV Conferência Internacional do Funchal, ocorrida a 4 e 5 de Novembro de 2011, na Região Autónoma da Madeira. O evento, cuja organização científica esteve a cargo de Viriato Soromenho Marques sob o tema “Merecer o futuro – caminhos num tempo de incerteza”, trouxe ainda outras personalidades, como: António Barreto, Júlio Machado Vaz e Gilles Lipovetsky.

imateriais, como workshops, vídeos através da internet, etc., que me reconciliam com a minha essência e me conferem sabedoria.

Também na qualidade de socióloga e de observadora da realidade social considero que todas as mudanças provocadas nas últimas décadas desde o início da Nova Era estão a marcar uma nova etapa evolutiva do ser humano: uma etapa que já não corresponde à sua evolução física, afinal a componente da evolução da matéria, do corpo e da postura, se seguirmos a teoria de Darwin, mas a da emergência de um novo ser humano dotado da consciência das suas ligações vibracionais e energéticas, e das implicações que isso representa para o seu próprio bem-estar.

De salientar, ainda que estas ligações estão mais associadas ao hemisfério direito, o hemisfério em ascensão no séc. XXI, o que se encarrega “da síntese, da expressão emocional, do contexto e da visão de conjunto”, além da empatia, da criatividade, etc.; características que têm sido conectadas ao longo dos tempos com o sexo feminino, enquanto “o hemisfério esquerdo trata da lógica, da análise, da sequência (...) da literalidade” (Pink, p. 36), da resposta única, ou seja, da vertente de “pensamento binário e reducionista” que tem dominado o “pensamento de predominância esquerda”, tipificado pelo sexo masculino.

A felicidade depois da sombra

A diáspora humana pelo planeta terra tem tapado o essencial com o acessório e vice-versa. Ainda estamos no paradigma da quantidade, assente na “coisa” medível, observável e palpável, um paradigma que está a exaurir o planeta, enquanto o enche de lixo, atafalha as casas com montes de objetos desnecessários e deixa nas pessoas um travo de insatisfação, embora corram atrás das últimas novidades difundidas por um marketing agressivo⁹⁴. A vida adquire frequentemente um carácter de piloto automático embrutecedor, que torna as pessoas meros sobreviventes, zoombies da vida ao sabor das circunstâncias e dos outros.

A história da humanidade tem sido, pelo menos na Era de Peixes, uma história triste, assente na alienação e adulteração da essência humana e na apropriação por uns, uma minoria, do controlo dos outros, a maioria. Tem sido, também, a história da transformação do homem, no sentido literal do termo, no maior predador do planeta. À

⁹⁴ A título de exemplo, registo o lançamento de certos livros e equipamentos electrónicos lançados em certos locais, à meia-noite.

custa de quê? Da negação dos seus próprios sentimentos, do bloqueio da capacidade de sentir e da ganância, ou seja, à conta da prevalência do lado sombra que, no fundo, representa a forma de poder típica da organização dos que se sentem em desvantagem.

Esse poder, determinado em boa parte pelo “capital físico” masculino⁹⁵, perverteu a possibilidade de uma ordem equilibrada da espécie humana e alimentou a emoção de recuo, i.e., uma emoção que originou o afastamento dos homens perante fenómenos essenciais como a maternidade, e que determinou a perda da qualidade relacional entre os dois sexos. Em causa estaria o sentimento de que estariam a mais, i.e., os homens, muitas vezes, encara(ra)m a maternidade e a relação da mãe com o filho (nomeadamente a relação fusional dos primeiros meses de vida) através de sentimentos/emoções de recuo vividas de modo contraditório⁹⁶ – um fato indesmentível, pois ainda hoje as mulheres continuam a ser prejudicadas no mercado de trabalho à conta da maternidade e da sua condição feminina.

Provavelmente, a diáspora masculina encontra neste tema o seu inconsciente de género que é, simultaneamente, neurótico pela incapacidade de refletir sobre o assunto, numa espécie de “fuga para frente” e que justifica, em boa parte, a sua violência física e/ou simbólica. Pierre Bourdieu (1999) considera que, independentemente de sermos homem ou mulher, apreendemos e incorporámos de modo inconsciente “as estruturas históricas da ordem masculina” que nos levam a uma forma de pensamento, que é ela própria produto da dominação androcêntrica. O autor defende que estes esquemas de pensamento têm “aplicação universal”.

Onde fica a felicidade no meio desta selva? Está ela estimulada socialmente? Os Estados Unidos da América têm a única constituição do mundo que reconhece a

⁹⁵ Como considera Miguel Silva (2001, p. 26): “É certo que não há resposta simples para a questão de saber qual o peso real da condição biológica na subordinação da mulher, ou, o que é o mesmo, na origem de uma cultura que, baseada na força muscular masculina, tem como possibilidade permanente o abuso físico, a violação, o assalto masculino”.

⁹⁶ Registe-se que a relação mãe/filho, tantas vezes imortalizada por pintores e escultores, quer em obras de cariz religioso, quer de outra natureza, a exemplo das inúmeras madonas a amamentar ou, simplesmente com o(s) filho(s) nos braços, pode desencadear o receio masculino de não perturbação daquela união. Pelo contrário, o sexo masculino foi sempre representado na condição de guerreiro, caçador, cavaleiro ou monarca que mostravam cavalos e armas como símbolos de poder – para saber mais sobre este assunto veja-se Isabelle Allonso (2001).

felicidade como um direito inalienável concedido pelo Criador aos seres humanos⁹⁷. O Butão, país dos Himalaias, é o único país do mundo com a originalidade de medir o seu progresso através do FIB – Felicidade Interna Bruta, em vez do PIB – Produto Interno Bruto. Aquele indicador baseia-se na combinação do desenvolvimento económico com o desenvolvimento espiritual, de base budista. Por sua vez, desde 2013, que se comemora o Dia Internacional da Felicidade, por sugestão do Butão e aprovação por unanimidade dos cento e noventa e três Estados-membros da ONU – Organização das Nações Unidas, em 2012. São boas notícias mas, para já, são gotas no oceano, desconhecidas da maioria das populações.

E o que é a felicidade? Embora cada pessoa saiba ou deva saber o que a torna feliz, para mim a felicidade é um estado de equilíbrio entre as componentes física, mental, espiritual e emocional. Julgo mesmo que ao longo da vida os seres humanos passam por períodos alternados de desequilíbrio em cada uma dessas dimensões, desequilíbrios esses, temporários, cuja função é a de nos ensinar algo de que possamos retirar lições de vida. Ninguém chega à luz sem passar pela sombra, e esses desequilíbrios são uma espécie de limas, que vão polindo a nossa essência para que ela possa brilhar como um diamante, e assim cumprir o seu propósito de vida que, no fundo, está precisamente na felicidade.

A felicidade de descobrir quem somos, a felicidade de assumirmos quem somos, a felicidade de sermos reconhecidos/respeitados como somos. A felicidade de vivenciarmos os nossos talentos/dons/capacidades que nos tornam seres únicos e intransmissíveis neste planeta Terra. A felicidade de contribuirmos com essas mesmas capacidades para o bem-estar de terceiros. A felicidade de a podermos exhibir sem que alguém nos diga que “quando os porcos bailam adivinham chuva”. A felicidade de que a História tem de testemunhar para que se bane de vez o aforismo que diz que “da felicidade não reza a História”⁹⁸.

No fundo, a felicidade é um processo de empoderamento pessoal de que precisamos tomar consciência, refletir, experienciar, sentir e pôr ao serviço da comunidade, pois ela é contagiante e confere saúde e alegria a todos quantos a vivem. Quando todos e cada

⁹⁷ Thomas Jefferson (1743-1826) inseriu-o na Declaração de Independência dos Estados Unidos: “Nós tomamos essas verdades como sendo auto-evidentes, que todos os homens são criados iguais, que eles foram dotados pelo seu Criador com certos Direitos inalienáveis, dentre os quais estão a Vida, a Liberdade e a busca da Felicidade”. Jefferson foi o 3º presidente dos EUA, entre 1801-1809.

⁹⁸ Como refere Paul Valéry, poeta, ensaísta e crítico “O esquecimento é o benefício que a história quer corromper. Nada, na história, serve para ensinar aos homens a possibilidade de viverem em paz. É o ensino oposto que dela se destaca - e se faz acreditar”.

um de nós fizermos aquilo de que gostamos, em liberdade e em consciência, estamos a assumir o nosso lado luz, a conter o nosso lado sombra e a servir de inspiração a todos aqueles que nos rodeiam.

E de que maneira se relaciona a astrologia com a felicidade? Como escreve João Medeiros em A carta (2013, p. 27) “o mapa astrológico é o modelo perfeito de análise psicológica que já conheci”. Este autor considera que “quanto mais felizes somos, mais vivemos o potencial que a nossa carta representa”⁹⁹. Adianta que a carta astrológica é um raio x psicológico; um mapa das estradas da nossa vida; retrata caminhos de ação que são uma escolha pessoal (não sendo nem inevitáveis, nem obrigatórios), e que pode ser interpretado a vários níveis, conforme a nossa idade, por exemplo. Grosso modo, Medeiros considera que: se somos "pouco ou nada felizes/realizados" estamos a viver 20% da carta¹⁰⁰; (vivem os signos mas não vivem as casas); razoavelmente felizes/realizados corresponde a 50% da carta; bastante felizes/realizados, a 80%, e super felizes/realizados 100% da carta.

Pela parte que me toca, subscrevo este autor, uma das fontes deste meu percurso, e testemunho que a astrologia tem tido, em pouco mais de um ano, um grande efeito no aprofundamento do meu ser, ao mesmo tempo que me confere a auto-confiança no reconhecimento de etapas da minha vida que eu, por ansiedade, gostaria já de ter alcançado, mas que agora sei que há um tempo para tudo, que tudo está nos astros e que tudo está bem.

Apontamento Final

Ao longo desta reflexão, pese embora algumas notas do percurso negativo dos seres humanos, às quais se poderia acrescentar as inúmeras atrocidades cometidas em tantas frentes: nazismo, fundamentalismo, estalinismo, inquisição, esclavagismo, etc., descortino uma longa diáspora humana que caminha para a iluminação. Como nota no optimismo, saliento que se até há pouco tempo a esta parte os flagelos eram legitimados

⁹⁹ O autor, economista de formação que já Trabalhou no Instituto Nacional de Estatística antes de optar por viver da astrologia, afirma, que “As formas de aplicação da Astrologia na sociedade são incontáveis. A compreensão das mudanças políticas, sociais e económicas é muito mais clara com o auxílio dos ciclos planetários e estelares! Os Maias sabiam disso. Os antigos Egípcios também” (Medeiros, 2013, p. 27).

¹⁰⁰ As casas são áreas específicas de vida – saúde, trabalho, família, etc. Cada uma das doze casas é ativada por um signo e por um ou mais planetas, que mostram a energia de movimento de cada casa. Uma regra simples reconhece que os planetas mostram o que acontece, os signos mostram como acontece, e as casas mostram onde acontece. As doze casas estão divididas em dois hemisférios que correspondem a seis casas individuais e seis coletivas.

em termos institucionais, nomeadamente políticos, agora eles são considerados politicamente incorrectos, alvo de sanções entretanto legalizadas e a sua ocorrência assume um carácter individualizado que os tornam mais facilmente puníveis e condenáveis.

Também a psicologia, dada a catalogar o lado disfuncional dos seus pacientes, se tornou hoje uma psicologia positiva, mais atenta ao que lhes confere bem-estar. A psicologia, aliás, assim como as diversas forças dos “Aparelhos Ideológicos de Estado”, alimentaram a cultura da infelicidade através do reforço negativo do indivíduo, vendo à lupa e apontando os seus aspetos negativos, a sua “mancha”, rotulando de “ovelhas negras” aqueles que eram diferentes, ao invés da compreensão e do reforço positivo desses mesmos indivíduos.

Quanto ao exercício do poder, acredito que começamos a estar perante a alteração do paradigma de dominação masculina – até por que os homens parecem ter feito tudo para desmerecer o poder, e têm mais do que provas dadas de mau desempenho de tal modo que pior parece impossível –, para uma forma de exercício de poder mais feminina, caracterizado pela partilha de poder entre os dois sexos e pelo triunfo das características do hemisfério direito do nosso cérebro como forma dominante de organização e de visão de conjunto das sociedades. A consciência crescente de que “Somos todos um”, mostra-nos que estamos no bom caminho e que vivemos, de facto, uma Nova Era que vai ganhando espaço a cada dia que passa, desde os anos sessenta.

De resto, as diversas formas de inteligência referidas, e os diversos caminhos esotéricos de entre os quais destaco a astrologia, mostram a complexidade e a inesgotável riqueza humana de que urge tomar consciência para que o empoderamento pessoal seja uma realidade e, a partir daí, os contextos sociais que lhe estão associados possam, também, beneficiar de modo evolutivo dessa tomada de consciência e de ação. Então sim, a la longue, este planeta deixará de ter razão para existir e a energia humana transformar-se-á noutra forma qualquer, num outro desafio qualquer, num outro universo qualquer, com outro propósito qualquer ao qual somos alheios, pelo menos neste momento.

REFERÊNCIAS

Alonso, I. (2001). Todos os homens são iguais...mesmo as mulheres. Lisboa: Ed. Notícias.

Bourdieu, P. (1989). O poder simbólico. Lisboa: Difel.

Chopra, D. et al. (2013). A Luz e a Sombra. Alfragide: Lua de Papel Editora.

Featherstone, M. (1990). Moderno e pós-moderno – Definições e interpretações sociológicas, Sociologia Problemas e Práticas, 8, 93-105.

Ferreira, M. L.R. (org). (2001). Pensar no Feminino. Lisboa: Colibri.

Goleman, D. (2006). Inteligência Social – a nova ciência das relações humanas. Barcelos: Círculo dos Leitores Ed.

Lipovetsky, G. (1989). A era do vazio. Lisboa: Relógio d'Água Ed.

Pink, D. (2013). A nova inteligência. Alfragide: Texto Ed.

Medeiros, J. (2013). A carta. Alfragide: Lua de Papel Ed.

Silva, M. O. (2001). Hormonas, afectos, razão. In M. L. R. Ferreira (org.) Pensar no Feminino (pp. 21-27). Lisboa: Colibri.

Fontes Documentais on-line

Infopedia – Modernismo. Acedido Janeiro 30, 2015, em [http://www.infopedia.pt/\\$pos-modernismo](http://www.infopedia.pt/$pos-modernismo)

Infopedia – Aldeia global. Acedido Janeiro 30, 2015, em [http://www.infopedia.pt/\\$aldeia-global](http://www.infopedia.pt/$aldeia-global)

Público on-line. Acedido Janeiro 30, 2015, em <http://www.publico.pt/portugal/noticia/abril-e-a-liberdade-religiosa-1633309>

Website Eu Sou Luz. Acedido Janeiro 30, 2015, em <http://www.eusouluz.iet.pro.br/erasegipcias.htm>

Website Eras Astrológicas. Acedido Janeiro 30, 2015, em http://www.brazilsite.com.br/misticismo/astrologia/ocidental/astro03_01.htm

Acedido Janeiro 30, 2015, em <http://www.citador.pt/textos/os-povos-felizes-nao-tem-historia-paul-ambroise-valery>

Website Somos Todos Um. Acedido Janeiro 30, 2015, em <http://somostodosum.ig.com.br/clube/artigos.asp?id=3845>

Website Calendar. Acedido Janeiro 30, 2015, em <http://www.calendarr.com/portugal/dia-internacional-da-felicidade/>

Website Vanessa Tuleski. Acedido Janeiro 30, 2015, em <http://vanessatuleski.com.br/v2/aprenda-sobre-astrologia/os-quatro-elementos/>

Wikipedia – Nova Era. Acedido Janeiro 30, 2015, em http://pt.wikipedia.org/wiki/Nova_Era

Wikipedia – Avatar. Acedido Janeiro 30, 2015, em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Avatar>

Wikipedia – Astrologia. Acedido Janeiro 30, 2015, em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Astrologia>

Wikipedia – Felicidade. Acedido Janeiro 30, 2015, em http://pt.wikipedia.org/wiki/Felicidade_Interna_Bruta

Wikipedia – Dia sem Carro. Acedido Janeiro 30, 2015, em http://pt.wikipedia.org/wiki/Dia_Mundial_sem_Carro

Wikipedia – Modernidade. Acedido Janeiro 30, 2015, em <http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%B3s-modernidade>

Wikipedia – Howard Gardner. Acedido Janeiro 30, 2015, em http://pt.wikipedia.org/wiki/Howard_Gardner

A TERAPIA ATRAVÉS DA COR DO DESENHO E DA PINTURA. VIVER A NOVA REALIDADE E INTUIR OUTRAS DIMENSÕES

Olga Sotto¹⁰¹(PEAP-PN/DGPC)

Resumo

No caminho do desenvolvimento espiritual existe a necessidade de pensar os problemas e os desafios, aproveitando e explorando, do início ao fim da vida, tudo o que nos permita actualizar ESTE TEMPO DE SER, com o objectivo de enriquecer e aprofundar o conhecimento, permitindo ao homem a possibilidade de construir caminho: *A boa interpretação de um desenho ou de uma pintura mostra a qualidade que ele esconde.*

A fonte da intuição situa-se no plano da alma na interpretação do desenho ou da pintura e vai libertando o sentido dos símbolos, propondo uma visão abrangente e uma percepção global dos acontecimentos, a intuição pede que sejamos capazes de nos abrir ao universal. A voz da alma chama-nos para crescer, para desenvolver ainda mais a benevolência, a tolerância e a responsabilidade. A interpretação de um desenho exige uma atitude baseada na compreensão do coração, acolher com bondade as diversas e diferentes informações, permite desenvolver a harmonia e o equilíbrio, que não é mais do que uma diferente maneira de as olhar.

Palavras-chave: Evolução, Visão, Transformação, Educação

Abstract

In the path of spiritual development there is a need to think the problems and challenges, leveraging and exploiting, from start to end of life, everything that allows us to update THIS TIME OF BEING, in order to enrich and deepen the knowledge, allowing the man the possibility of building way: *The good interpretation of a drawing or a painting shows the quality that implies.*

The source of intuition lies in the soul plane in the interpretation of drawing or painting and will releasing the meaning of the symbols, proposing a comprehensive vision and an overall perception of events, intuition requires us to be able to open ourselves to the universal. The voice of the soul calls us to grow, to further develop benevolence, tolerance and responsibility. The interpretation of a design requires an attitude based on an understanding heart, to welcome with kindness and the various different information, allows develop harmony and balance, which is no more than a different way of looking at them.

Keywords: Evolution, Vision, Transformation, Education

¹⁰¹ Licenciada em Educação Básica, Pós graduada em Gerontologia Clínica, Pós-graduada em Educação Artística, Hipnoterapeuta Clínica, Mestre Reiki e Magnified Healing, Artista Plástica; Directora do Projeto "Educação pela Arte e Património", Panteão Nacional, Direção-Geral do Património Cultural; www.olgasotto.com, olgasotto@gmail.com

Evolução e Visão

No caminho do desenvolvimento espiritual existe a necessidade de pensar os problemas e os desafios, aproveitando e explorando, do início ao fim da vida, tudo o que nos permita atualizar ESTE TEMPO DE SER, com o objetivo de enriquecer e aprofundar o conhecimento, permitindo ao Homem a possibilidade de construir caminho, através de um "pensamento consciente", de forma a entendermos claramente, que a cultura humana não pode progredir mais, enquanto não usarmos conscientemente o poder do estado de amor pleno ao serviço da evolução, com o objetivo de conseguirmos entrar profunda e completamente na ideia de sermos seres espirituais num mundo espiritual.

Este é o verdadeiro desafio desta geração se não formos bem-sucedidos, todos os sacrifícios das gerações anteriores terão sido em vão.

As nossas crianças são mais poderosas do que alguma vez foram, nascem mais fortes, mais inteligentes de uma forma completamente nova, estão mais envolvidas em atividades extracurriculares do que alguma vez estiveram, cantam, dançam, pintam, praticam uma variedade de atividades artísticas que lhes permite ter uma nova consciência e uma enorme sensibilidade.

Uma Educação pela Arte desenvolve uma melhor capacidade e qualidade de raciocínio, aumenta a capacidade de concentração, ajudando crianças e outros a serem mais competentes para desenvolverem e enfrentarem dificuldades.

A função do imaginário é fundamental, para se conseguir chegar aos pensamentos, sentimentos, memórias, aspetos da personalidade que se encontram no inconsciente e que eventualmente podem ser trazidos para o consciente, para que da parte das crianças, adolescentes e outros, exista uma maior compreensão dos sentimentos e das próprias situações que se passam e principalmente que desenvolvam a capacidade de ver e agir através de opções criativas, evitando a utilização a uma cognição limitada.

A experiência artística vai intensificar a expressão das vivências, assim como fomentar a consciência do sensorial e do equilíbrio estético. Neste contexto a tomada de consciência é importante para dar ao homem uma melhor qualidade de vida, elevando-o a uma nova consciência das suas intuições superiores: *A boa interpretação de um desenho ou de uma pintura mostra a qualidade que ele esconde.*

Transformação e Educação

Ao longo dos anos de estudo e investigação, nesta área, destacando a minha preferência a crianças, adolescentes e idosos, adquiri um “novo olhar” sem julgamentos e com a devida distância, através do desenvolvimento da intuição e do pensamento analógico.

Devemos desenvolver a nossa intuição para compreender a linguagem do desenho:

- Praticando o discernimento;
- Treinando o pensamento analógico;
- Confiando nas nossas sensações.

A intuição é a voz da alma e no decorrer do trabalho de interpretação, deve aparecer como um conhecimento imediato e não como um fato que implica raciocínio, deve surgir como uma ideia geradora de evolução e criação.

A fonte da intuição situa-se no plano da alma na interpretação do desenho ou da pintura e vai libertando o sentido dos símbolos, propondo uma visão abrangente e uma percepção global dos acontecimentos, a intuição pede que sejamos capazes de nos abrir ao universal.

A voz da alma chama-nos para crescer, para desenvolver ainda mais a benevolência, a tolerância e a responsabilidade.

Ao praticar o pensamento analógico, vou reunindo ideias e imagens diferentes, fazendo associações e correspondências de ideias entre diversos elementos que me vão permitindo classificar a emergência do sentido do símbolo, é de salientar que as representações são sempre diferentes dependendo de cada criança, adolescente ou até de um idoso, e até a forma e a cor, podem alterar a “verdadeira forma” do símbolo.

Num desenho existe mais de que um plano de interpretação, que deve sempre orientar-se de maneira a que seja benéfica para o desenhador, a escuta e o diálogo são ferramentas de grande valor na interpretação, o meu papel deve ser vigilante e aberto numa atitude de amor incondicional, e as palavras deverão ser queridas no coração, com o propósito de transformar “falsas” crenças, alargar o imaginário e ajudar a curar o mental.

O ser completo reúne os quatro elementos e faz harmoniosamente um apelo a estas energias: i) a do corpo (terra; esfera física); ii) do emocional (água; esfera astral); iii) do pensamento inteligente (fogo; esfera mental) e; iv) da alma (ar; esfera causal). Deste modo, a forma como entendemos as energias psíquicas é muito importante, podemos

fechá-las na área das identificações limitativas ou “abrir as asas” e deixar que a sua beleza se manifeste no âmbito da originalidade através da expressão da vida.

As cores têm uma enorme importância num desenho, porque cada cor possui uma nota vibratória específica e um sentido simbólico que lhe é próprio.

A interpretação de um desenho exige uma atitude baseada na compreensão do coração, acolher com bondade as diversas e diferentes informações, permite a harmonia e o equilíbrio, que não é mais do que uma diferente maneira de as olhar, ou de as revelar, visando desenvolver e maximizar os processos de captação, integração, elaboração e expressão de informação, no fundo tudo o que se pode definir como “aprendizagem”, visando de forma harmoniosa o desenvolvimento cognitivo e emocional, desenvolvendo a capacidade de aprender a aprender, de aprender a pensar e a refletir, de aprender a transferir e a generalizar conhecimentos, e de aprender a amar e a comunicar, muito mais do que memorizar e reproduzir informação.

Podemos aderir à visão de um mundo espiritual e agir através dos nossos poderes criativos para torná-la realidade: Aprendendo a conhecer; Aprendendo a fazer; Aprendendo a viver juntos; Aprendendo a ser.

Uma sociedade harmoniosamente estruturada, sólida e unida está na base do sucesso evolutivo da espécie humana, e também na origem do desenvolvimento do potencial adaptativo do homem, a arte acaba por ser uma pedra fundamental na evolução cultural e científica, uma vez que ela se baseia numa contínua expansão da imaginação espiritual.

REFERÊNCIAS

- Alvarez, M. (2006). *Psicologia transpessoal: a aliança entre a espiritualidade e a ciência*. São Paulo: All Print Editora.
- Di Biase, F.; Rocha, F. & Sérgio, M. (2005). *Ciência, Espiritualidade e Cura*. Goiânia: QualityMarck.
- De'Carli, J. (2010). *Reiki Universal*. Lisboa: Dinalivro.
- Fonseca, V. (1995). *Manual de Observação Psicomotora*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas.
- Fonseca, V. (1993). *Psicomotricidade*. São Paulo: Editora Martins Fontes.
- Fonseca, V. (1977). *Contributo para o estudo da génese da psicomotricidade*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas.
- Fonseca, V. (1987). *Educação Especial*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas.
- Fonseca, V. (2005). *Desenvolvimento Psicomotor e Aprendizagem*. Lisboa: Ancora Editora.
- Fonseca, V. (1988). *Escola quem és tu?*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Piaget, J. (1971). *A Formação do Símbolo na Criança. Imitação, jogo e sonho, imagem e representação*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Redfield, J. (1994). *A Profecia Celestina*. Lisboa: Notícias Editorial.
- Santos, J. (2010). *Saúde Mental e Educação*. Vialonga: Coisas de Ler.
- Santos, J. (1966). *Fundamentos psicológicos da educação pela arte*. In J. Santos et. al, *Educação Estética e Ensino Escolar* (pp. 19-75). Lisboa: Pub. Europa América, Lisboa.
- Santos, J., Berge, A. (1976). *A higiene mental na escola*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Santos, J., Monteiro, J.S. (1988). *Se não sabe, porque é que pergunta?'*. Lisboa: Assírio e Alvim.
- Santos, J. (1982). *Ensaio sobre educação - I.A criança quem é?*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Sotto, O. (2013). *Educação pela Arte e Património. Tomar*: DGPC.
- Vygotsky, L. (1997). *Estudos sobre a História do Comportamento*. Porto Alegre: Artmed.
- Vygotsky, L. (1999). *Desenvolvimento Psicológico na Infância*. São Paulo: Editora Martins Fontes.
- Vygotsky, L. (1999). *Psicologia da Arte*. São Paulo: Editora Martins Fontes.
- Vygotsky, L. (2009). *Imaginação e Criação na Infância*. São Paulo: Ática.

Weiss, B. (1998). *Muitas Vidas Muitos Mestres*. Lisboa: Pergaminho.

Wilber, K. (1977). *O Espectro da Consciência*. São Paulo: Cultrix.